

VOLUME
XXX

BOLETIM DO
ARQUIVO DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

2017

IMPRENSA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

• U • C •



“Mano muito do meu coração...”
**Reconstituição do arquivo pessoal
de D. Francisco de Lemos e transcrição
das cartas de seu irmão João Pereira Ramos
de Azeredo Coutinho (1775-1779)**

“Brother of my heart ...”
**Reconstitution of D. Francisco de Lemos
personal archive and transcription of his
brother João Pereira Ramos de Azeredo
Coutinho letters (1775-1779)**

ANA MARIA LEITÃO BANDEIRA
Técnica Superior de Arquivo
Arquivo da Universidade de Coimbra
amaria.bandeira@uc.uc.pt

Artigo enviado em: 27 de fevereiro de 2017
Artigo aprovado em: 26 de abril 2017

RESUMO

Foi identificada a correspondência familiar recebida por D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, que terá feito parte do seu arquivo pessoal. Entre esse núcleo de correspondência, encontram-se as cartas que lhe foram dirigidas por seu irmão João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. Estas mesmas cartas são agora apresentadas, em transcrição, sendo feita, primeiramente, a descrição arquivística do fundo documental. As relações de amizade que uniam estes dois irmãos transparecem ao longo de todas as missivas, permitindo-nos conhecer a intimidade familiar e a forma como os

assuntos públicos e privados são abordados. No período cronológico em que foram redigidas (1775-1779) D. Francisco de Lemos vivia os primeiros anos da implementação da reforma universitária e exercia, simultaneamente, o cargo de governador do bispado de Coimbra, durante a prisão do bispo D. Miguel da Anunciação.

PALAVRAS-CHAVE: D. Francisco de Lemos; Bispo de Coimbra; Universidade de Coimbra; Arquivo Pessoal.

ABSTRACT

It was identified the family correspondence received by D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, which have been part of his personnel archive. Between this correspondence, are the letters written by his brother João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. These same letters are presented now, with the archival description of the documentary fund where they belong. The letters reflect the friendship relations of these two brothers, allowing us to meet the familiar intimacy and how they speak about public and private affairs. The chronological period in which they were written (1775-1779) D. Francisco de Lemos lived the first years of implementation of the University reform and held the Office of Governor of the bishopric of Coimbra, during the arrest of Bishop Miguel da Anunciação.

KEYWORDS: D. Francisco de Lemos; Bishop of Coimbra; University of Coimbra; Personal Archive.

Apresentação

O núcleo epistolográfico recentemente identificado vem questionar a existência de um arquivo pessoal de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho¹ que terá sofrido, como tantos outros acervos documentais, uma desagregação, uma dispersão por outras instituições ou mesmo a desintegração total.

O teor pessoal, e por vezes intimista destes documentos, faz pressupor que eles faziam parte do seu arquivo pessoal, no período em que exercia já as funções de Reitor da Universidade e governador do bispado de Coimbra. Está pois, fora de questão, que formassem parte do arquivo institucional da

¹ Doravante, ao longo do artigo será utilizada a forma abreviada de seu nome: D. Francisco de Lemos.

Universidade de Coimbra, ou do Cabido ou ainda da Mitra Episcopal de Coimbra, que existem no Arquivo da Universidade de Coimbra.

A separação de documentos públicos e privados de há muito que vem sendo proposta, quando se faz a análise da produção documental e se inicia o tratamento arquivístico de um acervo. O olhar sobre os arquivos privados e pessoais tem sido dirigido muito mais a figuras que desempenharam cargos políticos e diplomáticos, ou que tiveram papel cultural de relevo.² Os arquivos pessoais são, hoje em dia, cada vez mais valorizados, pelo seu contributo para estudos em áreas diversificadas do conhecimento. É inquestionável a importância que, por exemplo, os arquivos pessoais de arquitetura têm como recursos de informação para o estudo da história da arquitetura, do urbanismo, das artes, etc. Veja-se o conjunto de arquivos pessoais de arquitetos e de engenheiros que têm sido adquiridos para integrar instituições públicas.³

Recentemente, diversas instituições têm orientado a sua preocupação para a aquisição de arquivos pessoais e privados, como a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra⁴, ou é feita a colaboração com outras instituições, no sentido de fazer o tratamento destes arquivos, como é o exemplo dado pelo Arquivo Distrital do Porto, ao ter feito, já há anos, um protocolo com a Fundação Eça de Queiroz para o tratamento do arquivo de família e arquivo pessoal do escritor. Também o Arquivo da Universidade de Coimbra recebeu, ultimamente, por doação, os arquivos pessoais (ou parte deles) dos professores da Universidade de Coimbra, os doutores Joaquim de Carvalho, José Martins Vicente Gonçalves e Manuel dos Reis.⁵

Uma questão pertinente é que, grande parte das vezes, os documentos de carácter pessoal se confundem com os documentos institucionais, sobretudo se eles eram guardados no mesmo local de desempenho de funções públicas; tornando-se difícil destrinçar os documentos que resultam do exercício de cargos públicos e oficiais, daqueles de cariz mais pessoal. Uma outra questão foi já referida por Fernanda Ribeiro, ao estudar o acesso à informação nos Arquivos:

² O interesse sobre os arquivos pessoais que ultimamente tem surgido revela-se na formação de associações e plataformas de discussão e gestão documental como: PAPIR (Plataforma de Arquivos Pessoais e de Instituições Religiosas), acessível em <http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/arquivos/index.php/>; Associação Portuguesa de Arquivos Históricos Privados, cuja atividade pode ser conhecida por acesso ao site <http://arquivoshistoricosprivados.pt/index.php/2016/12/> e que tem levado a cabo debates e conferências sobre arquivos de família e arquivos privados.

³ Estão divulgados pelo SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico) gerido pela Direção-Geral do Património Cultural e podem ser conhecidos no respetivo site.

⁴ Podem consultar-se as iniciativas de aquisição de arquivos, divulgadas no dossier de imprensa da instituição <https://www.uc.pt/bguc/DossierImprensa>

⁵ PAIVA, 2015: 725-732.

"[...] O facto de só modernamente se ter reconhecido o valor informativo dos arquivos pessoais também contribuiu para que não se tivessem conservado antigos arquivos, a que não era atribuída qualquer importância. Assim se perderam os acervos de inúmeras personalidades cuja acção justificaria a preservação desses testemunhos documentais".⁶

Não cabe neste texto uma análise ou discussão sobre o tratamento arquivístico de arquivos pessoais e arquivos de família, pois uns e outros estão frequentemente relacionados. No entanto, não podem deixar de ser mencionadas as questões que se levantam face a estes acervos, já debatidas em locais próprios, deixando de lado as questões de interpretação na perspectiva do historiador, do arquivista ou do cientista da informação.⁷

Quanto mais se recua no tempo, em que a atenção sobre documentos particulares e pessoais era ainda menor, há que acrescentar também o fenómeno da dispersão desses arquivos quer por diferentes instituições, quer, ainda, os casos em que houve herança de acervos documentais e posterior venda e aquisição por particulares. Refira-se o exemplo de um volume de apontamentos pessoais, à guisa de memorial diário, de Manuel Corte-Real de Abranches, reitor da Universidade de Coimbra entre 1664 e 1666, que surgiu há alguns anos à venda em leilão.⁸ Trata-se, efetivamente, de um exemplar de um volume do seu arquivo pessoal.

O caso do acervo epistolar recebido por D. Francisco de Lemos, proveniente, maioritariamente, de seus familiares mais próximos e, concretamente, em maior número de cartas, de seu irmão João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, insere-se numa destas situações acima invocadas. Foram localizadas, no Arquivo da Universidade de Coimbra, em momentos diferentes, em caixas dispersas de documentação não tratada arquivisticamente. No entanto, a coleção Salema Garção, também existente no AUC, integra as Cartas régias dirigidas a D. Francisco de Lemos, enquanto reitor da Universidade, incluindo a Carta de mercê de 14 de maio de 1770 da sua nomeação como reitor.⁹ Não

⁶ RIBEIRO, 2003: 395.

⁷ Refiram-se alguns trabalhos já publicados sobre o tema dos arquivos pessoais e de família: SILVA, 2004: 55-84 – acessível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4083.pdf>.; ROSA, 2009: 9-42 – acessível em <https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/39576/1/Problematicas%20historicas%20e%20arquivisticas%20actuais.pdf>.

⁸ Adquirido particularmente em 2011.

⁹ CASTRO; CAPELO, 1995: 161-185. A descrição arquivística da coleção Salema Garção pode ser consultada em PAIVA, 2015: 150-151; acessível em https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/guia_de_fundos_do_arquivo_da_universidade_de_coimbra

pode deixar de ser colocada a questão, sobre como puderam estes documentos ser adquiridos pelo Eng.º Salema Garção. No entanto, saliente-se a sua atitude de filantropo e benemérito, em doar à Universidade de Coimbra esta documentação, nos anos de 1949 e 1951.

Os acervos pessoais de reitores não são conhecidos, se excetuarmos os casos do Visconde de Vila Maior (Júlio Máximo de Oliveira Pimentel), reitor da Universidade de Coimbra entre 1869 e 1884, cujo arquivo pessoal se encontra no Departamento de Ciências da Vida, da FCTUC, ou o caso do doutor Francisco Gomes Teixeira, reitor da Universidade do Porto, de 1911 a 1917, que doou à Universidade de Coimbra a correspondência (com colegas matemáticos e personalidades do mundo da ciência e da cultura) do seu arquivo pessoal.¹⁰

Os acervos de instituições (públicas ou privadas) refletem a sua atuação, missão e atividades desenvolvidas, mas no caso dos acervos de arquivos pessoais, como aquele que agora se dá a conhecer (mesmo que seja, apenas, de forma fragmentária) a sua documentação transmite também o caráter individual do seu produtor, os seus traços de personalidade, a sua intimidade familiar. Incisivamente, assim o revela também Catherine Hobbs:

“There is an intimacy in the personal archive not present in the collective, corporate, formalized record-keeping system”, ou ainda “Personal archives reflect not only what a person does or thinks, but who they are, how they envision and experience their lives”.¹¹

O trabalho elaborado consiste na transcrição das cartas enviadas a D. Francisco de Lemos por seu irmão João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, entre 1775 e 1779, com informação sobre as personagens e assuntos tratados (apresentada em notas de pé de página), sempre que foi possível proceder a essa identificação. Previamente, foi feita a descrição arquivística do fundo documental em que as referidas cartas se inserem, de acordo com regras internacionais de descrição de arquivo. Optou-se por esta designação de fundo documental de um arquivo pessoal e não a de Sistema de Informação Pessoal, apesar da relevância que tem esta proposta de designação, nos novos domínios da ciência da informação.¹² É feita ainda uma breve análise das mesmas cartas e assuntos que versam.

¹⁰ Consulte-se a descrição arquivística do seu acervo em PAIVA, 2015: 721-723.

¹¹ HOBBS, 2001: 127-128.

¹² SILVA, 2004: 77.

Deve referir-se que este acervo já fora identificado, no Arquivo da Universidade de Coimbra, como o permite ajuizar um pequeno papel que sobreviveu para contar algo mais, cuja fotografia se apresenta de seguida. Escrita em ambos os lados, esta tira de papel tem, de um dos lados, uma nota redigida pelo doutor António de Vasconcelos, a tinta azul-violeta, como usava fazer e, de outro lado, uma outra nota, a lápis, do punho do licenciado João José de Brito e Silva, que foi 1.º conservador no Arquivo da Universidade.

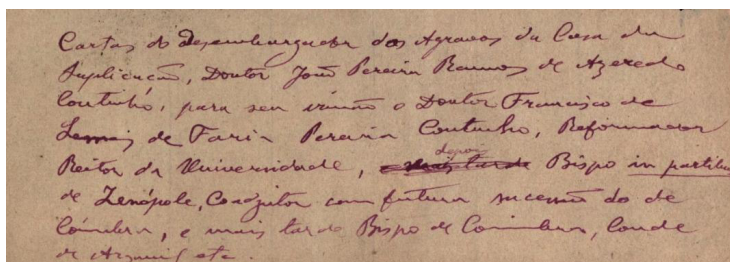


Foto 1 – Identificação das cartas dirigidas a D. Francisco de Lemos pelo seu irmão João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho que estaria colocada no macete que continha os documentos. A análise da grafia permite identificar o seu autor, o doutor António de Vasconcelos, primeiro diretor do AUC, de 1901 a 1927.

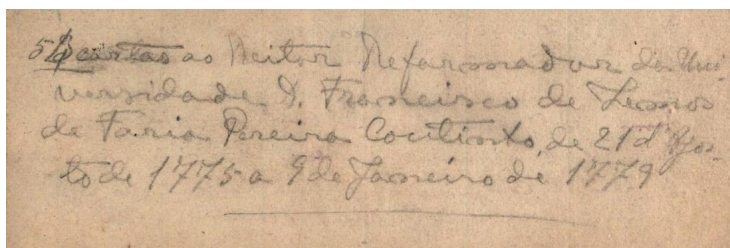


Foto 2 – No verso da mesma nota encontra-se um pequeno texto identificativo da autoria do lic. João José de Brito e Silva, 1.º conservador do AUC, em 1921-1936: "54 cartas ao Reitor Reformador da Universidade D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, de 21 d'Agosto de 1775 a 9 de Janeiro de 1779". Estas 54 cartas não foram transcritas na totalidade, como se refere no próprio texto, pelas razões alegadas.

1. Descrição arquivística do fundo documental D. Francisco de Lemos

Código de Referência: PT/AUC/PFM/DFL

Título formal: D. Francisco de Lemos

Datas de produção: 1775-1819

Nível de descrição: Fundo

Dimensão e suporte: 1 cx. (128 doc.); papel

Nome do produtor: Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho

História Biográfica:

Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho nasceu em 05.04.1735, na casa e morgado de Marapicu, freguesia de Santo António de Jacotinga, Rio de Janeiro (Brasil), sendo filho de Manuel Pereira Ramos de Lemos e Faria e D. Helena de Andrade Souto Maior Coutinho.

Estudou em Coimbra, no Real Colégio das Ordens Militares, e nesta cidade recebeu a prima tonsura e as quatro ordens menores, em 09.09.1753, concedidas pelo Bispo de Macau, D. Bartolomeu Manuel Mendes dos Reis, na Capela de São Francisco de Borja, do Colégio de Jesus. Frequentou a Faculdade de Cânones, desde 1740, tendo obtido o grau de licenciado em 24.07.1754 e o doutoramento em 24.10.1754; tendo sido opositor às cadeiras de Cânones, logo após o seu doutoramento.

Em 05.09.1767 tomou posse como juiz geral das três Ordens Militares. Foi deputado do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa e deputado da Real Mesa Censória, de que tomou posse em 29.04.1768. Por Decreto de 18.01.1768 foi nomeado Desembargador da Casa da Suplicação, tomando posse em julho do mesmo ano. Também em 1768 foi eleito pelo cabido da Sé de Coimbra vigário capitular do bispado e nesse mesmo ano foi nomeado governador do bispado, após a prisão do bispo D. Miguel da Anunciação.

Por Decreto de 08.05.1770 e Carta Régia de 14.05.1770 foi nomeado reitor da Universidade de Coimbra, tomando posse em 29.05.1770 que ficou registada no livro dos *Conselhos da Universidade* (vol. 44, fl. 9-20v), juntamente com a descrição do cortejo que o acompanhou desde que entrou na cidade, vindo da sua Quinta de São Martinho, até que chegou à sala grande dos atos.

O Alvará Régio de D. José, de 23.12.1770, de criação da Junta da Providência Literária, que ficava debaixo da inspeção do Cardeal da Cunha e do Marquês de Pombal, nomeava também os seus membros, entre os quais se contavam, entre outras personalidades, D. Francisco de Lemos, como reitor da Universidade, e seu irmão o Dr. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, Desembargador da Casa da Suplicação.

Recebeu a nomeação de membro do Conselho de Sua Majestade, por Decreto de 29.08.1772 e Carta Régia de 02.09.1772.

Por Carta Régia de 11.09.1772 foi nomeado reformador da Universidade e foi já nesta qualidade que preparou a visita do Marquês de Pombal à Universidade, para entrega dos novos Estatutos, que se iniciou em 22.09.1772.

Pela Bula de 13.04.1774 foi feita a confirmação da sua nomeação como Bispo de Zenopoli e como coadjutor e futuro sucessor do Bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação, que se encontrava preso no forte de Pedrouços. Foi o 52.º Bispo de Coimbra e 17.º Conde de Arganil.

Em 1777, D. Francisco de Lemos elaborou a *Relação Geral do Estado da Universidade de Coimbra, desde o princípio da Nova Fundação até ao tempo presente*, para com ela dar conta do que fora a sua atividade como reitor da Universidade, desde a sua nomeação em 1772 até setembro de 1777. Este trabalho seria apresentado à Rainha D. Maria I pelo seu Ministro e Secretário de Estado da Repartição dos Negócios do Reino, o Visconde de Vila Nova de Cerveira, servindo este texto de justificação à sua atuação na Universidade, numa ocasião em que já não tinha o apoio do Marquês de Pombal e do Rei D. José, falecido em 24.02.1777. A partir do ano de 1779, ausentou-se para Lisboa e ali residiu até 1799, tendo habitado no designado Palácio do Machadinho, na rua do Acipreste, na morada de seu irmão João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho que adquirira aquele palacete depois da morte do seu proprietário, José Machado Pinto. Quando o Marquês de Pombal faleceu, na sua casa da vila de Pombal, D. Francisco de Lemos presidiu às exéquias ali celebradas, em 11.05.1782.

Ocupou de novo o reitorado da Universidade, depois da sua nomeação por Carta Régia de 13.05.1799 e até 11.09.1821, data em que pediu a sua exoneração, quando contava já 86 anos de idade.

Fez parte de uma deputação organizada pelo general Junot, que se dirigiu a Baiona, encarregada de prestar cumprimentos a Napoleão, tendo saído de Lisboa em 17.03.1808. Devido à Guerra Peninsular e aos movimentos militares que tiveram lugar, só pode regressar ao país em 09.11.1810. Quando se preparava para entrar em Coimbra foi mandado desterrar para o Porto, por ter sido considerado traidor à pátria, ali permanecendo até 1812. Redigiu em sua defesa, em 1811, uma exposição dirigida ao Príncipe Regente, justificando a sua ausência do país e pedindo para regressar à sua diocese. Só lhe foi permitido regressar à sua diocese de Coimbra e à Universidade por Aviso Régio de 07.08.1812, tendo regressado apenas em 23.12.1813.

Deve-se-lhe o empenho na reforma universitária, bem como a direção das obras de construção dos novos edifícios da Universidade: Museu de

História Natural, Observatório Astronómico, Gabinete de Física, Hospital, Jardim Botânico, etc., bem como a renovação da Imprensa da Universidade.

Em 1817 foi contestado na sua atuação na Universidade, tendo surgido espalhados pela cidade alguns pasquins; dirimiu, então, diversas questões com os lentes da Faculdade de Medicina, doutores Ângelo Ferreira Dinis, Jerónimo Joaquim de Figueiredo e José Feliciano de Castilho, tendo conseguido a suspensão das suas funções, mas mais tarde vieram a ser reintegrados.

Foi seu homónimo seu sobrinho Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, nascido em Lisboa, em 29.10.1778, filho de seu irmão João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho e de sua mulher D. Maria Ramalho Cardal Arnaut de Rivo.

Enquanto Bispo de Coimbra, usava também os títulos de Conde de Arganil e Senhor de Coja. Devem-se-lhe diversas cartas pastorais, algumas das quais foram impressas em Lisboa, providenciando sobre instruções aos párocos, as dispensas matrimoniais, etc.

Faleceu na Quinta de São Martinho (freg. São Martinho do Bispo, c. Coimbra), propriedade da Mitra de Coimbra, em 16.04.1822. Foi na Sé de Coimbra que tiveram lugar as solenes exéquias fúnebres, em 23 e 24.05.1822, tendo sido proferidas orações fúnebres por Fr. António José da Rocha e por Fr. Fortunato de São Boaventura que foram impressas nesse ano.

História custodial e arquivística:

O arquivo pessoal de D. Francisco de Lemos devia ser formado por outra documentação que não terá sobrevivido até hoje. Por outro lado, assim como a documentação que foi identificada esteve largo tempo descaminhada, pode suceder que venha a ser localizada ainda, posteriormente, outra documentação.

Quando faleceu D. Francisco de Lemos, em 1822, residia então na Quinta de São Martinho (na freg. São Martinho do Bispo), em Coimbra e, muito provavelmente, ali conservaria alguma documentação particular. O mesmo se diga quanto à existência de documentos pessoais, guardados em armários do seu gabinete, junto aos seus aposentos, no Paço Episcopal, de acordo com o que pode ler-se no inventário feito em 30.04.1822.

Também no Paço Reitoral da Universidade poderão ter ficado alguns dos seus documentos pessoais.

De acordo com uma pequena nota manuscrita que se encontrava junto a alguns dos documentos: "*Cartas do Dezembargador dos agravos da Casa da Suplicação João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho...*", o autor dessa nota, doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos (diretor do AUC

entre 1901 e 1927), terá feito a identificação destas cartas pessoais, que integram o fundo documental, procurando atribuir-lhes um tratamento arquivístico.

Por seu turno, no verso da mesma nota, encontra-se uma outra identificação do punho do licenciado João José de Brito e Silva, que foi 1.º conservador do AUC entre 1921-1936: *"54 cartas ao Reitor Reformador da Universidade..."*, a revelar uma outra fase de tratamento arquivístico. São do seu punho, também, as identificações, a lápis, que estão colocadas no verso de algumas cartas, assim como a numeração sequencial de 1 a 54. Por impossibilidade de tempo para se dedicar a este trabalho, não lhe terá dado continuidade, pois no relatório sobre o seu trabalho no Arquivo, que redigiu em 28.05.1935, dá conta do excesso de trabalho, da desorganização do acervo e da falta de funcionários: *"Todos os cartórios que constituem hoje este arquivo, andaram em tempos confundidos"*.

Mais tarde, pese embora não ter sido possível precisar a data, as cartas foram de novo identificadas e colocadas em capilhas com breve identificação, denotando, ainda, nova etapa de tratamento arquivístico.

Refira-se, também, que o próprio D. Francisco de Lemos terá organizado a sua correspondência pessoal, de acordo com os breves sumários e indicações que deixou redigidos no verso das cartas, ficando a dúvida se é redação sua, ou de algum secretário, uma vez que a grafia parece ser diferente dos seus textos autógrafos.

Fonte imediata de aquisição ou transferência:

Não está ainda determinada a forma de incorporação deste fundo documental, no Arquivo da Universidade, uma vez que as caixas com documentação onde foram localizadas estas cartas não estavam associados a qualquer fundo, em concreto. Resta, ainda, a dúvida se este fundo poderá ter estado, sempre, integrado no acervo documental da Universidade de Coimbra, por D. Francisco de Lemos ter sido seu reitor. O atual edifício do Arquivo da Universidade foi inaugurado em 16 de outubro de 1948, transitando para aqui toda a documentação existente no antigo cartório da Universidade.

Âmbito e conteúdo:

Contém correspondência recebida de seus familiares, nomeadamente sua mãe Helena de Andrade Sotto Maior Coutinho, seus irmãos João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho e Inácio Rangel de Azeredo Coutinho (cartas redigidas no Rio de Janeiro, em 1778), suas irmãs, as religiosas Ana de São

Francisco e Maria da Encarnação, seu primo Francisco Teles Barreto de Meneses, de sua prima Ana Cândida de Castro Lemos e Morais, de seus sobrinhos Manuel Inácio, Inácio José de Morais e Brito e de sua sobrinha Maria da Conceição Lacerda.

Contem ainda correspondência de outras pessoas, para as quais não foi possível estabelecer laços familiares, mas que pelos apelidos utilizados poderão ser da família. Refiram-se os nomes desses signatários: Luís Manuel de Meneses Mascarenhas, Berarda Violante Ramalho da Fonseca e Lemos, Fernando Luís, Vicente Pereira de Melo, Grácia Perpétua de Almeida Beltrão, Marcelino Pinto, José Pacheco de Albuquerque e Melo, Damião Pereira, Bernardo Cabral Arez de Belmonte, José Xavier Teles, António Barbosa de Almeida, Monsenhor Freixo de Miranda (João Pedro Freixo de Miranda), Francisco Manso de Canais, José da Fonseca e Silva e Baltasar da Silva Lisboa.

As cartas são provenientes de diversos locais, desde o Rio de Janeiro, a Lisboa, Porto, Coimbra, Aguim, Lorvão, etc., sendo em maior número as missivas de seu irmão João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, redigidas em Lisboa, entre 1775 e 1779.

Todas estas missivas dão a conhecer assuntos de natureza particular, como o seja o pedido de Bernardo Cabral Arez de Belmonte para que seu filho seja admitido no Seminário de Coimbra (1785); ou o pedido expresso pelo Bispo do Rio de Janeiro para proteção ao aluno António Teles Barreto de Menezes que iria estudar na Universidade (1778).

As expressões utilizadas na forma de endereço das cartas, ou nas demonstrações de afeto, são demonstrativas dos laços de profunda amizade, de parentesco, ou de serviço. Refiram-se alguns exemplos, como: José Xavier Teles dirige-se ao seu *"prelado, amigo e senhor de toda a minha veneração e afeto"* (1819); António Barbosa de Almeida diz *"suspiro para ter a honra e gosto de beijar a mão a V. Ex.^a e de reunir-me ao seu serviço doméstico"* (1812); Monsenhor Freixo de Miranda [o doutor João Pedro Freixo de Miranda, prelado da Sé Patriarcal de Lisboa] subscreve-se como *"muito particular, reverente, afeto, venerador e obrigadíssimo"*, depois de invocar *"o favor e amizade com que [...] me honra"* e de pedir intercedência para o seu sobrinho João Gonçalo de Miranda Peleção, professor na Faculdade de Matemática.

Alguma documentação permite conhecer a vida interna da Universidade e os assuntos a tratar pelo seu reitor. Cite-se o exemplo da carta redigida por D. Carlos Maria de Figueiredo Pimentel (em 31.03.1777), quando fala da eleição para vice-reitor: *"sabendo V. Ex.^a das intrigas da Universidade"*; ou ainda, uma outra do mesmo signatário (em 21.04.1777): *"António Lopes*

Carneiro descompôs da cadeira os estudantes por faltarem às aulas, porém de hum modo muito imprudente [...] eles escandalizaram-se muito”.

O fundo documental engloba breves apontamentos manuscritos da sua atividade quotidiana, mais concretamente: rascunhos de duas cartas que terá redigido, um dos quais está lançado, curiosamente, no verso de documento de despesa, não datado, contendo o valor de trabalho de costura “*pegar botões em duas murças*”, “*feitio de vestido de pano roxo*”, etc., bem como apontamentos, em forma de agenda de trabalho (Foto 3), distribuído pelos dias da semana: “*responder a cartas de correio*”, “*presidir à Junta da Fazenda*”, “*presidir ao Conselho de Decanos*”, “*expediente da Secretaria de Estado*”, etc.

Sistema de organização:

Ordenação da correspondência pelo apelido, do nome de cada emissor das cartas, seguida de uma ordenação cronológica das cartas de cada um. No final ficaram colocados os rascunhos de cartas que terá redigido.

Idioma:

Português

Características físicas:

Oxidação do papel pela tinta ferrogálica, em alguns casos; manchas de humidade e fungos, com perda de suporte, em percentagem reduzida dos documentos.

Cota topográfica:

VI-3.^a-1-3-29

Instrumentos de descrição:

Índice dos nomes dos signatários de cartas e datas de sua redação.

Unidades de descrição relacionadas:

Complementar:

Portugal, Arquivo da Universidade de Coimbra – Universidade de Coimbra (F). PT/AUC/ELU/UC. Inclui documentação relativa à atividade de D. Francisco de Lemos enquanto reitor da Universidade

Portugal, Arquivo da Universidade de Coimbra – Mitra Episcopal de Coimbra (F). PT/AUC/DIO/MEC. Inclui documentação relativa à atividade de D. Francisco de Lemos como governador do bispado e como bispo de Coimbra.

Portugal, Arquivo da Universidade de Coimbra – Salema Garção (COL). PT/AUC/COL/SG. Inclui Cartas Régias de nomeação e de mercê de D. Francisco de Lemos como reitor da Universidade de Coimbra e um exemplar da “*Exposição que ao Príncipe Regente nosso Senhor fez o Bispo-conde Reformador Reitor desta Universidade*” que é apenas uma cópia do documento original.

Notas:

Outras formas de nome: Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.

Nota do arquivista:

Descrição elaborada por Ana Maria Leitão Bandeira, com recolha de dados durante a fase de organização e tratamento do fundo documental que também executou.

Nota ao elemento de informação *História Biográfica*: para sua elaboração foram consultadas as seguintes obras e fontes documentais:

BRAGA, Teófilo (1894) – *Dom Francisco de Lemos e a Reforma da Universidade de Coimbra*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.

MIRABEAU, Bernardo António Serra de (1889) – *D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. Esboço histórico-biográfico. O Instituto*, 36. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 597-609, 669-678, 737-741.

Ode á morte do illustrissimo e eiscelentissimo [sic] senhor D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho: bispo de Coimbra, conde d’Arganil, reformador reitor da universidade (1822). Coimbra: Imprensa da Universidade.

ROCHA, António José da (1822) – *Oração funebre que nas exequias do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra, conde de Arganil, reformador Reitor da Universidade, celebradas pela Mocidade Academica, recitou....* Coimbra: Imprensa da Universidade.

RODRIGUES, Manuel Augusto (1984) – *Biblioteca e Bens de D. Francisco de Lemos e da Mitra de Coimbra*. Coimbra: A.U.C., p. I-XII, 278-298.

SILVA, Hélia Cristina Tirano Tomás; LOURENÇO, Tiago Borges (2016) – *Palácio do Machadinho – As múltiplas vidas de uma casa. Cadernos do Arquivo Municipal*, 2.ªs., 5. Lisboa, p. 129-171.

TEIXEIRA, António José (1890) – *Apontamentos para a biographia de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. O Instituto*, 37. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 1-16.

AUC – *Universidade de Coimbra (F), Livros dos Conselhos da Universidade (SR)*, vol. 44 (1769-1772), fl. 19-20v – (cota AUC-IV-1.ªD-1-3-8).

Nota ao elemento de informação *História custodial e arquivística e Fonte imediata de aquisição ou transferência*: foram recolhidas informações nas seguintes fontes bibliográficas:

AUC – Universidade de Coimbra (F), Reitoria da Universidade (SC), *Correspondência Recebida (SR)*; *Correspondência recebida do Arquivo da Universidade*, (1897-1947) – (cota AUC-IV-2.ªE-11-4-15).

AUC – Mitra Episcopal de Coimbra (F); *Inventários e índices (SR)*; *Inventário do cartório da Mitra, 1822, liv. 128* – PT/AUC/DIO/MECIBR/07/04 - (cota AUC-II-2.ªE-1-3-7).

Nota ao elemento de informação *Âmbito e Conteúdo*: A dúvida acerca da proveniência pessoal de algumas missivas ou se as mesmas poderiam ser integradas nos fundos documentais da Universidade de Coimbra ou da Mitra Episcopal de Coimbra, atendendo aos cargos exercidos por D. Francisco de Lemos, foram dissipadas pela análise de expressões particulares e de intimidade que só poderiam usar-se em correspondência particular. Veja-se o caso da carta de José da Fonseca e Silva (Lisboa, 1797) que é endereçada eloquentemente ao "*Il.mo e Ex.mo Sr. Bispo Conde*", mas que refere que José de Seabra da Silva lhe pedira que confidencialmente escrevesse.

A identificação de alguns dos familiares, autores de cartas dirigidas a D. Francisco de Lemos, foi colhida em:

SILVA, Maria Beatriz Nizza da (2005) – *Ser nobre na colônia*. São Paulo: Editora UNESP, p. 193-195.

Regras ou convenções:

Conselho Internacional de Arquivos. *ISAD(G): Norma geral internacional de descrição arquivística*, adoptada pelo Comité de Normas de Descrição, Estocolmo: Suécia, 19-22 de Setembro de 1999. Conselho Internacional de Arquivos; trad. Grupo de Trabalho para a Normalização da Descrição em Arquivo. 2.ªed. Lisboa: IAN/TT, 2004.

Direcção Geral de Arquivos. Grupo de trabalho de normalização da descrição em arquivo. *Orientações para a descrição arquivística*. 2.ª v. Lisboa: DGARQ, 2007.

Data da descrição:

Elaboração: 2017-02

Couzas que devo fazer em cada
 huma das Semanas seg^{da} a
 repartição dos dias.

Seg^{da} ff.^a = Devo responder a todas as Cartas
 do Cons. sem falar a respeito alguma.
 e aproveitar p^o esse tempo q^o me re-
 ter no mesmo dia: Item p^o informar-me do
 estado das Obras no termo do Regimento.

Terça ff.^a = Tenho de presidir a Junta de Caren-
 da: Este dia devesa ler p^o mim Dei-
 tando particularm^{te} p^o o Real e informarme-
 do Estado das rendas, Cobranças do Expedien-
 te do Officeny de cumprir em nao em
 de suas obrigaçoes.

Quarta ff.^a = Tenho de presidir ao Conselho do Dia-
 nos. Este dia devesa deitar p^o os negocios
 relativos ao Objecto d^o Conselho, e p^o infor-
 mar-me do Estado da Secretaria; e p^o em
 extera de Invenio.

Quinta ff.^a = para as Informaçoes e mais cousas do
 Expediente da Secretaria de Estado.

Sexta ff.^a = Tratar particularm^{te} de informarme do
 Estado do Hospital em todo o seu objecto

Foto 3 – Apontamento de D. Francisco de Lemos, sem data, com indicação das suas tarefas ao longo dos dias da semana: “Couzras que devo fazer em cada huma das semanas segundo a repartição dos dias”.

Do Promotor & de Des.^{bro}
 de 1811
 Parabem

Foto 4 – Anotação no verso da carta redigida por Manuel Domingos de Gouveia (promotor do bispado de Coimbra) em 08.12.1811, na qual se congratula por D. Francisco de Lemos “ter sido declarado inocente, como devia”, depois de regressar a Portugal, vindo da ida a Baiona, incorporando a deputação que foi cumprimentar Napoleão. Envia-lhe “Parabem” (i.e. parabéns) e é isso mesmo que ficou redigido no verso da carta.

2. Breve análise da correspondência de João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho

As 49 cartas agora apresentadas foram redigidas entre 1775 e 1779, quando João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho se encontrava em Lisboa, residindo no Palácio do Machadinho, na rua do Acipreste, onde viverá também D. Francisco de Lemos, sempre que se ausentou de Coimbra para Lisboa.¹³ Apenas cinco cartas foram redigidas na designada Quinta das Praias, local ainda não totalmente identificado, para onde se dirigia, em períodos de descanso, para usufruir do uso terapêutico de banhos. Na missiva redigida em 12 de setembro de 1778, na Quinta das Praias (carta n.º 47), diz que retomara os banhos e fazia imersões da cabeça e de todo o corpo “apesar de hir para o mar na cadeira de que uso”. Esta expressão permite localizar a referida Quinta junto ao mar e dá uma informação sobre a sua forma de locomoção, em cadeira.

Nesse período, em que as cartas foram redigidas, ocupava na corte o cargo de Procurador da Coroa e por Decreto da Rainha D. Maria I, de 7 de agosto de 1778, seria nomeado Desembargador do Paço, conservando o mesmo lugar que anteriormente exercera. Nasceu no Rio de Janeiro, em 2 de julho de 1722, tendo sido batizado em casa de seus pais, o engenho de Marapicu, de que era proprietário seu pai, o capitão-mor Manuel Pereira Ramos de Lemos e Faria. Veio estudar para a Universidade de Coimbra, em 1 de outubro de 1739, tendo concluído o doutoramento na Faculdade de Cânones em 19 de julho de 1744 e foi lente substituto da 1.ª Catedrilha, da mesma Faculdade, em 1752 e em 1755, tendo sido colegial do Real Colégio de São Paulo, em Coimbra, enquanto foi professor da Universidade.

Dispensa-se aqui a indicação de uma biografia completa¹⁴, sendo referidos, apenas, os dados mais significativos. Por Decreto de 23 de dezembro de 1770 foi criada a Junta da Providência Literária, sendo nomeado seu membro, quando era Desembargador dos Agravos da Casa da Suplicação. Em resultado do trabalho desta Junta foi elaborado o *Compendio Histórico do Estado da Universidade*, em cuja redação foi colaborador.¹⁵ Deve-se-lhe a elaboração de grande parte dos *Estatutos da Universidade de Coimbra de*

¹³ SILVA; LOURENÇO, 2016: 129-171.

¹⁴ A biografia completa está publicada em *Revista trimestral de historia e geografia ou Jornal do Instituto Historico Geographico Brasileiro* (1840), t. 2 (abril, n.º 5) Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, p. 118-125.

¹⁵ Publicado em Lisboa, pela Régia Oficina Tipográfica, em 1771. Com edição fac-similada, em 1972, pela Universidade de Coimbra, por ocasião do II Centenário da Reforma Pombalina.

1772. Em 1774 teve ordem do Marquês de Pombal para assistir, semanalmente, às quartas-feiras e sábados, às conferências que se faziam em casa do referido Marquês, sobre negócios do Erário e em que estavam presentes outros conferentes, os ministros de Estado, o Procurador da Fazenda e o Tesoureiro Mor do Erário Régio.¹⁶ Por diversas ocasiões, ao longo de diversas cartas, dá conta a seu irmão D. Francisco de Lemos, destas reuniões em que participava e dos assuntos que estavam a ser tratados.

As cartas refletem assuntos diversos, de âmbito privado e público. Assim, estes assuntos podem ser analisados na esfera do foro familiar e privado, como: a compra de propriedades em Pereira (freg. do conc. Montemor-o-Velho) e Formoselha (freg. Santo Varão, do conc. Montemor-o-Velho), a administração deste património familiar, assim como daquele que fora herdado em Condeixa, como o prazo da Ega, para onde propõe a plantação de amoreiras, para criação de bichos-da-seda, as questões de arrendamentos de propriedades, a notícia sobre a compra do Engenho de Santo António de Jacutinga, no Brasil, por seu irmão Inácio de Andrade Sotto Maior, etc. Quanto a assuntos do foro familiar e privado podem ainda apontar-se, por exemplo: as notícias sobre suas irmãs, religiosas e preladas no Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Marvila, a notícia da vinda de seu primo, José Joaquim da Cunha Coutinho, chegado do Brasil e que se dirigia à Universidade de Coimbra, pedindo o seu acolhimento (cartas de 21.08.1775 e 29.09.1775); a notícia do nascimento de seu filho Manuel e o convite que endereçara aos Marqueses de Pombal, para padrinhos deste filho (carta de 23.09.1775), a "*padrinhagem*" dos Marqueses de Pombal, como foi referida; cite-se também o "*púcaro de água*" oferecido pelos festejos deste batizado e a prataria cedida por D. Francisco de Lemos para essa ocasião.

A vida da Universidade de Coimbra fica ilustrada com os seguintes temas, abordados nesta correspondência: as obras dos edifícios pombalinos e o projeto de uma nova livraria (carta de 02.12.1775), a vinda para a Universidade dos professores italianos Michele Franzini e Michele Antonio Ciera (cartas de 09 e 16.12.1775), a incorporação do património do Colégio da Madre de Deus de Évora (cartas de 24.02.1776, 02 e 13.03.1776), a publicação da dissertação de Domingos Vandelli intitulada "*Dissertatio de monstris*" (carta de 06.07.1776), que foi impressa na Imprensa da Universidade em 1776, a nomeação de um bibliotecário para a livraria da Universidade, tratando-se, provavelmente, de António Ribeiro dos Santos (carta de 20.07.1776), etc.

¹⁶ V. nota 14, p. 120-121.

Quanto à vida do país muito perpassa por estes documentos, desde as breves informações sobre as reuniões do Erário Régio, da Real Mesa Censória, das conferências em Oeiras, aos dados mais particulares sobre ministros, secretários de Estado, assim como a vida particular de alguns, como a do malogrado Desembargador José de Seabra da Silva. As expressões usadas, para dar notícias sobre este antigo ministro de Estado: *"já não tem tantas visitas, e se lhe observa bastante melancolia"* e ainda *"Dizem que está melancólico e assim me parece, posto que elle faz, quanto pode para disfarçar a melancolia"* atestam a amizade para quem se vira afastado da corte, depois de ter estado nos mais altos cargos.

Estando em causa uma epistolografia tão pessoal, houve, inicialmente, uma certa hesitação na sua publicação, pois entendia-se ser necessário respeitar a vontade de quem desejou mesmo que nunca fossem conhecidas as suas palavras. A identificação de certas expressões, de reserva destes escritos, fizeram redobrar essa hesitação: *"Peço-vos que rasgueis estas cartas para que se não vejaõ"*.¹⁷ Mantendo esta vontade do seu signatário, não foram transcritas as cartas que trazem consigo esta ressalva de privacidade. Por outro lado, trazer a público este acervo, faz jus a ambos os irmãos, ao permitir conhecer a sua individualidade e os seus laços de amizade.

D. Francisco de Lemos foi uma personalidade de destaque a quem muito ficou a dever a Universidade de Coimbra e a própria diocese, sendo certo que a sua atuação não terá agradado a todos com quem conviveu. Que perdesse a imagem que dele nos transmitiu Serra de Mirabeau:

"Dos homens notáveis que floresceram em Portugal pelos fins do seculo decimo oitavo e no primeiro quartel do seculo actual, raros sobressahiram tanto por assignalados serviços públicos e por vida laboriosa e acidentada como o celebrado antestite conimbricense [...]."¹⁸

Também Teófilo Braga o definiu de forma elogiosa, sobretudo pela sua atuação quando já não tinha qualquer proteccionismo:

"Homem de caracter íntegro teve a coragem digna de não renegar o Marquez de Pombal na sua desgraça, e elle próprio fez as exéquias pomposas ao decahido ministro, na villa de Pombal em 11 de maio de 1782."¹⁹

17 Palavras redigidas no final da carta remetida de Lisboa em 02.12.1775.

18 Citação colhida em RODRIGUES, 1984: 278.

19 BRAGA, 1894: XLII.

Sendo naturais do Brasil, estes dois irmãos não esquecerem as raízes familiares brasileiras e procuraram ajudar os sobrinhos que vieram estudar para Coimbra e outros familiares e amigos. As cartas testemunham esse protecionismo, podendo referir-se os nomes de Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho e Vasco Fernandes Coutinho,

O estilo epistolar utilizado oscila, por vezes, entre uma franqueza crua e um distanciamento cerimonioso. Citem-se algumas frases exemplificativas: "*Basta de matraca. Peço ocazioens de vos dar gosto e dezejo-as com o amor e eficácia de quem hé vosso Irmão muito amigo do coração*" (carta de 18.04.1776); e também "*já não morrerei sem este sacramento*" (ao noticiar a sua nomeação para o Desembrago do Paço, carta de 22.08.1778) ou ainda "*Não sey dar as graças que devo a Deus por este próspero passo da minha fortuna*" (ao referir-se à mesma nomeação, em 15.08.1778).

Nesta mesma carta acima referida revela, curiosamente, como os comportamentos humanos perduram no tempo, sendo tão atual a afirmação: "*Tem-se trocado as indiferenças por obzéquios*". Quanto a conselhos fraternais dados por um irmão mais velho (lembremos que o signatário das cartas era mais velho 13 anos) podem ler-se, por exemplo: "*Hé necessário não tomar as couzas a peito.*" (carta de 17.01.1778); "*[...] sempre vos aconselho a moderação, e circunspeção em tudo o que obrares*" (carta de 09.01.1779).

Por último, registre-se a forma como a saúde e a vida do monarca estavam sempre no centro das suas preocupações, revelando-se os banhos que toma em casa, com a água das Alcaçarias, esperando que fechem a feridas das pernas para os tomar no próprio local de Alcaçarias (no bairro de Alfama, Lisboa), as festas de toiros em Salvaterra, os banhos termais no Estoril, chegando ao pormenor de se dizer: "*acha-se tãobem incommodado de hemorroides, e dificuldade de obrar*" (carta de 13.03.1776).

Desconhece-se a razão de existirem cartas de periodicidade mensal, em 1775 e 1776, enquanto que para 1777 não existe qualquer carta, reduzindo-se também o seu número em 1778. Apenas existe uma carta em janeiro de 1779, uma vez que a partir deste ano D. Francisco de Lemos vai viver para Lisboa e por isso deixa de se corresponder com o irmão, pois convive diariamente com ele, residindo em sua casa.

Atente-se em que todas as cartas se iniciam, invariavelmente, com a saudação "*Mano muito do meu coração*" e a subscrição é também, geralmente, "*Irmão muito amante do coração*" ou "*Irmão muito amigo do coração e obrigado*". Com esta divulgação permite-se conhecer a dedicação de

ambos à causa pública, no desempenho de seus altos cargos, não esquecendo nunca os laços que os uniam e os cuidados com a família e seus conterrâneos.

Notas à transcrição das cartas:

Foram seguidos os seguintes critérios de transcrição paleográfica:

- Atualização de maiúsculas e minúsculas.
- Separação de palavras indevidamente unidas e união de palavras separadas.
 - Manteve-se a pontuação original, atualizando-a apenas nos casos de dúvida, ou nos casos em que seria mais compreensível o texto.
 - Atualização da acentuação gráfica de palavras.
 - Desdobramento de abreviaturas, mantendo apenas as que são, ainda hoje, de uso corrente como Sr., Sra., D., Snor., Sor., V. Ex.^a, etc.
 - Atualização de grafia de palavras abreviadas, como, por exemplo Lx.^a, i.e., Lisboa.
 - As palavras de leitura duvidosa foram transcritas seguidas de (?).
 - A utilização de [sic] a seguir a palavras cuja grafia pode estar errada, mas que foi mantida, ou cuja compreensão está comprometida.
 - O símbolo &c foi desenvolvido para etc.
 - Manteve-se a ortografia, no que respeita a consoantes e vogais duplas, colocando hífen nos casos em que atualmente se usam, para melhor compreensão do texto.
 - A assinatura de João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho foi desenvolvida apenas para Azeredo Coutinho; partindo de leitura das letras monogramáticas RAC ou AC.
 - Colocou-se entre [] a indicação de texto escrito posteriormente à finalização da carta (nas margens superiores ou inferiores).
 - Colocaram-se < > para indicar as palavras entrelinhadas.
 - Não foi dada indicação das palavras rasuradas, quando estas não comprometem a leitura do texto.
 - Manteve-se a diversidade de grafia de nomes, como no caso de Crisóstomo que surge nas variantes de Chrizostomo, Crisostomo e também utilizando o X, da forma abreviada do nome de Cristo (em grego Xpto), como Xsostomo e Xzostomo, situação em que foi feita a transcrição para Crisóstomo (exemplos nas cartas n.º 2 e 4).

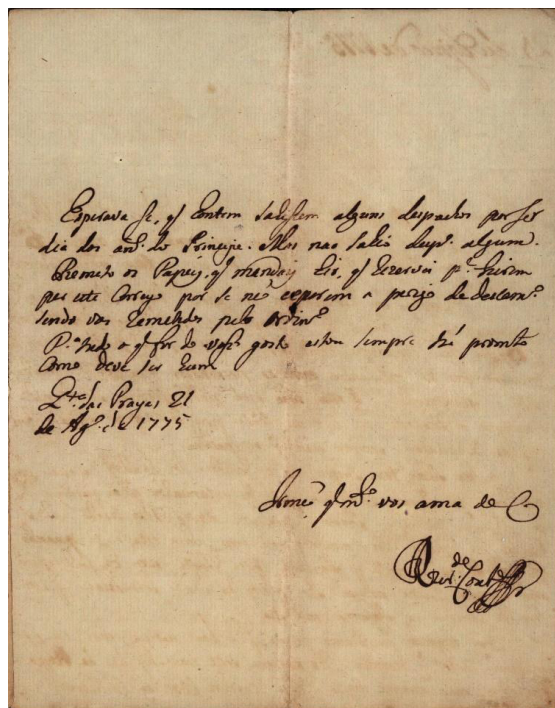


Foto 5 – Reprodução da última folha da primeira carta, redigida na Quinta das Praias, em 21 de agosto de 1775, com a assinatura de Azeredo Coutinho, na forma que foi usada em todas as cartas, exceto as n.º 45 e 46, em que usou João Pereira Ramos.

3. Cartas de João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho a seu irmão D. Francisco de Lemos

1 – 1775, agosto, 21, Quinta das Praias²⁰

Mano muito do meu coração. Com as boas notícias da vossa saúde, que tenho recebido, não só nas vossas cartas, mas também nas de outras pessoas, que mais particularmente tem segurado achares-vos livre das pintas, que tinhaõ vindo à superfície da cútis, tenho concebido hum gosto tal, como podeis supor de hum irmão, que sempre vos amou com especialidade. Queira

²⁰ A Quinta das Praias, de onde são redigidas algumas das cartas, era certamente uma quinta de recreio junto ao mar. Na carta n.º47, também ali redigida, refere os banhos e a ida ao mar. No entanto, em Belém e junto ao rio Tejo, situaram-se inúmeras quintas, junto às praias, algumas das quais na posse de famílias nobres. Entre essas quintas refiram-se: a Quinta Real da Praia, situada no local onde está hoje edificado o Centro Cultural de Belém, que foi adquirida por D. João V. Ali esteve depois o Palácio da Quinta da Praia, na posse da família do Marquês de Loulé.

Deos continuar-vos huma saúde sempre feliz e vigorosa, para que sobre esta baze possais edificar a vossa verdadeira fortuna, que nunca podereis desfrutar sem huma boa saúde, e sem huma perfeita tranquilidade de espírito. Como ainda tendes mais de hum mez para continuares no retiro dessa quinta, fazendo exercício, e dando os vossos passeyos, espéro em Deus que o Outubro vos ache bastantemente fortalecido para poderes aguentar o trabalho do anno seguinte. Para o conseguires porém he necessário que neste bimestre das férias não vos canseis, nem trabalheis tanto, como fazem certo as vossas contas, que nelle tendes já dado para o Senhor Marquez.

Eu aqui vou passando nestas Prayas sem novidade considerável. Conto já 22 banhos, dos quaes sempre tenho tirado alguma vantagem. Brevemente porém determino recolher-me a Lisboa. Porque não quero que aqui me apanhe o parto de minha mulher, que de dous de Setembro por diante pode verificar-se em qualquer hora. Queira Deus dar-lhe huma hora feliz; para que me não sobrevenha agora mais esta occasião para a minha aflicção. Manoel vai-se criando muito bem, e com muita esperteza, e robustez.

O Amaral sey que só leva por hora providência do Senhor Marquez para a exasperação das penas dos Novos Estatutos, que respeitaõ os vadios que a esta Universidade concorrem, vestindo-se de batinas para melhor se introduzirem com os estudantes, com os perniciosos fins de os roubarem, e preverterem.²¹ O mais não está ainda provido, succedendo o mesmo a matéria da última conta, porque o dito Senhor tem andado com as suas costumadas, e sempre grandes occupaçoens.

Sua Magestade tem suspendido o remédio dos banhos há mais de oito dias, por alguma humidade, que se lhe encaminhou para as pernas, e lhe fez algumas feridinhas. Parece que nenhum alívio tem tirado dos banhos do Esturil.²² Porque ainda que está bem, assim estava já quando foi para elles; e posto que alguma couza sinta, não hé substancial, nem ameaça ruina mayor. Hé efeito da idade sexagenária, que sempre hé sujeita a alguma moléstia.

²¹ A Provisão do Marquês de Pombal de 12.08.1775 determina, entre outros assuntos, a proibição do uso do trajo académico, por outros que não pertencessem ao corpo académico ou fossem eclesiásticos. Refere, textualmente: "*Que ninguém das portas da cidade de Coimbra para dentro possa usar de vestidos talares, se não for pessoa ecclesiastica, ou addida a alguma das igrejas da referida cidade; ou daquelas pessoas, que constituem o corpo académico, quaes são Professores, Doutores, e Estudantes que frequentam as aulas da sobredita Universidade...*". Ordena também a expulsão da cidade de todos os estudantes que residam na cidade e não se matriculem dentro do tempo previsto pelos Estatutos da Universidade. Esta Provisão encontra-se inserida em: *Universidade de Coimbra (F); Alvarás, Decretos, Cartas, Provisões (SR); Nova Fundação e Reformação da Universidade (1774-1776)*, vol. 2, fl. 136-137 – (cota AUC-IV-1.ºD-3-2-8). Foi também publicada em ALMEIDA, 1937: 209-210.

²² Os banhos do Estoril (c. Cascais, d. Lisboa) podem ser aqui entendidos como os banhos termais, na nascente de água mineral designada Estoril – v. COSTA, 1938: 381.

Dos negócios de Roma parece, que há boas notícias; mas eu não sei couza certa, que adiante; da mesma sorte nada sey dos da nossa América, onde sempre espero, que haja carolos com os Castelhanos. Esperava-se, que hontem sahíssem alguns despachos por ser dia dos anos do Príncipe. Mas não sahio despacho algum. Remeto os papéis, que mandais hir, que reservei para hirem por este correyo por se não exporem a perigo de descaminho sendo-vos remetidos pelo ordinário.

Para tudo o que for do vosso gosto estou sempre já (?) pronto como deve ser hum

Irmão que muito vos ama do coração

Quinta das Prayas, 21 de agosto de 1775

Azeredo Coutinho²³

[fl.1] Agora vou a falar-vos sobre José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho²⁴ filho de Sebastião da Cunha Coutinho Rangel. Hé moço de 32 anos de idade, muito propózito, e muito assento, extraordinário dezejo de saber, e grande aplicação aos estudos, que depois da Gramática, e da Filozofia, e Moraes do paíz, tem sido os da jurisprudência, a que se entregou, quando correu a cauza sobre o morgado, que elle recuzou sendo filho mais velho em beneficio do irmão segundo, da qual jurisprudência tem grandes tinturas, e fala nas matérias, como Professor. Tãobem tem cultivado muito a Teologia Moral, e nas conferências que o novo Bispo do Rio²⁵ faz em sua caza sobre ella com os seos clérigos, elle concorreu sempre, e deu taõ boa conta de si, que o dito prelado espera ter nelle huma das melhores columnas do seu bispado. Ainda que não hé clérigo, e não tem ordens algumas, por ficar sem efeito por ocasião da desgraça de Seabra²⁶ hum avizo, que lhe mandei, elle traja já como tal, trazendo o seu cabelo sem poz, e vestindo batina curta.

²³ O texto que se segue está lançado em duas folhas que poderão não pertencer a esta carta, mas que nela se encontram inseridas.

²⁴ Natural de Campo de Goitacazes (Rio de Janeiro), onde nasceu em 1742, viria a estudar na Universidade de Coimbra, em Cânones. Obteve a formatura em 30.05.1780 e o grau de licenciado em 30.07.1785, tendo ocupado depois diversos cargos eclesiásticos, durante a sua vida, desde bispo de Olinda a Inquisidor-Geral. A sua biografia pode ser conhecida em BRAZ, CONTI, 2013: 1-18, acessível em <http://www.revista.ufpe.br/revistatempohistorico/index.php/revista/article/viewFile/49/43>.

²⁵ Referência a D. José Joaquim Mascarenhas Castelo Branco, bispo do Rio de Janeiro, de 1773 a 1805.

²⁶ Antecedido de palavra riscada. O doutor José de Seabra da Silva, Desembargador do Paço e Ministro de Estado, adjunto do Marquês de Pombal foi afastado de todos os cargos públicos por Ordem régia de 17.01.1774. Daí a referência à suspensão de todas as decisões por si tomadas, que de novo será feita mais adiante, em carta de 29.09.1775. Trata-se da primeira de muitas referências que lhe são feitas, ao longo desta correspondência.

O Bispo do Rio de Janeiro me faz as mayores abonaçoens do seu talento, applicação e virtudes. A minha experiência (?) e o que delle me diz Manuel (?) Francisco confirmão tudo largamente. A figura não hé má, posto que na cor seja bastantemente trigueiro. O irmão hé o sucessor do morgado de José de Azeredo recuzado por este para poder encher a vocação de clérigo e está já de posse do dito morgado. O pay hé Sebastião da Cunha²⁷, que aqui conhecestes, e tratastes parente honrado, que sempre tratamos. Acha-se porém tão pobre, que apenas tem hum partido em hum engenho achando-se ainda com duas filhas donzelas. Por não ter com que lhe assistir, não tem elle vindo mais cedo para a Universidade.

Agora foi a Marapicu²⁸ pedir a nossa May que vos pedisse o tenhais em vossa caza; representado-se-lhe que de nada vos serviria de gravame o referido, e esperando poder elle auxiliá-lo para o vestuário. Nesta esperança embarcou e está. O mesmo me pedem a mim, que vos peça. Eu lhe disse vos remetesse as cartas, que traz para vós de nossa May, e do Pay; mas elle diz que as quer pessoalmente entregar. Eu lhe ponderei já os embaraços de estar na vossa caza onde há muita falta de cómmodos, e onde tendes recuzado admitir outros parentes pelas mesmas razoens. Tenho-lhe dito, que faça (?) a sua jornada com Francisco de Macedo²⁹ seu parente, e que vá pernoitar em caza delle, e vos procure logo que chegar, desviando-se de hir em direitura para vossa caza. Vós lá fareis o que vos parecer, bem entendido, que nenhum hé tão digno de todo o benefício pelas suas virtudes. Tem-me lembrado, que poderia ficar em algum quartinho do Paço Episcopal, ou que pode ficar com o Macedo. Falta-lhe gosto de estudos modernos, mas como hé muito aplicado, há-de melhorar. Desconhecer o parentesco hé impossível, sendo notório, vindo com Manuel Francisco, e outro menino (?), tratando-nos a todos por tios, e assim no Brasil, sendo recebido por mim nesta caza, e nella buscado, como tal por algumas pessoas distintas, e sendo parentes com que sempre nos tratamos, posto que não são mais chegados, que o Macedo e o Sodré³⁰, que se não tomar caminho, sendo bem adver-

²⁷ Referência a Sebastião da Cunha de Azeredo Coutinho, cujo segundo filho, com o mesmo nome, lhe sucedeu no morgado, por recusa de seu irmão mais velho que viria a ser o já referido bispo.

²⁸ Foi no engenho de Marapicu (em Santo António de Jacotinga, Iguaçu, estado do Rio de Janeiro), pertencente ao seu pai Manuel Pereira Ramos, que nasceu D. Francisco de Lemos, em 1735.

²⁹ Trata-se, seguramente, de Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, natural do Rio de Janeiro, que estudou na Universidade de Coimbra, na Faculdade de Leis, entre 1772 e 1776.

³⁰ Referência a António Sodré Pereira de Azeredo, filho de José Pereira Sodré, natural do Rio de Janeiro, que apenas esteve matriculado na Universidade de Coimbra, na Faculdade de Filosofia, nos anos letivos de 1774 a 1776 e não prosseguiu os seus estudos.

tido, se fará o que determinares, visto não saber aproveitar-se de vossa grande esmola. O tal Jozé Joaquim toca com saltério, e sabe solfa. Nada mais tenho, que vos diga sobre este assunto.

2 - 1775, setembro, 23, Lisboa

Mano do meu coração. Hontem 6.^a feira 22 do corrente recebi a vossa carta vinda pelo novo correyo, e escrita na terça-feira próxima antecedente. E depois de dizer-vos, que della fiz o devido apreço pela certeza do bom estado da vossa saúde e do muito que vos tem aproveitado a assistência no campo, o que vós bem podeis supor do meu affecto, ainda que nisso não vos tocasse, devo passar a dar-vos conta do mais que fazia o objecto della.

Na manhã do mesmo dia mandei entregar a carta de Luiz Jozé Foucault³¹ ao negociante a quem vinha dirigida, recommendando ao portador <lhe pedisse que lhe> dissesse logo de palavra, se o negócio della, se havia de efeituar, ou não; satisfazendo o portador a esta mesma recommendação, lhe respondeu o dito negociante, que não podia ser, por se tratar de huma quantia muito avultada, e que nem acharia hoje em Lisboa quem o fizesse, concluindo depois deste dezengano, que elle responderia a Luiz Jozé pelo correyo. Devendo avizar-vos logo deste successo, como determinastes, não o fiz, porque aqui se não achaõ, nem o Amaral³² que vindo aqui dizer-me que João Crisóstomo³³

³¹ Luís José Foucault trabalhou na Aula do Comércio, em Lisboa, tendo sido nomeado funcionário da Universidade de Coimbra em 1772, como escrivão da Junta da Fazenda. Acumulava os cargos de escrivão e secretário da Junta da Fazenda da Universidade, contador da Contadoria da mesma Junta e escrivão da receita e despesa do tesoureiro geral da Universidade. Serviu estes cargos desde 01.10.1772, podendo conhecer-se os pagamentos dos seus ordenados através da consulta dos volumes da série documental de *Livros de Folhas de Ordenados*, organizados internamente de forma quadripartida: Folha Académica (pagamento a professores), Folha Eclesiástica (pagamento a capelães da capela da Universidade e restantes funcionários a ela adstritos), Folha Económica (pagamentos aos funcionários da Junta da Fazenda, Tesouraria e Contadoria) e Folha Civil (funcionários da Conservatória da Universidade: ouvidor, solicitador, meirinho, almotacés, etc.). Veja-se o primeiro volume (1772-1773) desta citada série (cota AUC-IV-1.ºE-11-5-41). Recebia um substancial ordenado de 480\$000 anuais, valor a que foram acrescidos mais 120\$000 anuais, por Provisão régia de 02.10.1775, de acordo com a informação registada a fl. 7v, do volume do ano letivo de 1773-1774 (cota AUC-IV-1.ºE-11-5-42). Para compreender o valor deste ordenado, pode fazer-se uma comparação com o ordenado do Dr. Miguel Carlos da Motta e Silva, secretário e mestre-de-cerimónias da Universidade que auferia, apenas, 400\$000 anuais.

³² António do Amaral era o correio da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, empregado no expediente da Universidade, como refere, usualmente, nos pedidos de pagamento de serviços, apesar de não existir qualquer documento anterior a 1782 - V. *Universidade de Coimbra (F); Correio e cautelas de seguro (DC)*, (cota AUC-IV-1.ºE-8-3-18A).

³³ A primeira referência a João Crisóstomo de Faria e Sousa de Vasconcelos e Sá (1732-1803) que irá surgir, diversas vezes, ao longo desta correspondência. Ocupou, entre outros cargos, o de oficial maior da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino. Foi também "o Secretário da Visita e

o tinha expedido, e aviado para poder partir a levar-vos a notícia do nascimento do vosso novo sobrinho, foi por mim expedido com a dita notícia na 2.^a feira, dia em que hindo de tarde a Oeiras, me disse o dito João Chrisóstomo o contrário, posto que aprovando, e havendo por aprovado o que eu fizera, sem embargo de que a dita jornada pertencia ao Ventura. Nem o dito Ventura se acha taõbem, porque depois do dito dia partio passados dous, ou três dias, tomando contra mim o despique de não me dar parte, nem vir aqui saber, se queria para vós alguma couza. Por esta razão, e por ser hoje dia do correyo, tomei a resolução de fazer-vos por elle o dito avizo, diligenciando porém saber por outras vias, se há algum portador, que possa chegar lá com mais alguma presteza. Não posso deixar de repetir-vos o que vos disse sobre o assumto, que fez necessária a dita carta e muito mais depois, que sey as circunstâncias, que me expusestes.

Hé negócio, a que não procedera só pela minha vontade e a que só procedi, quando me (?) faria muito reparável deixar de fazê-lo. Hoje entendo, que receberei a conta feita na forma do meu segundo avizo respectivo a esta matéria, porque nos dias passados, em que podia, e esperava recebê-la, perguntando eu por ella, me disse, o commissário, que por ter andado excessivamente occupado não pudera fazê-la, por depender ella do exame de livros, que por outras occupaçoens indispensáveis e indiferíveis não pudeira examinar e conferir. Pelo que até agora não tem feito falta a <da> promtificação do preço, e vindo a providência depois de vos chegar este avizo com a brevidade possível, tudo se poderá compor sem incómmodo algum, havendo concorrido para isso a demora, que cá tem havido na conta, principalmente sendo agora tempo de se cuidar mais nas vindimas, e no recolhimento dos frutos, do que na alienação dos prédios.

Minha mulher, e o vosso novo sobrinho vão passando bem, graças a Deus.³⁴ Já fallei aos Senhores Marquezes para padrinhos e sobre o bap-
ti-

Nova Fundação da Universidade" e nesta qualidade subscreve uma carta enviada a D. Francisco de Lemos, em 08.07.1775 – v. *Universidade de Coimbra (F); Alvarás, Decretos, Cartas, Provisões (SR); Nova Fundação e Reformação da Universidade (1774-1776)*, vol. 2, fl. 125 – (cota AUC-IV-1.^oD-3-2-8). Existem inúmeras outras cartas, assinadas por João Crisóstomo, inseridas neste volume referido, as quais, invariavelmente, utilizam a invocação "*Meu Prelado, meu Amigo, e meu Senhor*". Algumas destas cartas estão publicadas em ALMEIDA, 1937: 79, 111, 119, 191, 186, 210.

³⁴ Este novo sobrinho é José Ramalho. Manuel Pereira Ramos de Azeredo Coutinho Ramalho, o primeiro sobrinho, viria a ser aluno da Universidade de Coimbra e, de acordo com os procedimentos habituais, entregou uma certidão de batismo, para fazer prova de idade. Assim, podemos confirmar que os Marquezes de Pombal também foram padrinhos de seu batismo, tendo sido batizado na ermida da casa de seus pais, na rua do Acipreste, freguesia de Santos, em 27.04.1774 – V. *Universidade de Coimbra (F); Certidões de Idade (SR)*, vol. 40, fl. 90 – (cota AUC-IV-1.^oD-5-2-40). Irá ser referido diversas vezes em outras cartas.

zante dura a questão indeciza. Falta-me o tempo para falar em mais couzas; porque vou para Oeiras, e deixo esta feita, porque na volta de lá raro hé o dia, em que posso escrever a tempo do correyo. Sua Magestade vai melhor. Os Senhores Marquezes bons. Ouvi a Fr. Joaquim que há portador para lá em hum destes dias próximos. Por elle escreverei o que mais ocorrer. Por hora concluo pedindo as ocazioens do vosso gosto para as cumprir, como

Irmão amante do coração e muito obrigado

Azeredo Coutinho

Lisboa 23 de setembro de 1775

3 - 1775, setembro, 24, Lisboa

Mano muito do meu coração. Como António Pereira veyo aqui dizer que parte esta manhã para essa cidade, e que pertende lá chegar na terça-feira próxima, adiantando-se consequentemente ao correyo ordinário, pelo qual tenho respondido a vossa última carta vinda pelo último correyo da Secretaria, que para lá expedistes, aproveito-me da occasiaõ, que elle me oferece para vos dizer, que estimei, como sempre, a certeza da vossa saúde, que me participastes na dita vossa última carta; que muito vos agradeço a promptidão, com que provestes ao preço da compra que vos communiquei, em que o meyo da dita providência não sortio efeito, porque mandando eu logo entregar a carta do Foucault, que vinha dirigida ao dito fim, e saber a rezolução do negociante, a quem veyo, logo este disse não ser possível apromtar a quantia de que na dita carta se tratava, por ser muito avultada, e que nem se acharia hoje na terra pessoa alguma que o fizesse. À vista do que fica este negócio³⁵ ainda por se concluir até que chegue nova providência, pela qual ainda pode esperar sem dizer, nem inconveniente, porque ainda hontém não me deu Estevão António a última conta por ser dia de sábado, em que elle costuma vir a Lisboa as suas cobranças, digo, as cobranças das rendas do Senhor Marquez, e até a minha vinda de Oeiras não tinha voltado.

Hontem me disse João Chrisóstomo, que terça, ou quarta-feira vos expede o último correyo, e que por elle hão de hir as Provizoens da vossa reconducção;³⁶ por que até agora não houve lugar de se expedirem. O

³⁵ Poderá tratar-se de uma referência ao intento de aquisição da Quinta das Carrafochas, na localidade de A-das-Lebres, no concelho de Loures. A quinta, com sua casa, foi adquirida, efetivamente, no final do séc. XVIII, por João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho (vide descrição da casa da quinta em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10425)

³⁶ Alusão à recondução de D. Francisco de Lemos no cargo de reitor da Universidade de Coimbra que só viria a ser feita no mês seguinte. Foi reconduzido neste cargo, por mais três anos,

Morgado de Oliveira³⁷ me disse taõbem hontem que assistira à abertura da vossa carta, em que remetestes o plano último respectivo à conservação, e florecência da Faculdade de Teologia, fazendo-me elle muito grandes elogios, e repetindo outros semelhantes, que ouvio ao Senhor Marquez. Isto me enche de summo gosto, e para vossa satisfação, e consolação vo-lo participo.

Quarta-feira da semana passada hindo eu a caza do Senhor Cardial³⁸ satisfazer a atenção de lhe participar o nascimento do meu 2.º filho, me falou na obra das Constituiçoens; e dizendo-lhe eu, que nella cuidavas com muita diligência, e que posto que as impreteríveis obrigaçoens dos vossos ofícios vos não tinhaõ permitido adiantá-la com tudo ultimamente me havias avizado, que sobre ella determinavas escrever a Sua Eminência, e que para ella convertias presentemente os vossos cuidados. Mostrou ficar disto muito satisfeito, e acrescentou, que dezejava muito os progressos, e conclusão da dita obra, porque o Senhor Marquez se acha agora com grande appetite de vê-la concluída e fala repetidas vezes na prompta expedição delle por ser chegado o tempo prescrito na Carta Régia, recomendando-me muito, que vo-la lembrasse, e dando-se por muito satisfeito com a certeza, que lhe dei, de que estavas na rezolução de consagrar a ella as vossas vigílias presentes. Hontem me perguntou em Oeiras, se vos escrevia, ainda hontem mesmo pelo correyo, e me recommendou vos agradecesse da sua parte o generozo mimo das caixas de doce, que erão admiráveis e excellentes.³⁹

por Ofício do Marquês de Pombal de 02.10.1775 – o documento original está inserido em *Universidade de Coimbra (F): Alvarás, Decretos, Cartas, Provisões (SR); Nova Fundação e Reformação da Universidade (1774-1776)*, vol. 2, fl. 150 – (cota AUC-IV-1.ºD-3-2-8).

³⁷ Trata-se, certamente, de uma menção do 1.º conde de Rio Maior que foi o 16.º administrador do morgado de Oliveira: João Vicente de Saldanha Oliveira e Sousa Juzarte Figueira (1746-1804) que casou com D. Maria Amália de Carvalho e Daun, filha dos Marqueses de Pombal. As palavras *Morgado de Oliveira* estão sublinhadas a vermelho, denotando uma leitura desta carta, e o intuito de identificar este nome, tal como aconteceu em outras situações nesta correspondência, desconhecendo-se a data em que foi aposto este sublinhado.

³⁸ Era então 3.º patriarca de Lisboa o Cardeal D. Francisco Saldanha da Gama que viria a falecer, no ano seguinte, em 01.11.1776; continuará a ser referido em diversas cartas.

³⁹ A referência à oferta de doces será retomada em outras cartas, denotando o uso desta forma de obséquo. Conhece-se a tradição de fabrico de doces, em diversas casas monásticas femininas de Coimbra, estando documentada já desde o séc. XVII. Veja-se, por exemplo, o registo do pagamento de doces conventuais, em junho de 1628, feito pela Universidade de Coimbra a D. Maria Manuel, religiosa do Mosteiro de Celas – documento localizado em *Livro da receita e despesa da Universidade de Coimbra, 1627-1628, fl. 89* – (cota AUC-IV-1.ºE-12-3-7). A obra de ALMEIDA, 1972:10, 13, apresenta outros exemplos da mesma natureza. Mais adiante, na carta de 27 de fevereiro de 1776, iremos encontrar a oferta de barris com lampreias, o mesmo acontecendo com uma outra oferta, mencionada na carta de 21 de março e 1 de abril de 1776.

As outras caixas ficão entregues aos seos respectivos donos, a saber duas dúzias ao Sr. Marquez, a Manoel Jozé Ferreira, e o caixote com meya dúzia ao P.e Joaõ Baptista, o qual ainda não vi depois da entrega. Pareceu-me que o número destinado para o Sr. Marquez, hé muito bastante e decente. Eu fiquei com a meya dúzia, que me destinastes, que logo teve prompta sahida. Hum dos bons presentes, com que se pode lizongear o gosto do Sr. Marquez hé o de meloens de inverno de Soure, que lhe tenho muitas vezes ouvido serem os melhores de todo o reino, e que por isso diz, que sempre manda fazer provimento deles.

O Conde se Sampayo⁴⁰ me encontrou hontem em Oeiras, e depois de perguntar-me por vós, o que nem sempre faz, me recomendou vos mandasse sempre lembranças suas.

O Bispo de Aveiro⁴¹ vos remete essa carta. Elle me disse, que a mesma carta tem por objecto huma reposta sobre elle consentir, em que certo pároco seu continue a comer os frutos da sua paróquia no exercício de reitor do Seminário desse bispado, para que quereis nomeá-lo, e que elle se via hum pouco embaraçado por escrúpulos, que nisso fazia, mostrando querer para isso avizo superior. Na dita carta vereis melhor o que elle responde. Percebi-lhe alguma queixa dos vossos ministros sobre alguns pontos, como são: o 1.º de não entregarem aos seos alguns feitos e cauzas respectivas a súbditos seos, que ainda pendem, e que entende se devem processar pelos seos ministros sem embargo da regra *ubi ceptum 30 de Judiciis*; o 2.º de que não seja o seu vencimento dos frutos, que lhe pertencem nem do tempo da posse, porque diz, que só de agora por diante querem que elle perceba; o 3.º que dizendo-se que a renda do seu bispado seria⁴² de 15 mil cruzados para cima, feitas as contas ao que lhe ficou apenas chega a 12 mil e tantos: <mas> que para elle lhe basta e sobeja a dita quantia. Disse-me mais, que está na rezolução de escrever-vos directamente sobre as matérias que occorressem; porque assim concluiria melhor as dependências que tivesse por occasião da divizão do seu novo bispado; protestando sempre querer estar por tudo, o que vós rezolvesse, e concluindo com grandes elogios vossos, e asseveraçoens de sua antiga e fiel amizade. Pela conversação, que com

⁴⁰ António de Sampaio de Melo e Castro Moniz Torres de Lusignan, senhor da Casa de Vila Flor, foi nomeado 1.º conde Sampaio (ou São Payo) em 1764.

⁴¹ Ocupava, então, a cátedra episcopal, como primeiro bispo de Aveiro, D. António Freire Gameiro de Sousa que teve apresentação régia em 29.09.1773 e foi confirmado em 18.04.1774. As questões abordadas nesta carta refletem a recente criação do bispado de Aveiro, em 12.04.1774 e tudo o que envolveu a desanexação de territórios e paróquias do bispado de Coimbra.

⁴² Leitura provável, pois a palavra está rasurada.

elle tive, na qual falamos sobre a pertensão <da parte> das rendas desse Bispado, que elle requereu, depois de me expor os seus fundamentos concluiu, dizendo que elle tinha dado hum requerimento ao Snor. Marquez, e que elle há-de rezolver, e decidir a matéria. Quando não haja outro título, quer que do depósito das rendas, de que não necessita esse bispado por estar fundado, se lhe mande dar ainda que seja por esmola alguma porção para os ornamentos, pontificaes, obras de sua nova Cathedral, visto que não chega para elles a renda, que lhe fica, e que <hum parte> dos frutos foi percebido daquellas ovelhas, que se achão já separadas. Pelo que vem a ser indispensavelmente necessário que mandeis o papel, que o Sr. Marquez me disse lhe fosse por escrito, e que me avizaste, estavas fazendo, antes que haja alguma surpresa contra a resolução verbal do dito Snor. Argumenta muito com o Bispo de Penhafiel⁴³, a cujo favor foraõ decretos para se lhe entregar parte das rendas do do Porto, e foi este exemplo, o que na dita ocasião lembrou o seu patrono. Mas isso procedeu de que quando se nomeou <o Bispo de Penhafiel>⁴⁴ já a Sé <do Porto> estava vaga; pois a divizão do dito bispado se fez depois de falecido o bispo delle; o que posto não havia quem tocassem os frutos todos, nem quem pudesse fazê-los seus pois o nomeado para Bispo do Porto depois da divisão só podia ter direito às rendas de parte, que lhe foi determinada e ainda que nenhum teria o de Penhafiel a parte alguma da renda, havendo bispo de todo o bispado, que tinha título para as perceber todas até à posse; com tudo o contrário procede não havendo bispo; por não haver outro a quem pertença, visto que não podem pertencer ao cabido.

Sua Magestade vai passando melhor, mas ainda se não diz, quando se recolhe a Ajuda. O tempo vai por cá invernososo.

Huma criada da Sra. Marqueza chamada D. Anna Joaquina tem hum sobrinho nesse vosso Seminário, que hé afilhado da dita Sra. Marqueza, e à vista della me pedio, e por vezes tem pedido, vo-lo recomende, para que o favoreçais, no que a dita Sra. fareis lizonja e obzéquio.

⁴³ Referência a D. Fr. Inácio de São Caetano, bispo da recente diocese de Penafiel, criada por Bula de Clemente XIV, de 01.07.1770. Esta carta aborda as questões relativas à desanexação de territórios da diocese do Porto para formar a recente diocese de Penafiel, facto que tem sido interpretado como uma forma de contestação ao bispo do Porto, D. João Rafael de Mendonça, diminuindo os seus rendimentos e o território do seu bispado. Sobre a criação deste bispado, que foi extinto oito anos depois da sua criação, veja-se a obra de FERREIRA, José Fernando Coelho (2016) – *Diocese de Penafiel – 1770-1778*. Penafiel.

⁴⁴ As palavras entrelinhadas estão sobrepostas ao texto riscado: “Fr. João de Mendonça para o Porto”.

Aqui tinha chegado, querendo continuar, mas apertaõ-me por esta, dizendo, se perde a hora da maré. Terça ou quarta-feira escreverei sobre o mais. Fico muito dezejezo de vos dar gosto, como quem hé

Vosso irmão amante do coração e obrigado

Azeredo Coutinho

Lisboa 24 de setembro de 1775

[Em adenda, na margem inferior]:

O Sr. Cardial já pôz nas suas salas as pedras que lhe mandastes, e está muito contente com ellas. São as primeiras, que serviram. Pô-las sobre pés de bronze ou ferro dourado seguros na parede.

4 – 1775, setembro, 26, Lisboa

Mano muito do meu coração. Depois de vos escrever sábado passado pelo correio ordinário, e no domingo seguinte por António Pereira Roza, que veyo aqui saber, se queria alguma couza para vós, dizendo-me que partia no mesmo domingo e que hoje terça-feira à noute lá chegaria o que certamente não fez por chover muito no dito domingo; chegou a esta caza o Amaral na segunda-feira de manhã, trazendo comsigo a prata, cuja remessa vos agradeço, e logo que tiver servido, voltará.⁴⁵

Agora chegão aqui ao mesmo tempo dous correios, o 1.º hé o novo, que sábado me disse João Chrizóstomo vos havia de expedir hoje, ou amanhã com as provizoens da vossa recondução, dizendo-me o dito correio, que com efeito parte amanhã quarta-feira, posto que ainda antes disso há-de voltar a Oeiras, pois se não acha ainda expedido de lá; e vindo por mandado do dito João Chrizóstomo buscar esta carta. O 2.º hé o mesmo Amaral, que me diz, vem-me remetido pelo mesmo Chrizóstomo para eu o expedir, quando quizer. Sempre remeto esta pelo dito correio novo, e o Amaral partirá (?) logo.

Já vos avizei do successo da carta do Foucault assim pelo correio ordinário, como por António Pereira, e sobre esta matéria não tenho que acrescentar.

Tãobem não tenho novidade que vos dê sobre o que passa nesta caza; porque nella não há alteração do bom successo do parto de minha mulher, e das consequências delle, nem também de vosso novo sobrinho. Tudo vai continuado com a mesma felicidade, e ella vos agradece vivamente o gosto, que concebestes com a certeza do seu bom successo, e com que por elle a felicitaes.

⁴⁵ Referência ao correio António do Amaral que terá levado o serviço de prata de D. Francisco de Lemos, provavelmente para ser utilizado na receção dada por ocasião do batizado de seu sobrinho, como é referido em carta de 14.10.1775: "*Houve púcaro de água, e tudo se fez com decência [...]*". Trata-se, certamente, da prata de mesa utilizada em banquetes e refeições de aparato.

Ainda não há dia para o baptizado, porque pende de virem os Snors. Marquezes a esta cidade, mas cuido em que tudo se abrevie, para o que não há outro embaraço.

Domingo entrou huma embarcação vinda do Rio de Janeiro. Mas nada sey ainda das notícias que trouxe.

Aqui veyo hontem Marçal Jozé Galvão⁴⁶, e me repetio a petição de escrever-vos, para que quizesses dar conta ao Sr. Marquez de ter elle acabado, e do que pertence a sua recondução, dizendo que necessitava muito de saber o fim desta dependência para se rezolver sobre o governo, e arrumação da sua nova caza. Pelo que não posso deixar de repetir-vos a prática, que respeita a este ponto; no qual convém adiantar a sua conclusão, antes que haja algum terceiro que leve o lugar por surpresa, e seja menos do vosso agrado.

Para lá vão vários fidalgos, e entre eles hum filho do Marquez de Penalva, e outro do Visconde de Vila Nova de Cerveira dos quaes o 1.º sey vos escreve, do 2.º nada sey, só sim que veyo a esta caza hoje, mas como lhe não falei, creyo que seria a pedir-me alguma recomendação para vós, encabeçando porém a vizita nos parabéns pelo nascimento do meu filho. Peço-vos, os atendaes de sorte que conheção que eu tãobem vo-los recomendei, e muito especialmente o de Penalva por se me ter já feito esta petição.⁴⁷

Aqui se prenderaõ no sábadò muitos negociantes portuguezes e estrangeiros, dizem que por contrabando de diamantes.

Peço a Deus vos continue a melhor saúde e vos dê a tranquillidade de espírito, e mais felicidade que cordialmente vos dezeja este

Vosso irmão muito amante do coração e obrigado

Azeredo Coutinho

Lisboa 26 de setembro de 1775

[Em adenda, na margem inferior]:

Por cá tem chovido muito. Sua Magestade vai melhor, e ainda se não sabe quando se recolherão para a Ajuda; tendo-se já por certo desvanecer-se por hora a jornada de Mafra.

⁴⁶ Marçal José Galvão de Oliveira Fajardo era juiz conservador da Universidade de Coimbra e também juiz executor das dívidas à Universidade, cargos pelos quais recebia estes seus dois ordenados, num total de 65\$850 pagos em cada trimestre – V. *Universidade de Coimbra (F); Livros de Folhas de Ordenados (SR)*; vol. 2, fl. 3 – 3v (cota AUC-IV-1.ªE-11-5-43).

⁴⁷ Referência à vinda para a Universidade de Coimbra dos filhos do Marquês de Penalva e do Visconde de Vila Nova de Cerveira. Quanto ao primeiro, trata-se de José Teles da Silva que estudou na Faculdade de Cânones, entre 1775 e 1781, ano em que obteve a licenciatura; quanto ao segundo, averiguou-se ser Fernando Xavier de Lima Teles da Silva, estudante da mesma Faculdade, no mesmo período de tempo.

[Em adenda, no verso]:

Depois desta carta feita, e entregue ao correyo novo me falou o Amaral, e pelo que me disse a fiz cobrar do dito correyo novo e vai por elle; porque me parece que chegará primeiro que o outro, o qual como depende de despacho da Secretaria⁴⁸ para partir, talvez não vá quando se diz. Leva o dito Amaral a lata que veyo com as vossas cartas, e papéis, na qual vão mais documentos do que vieraõ; e não leva a da Bulla da reforma das freiras, porque já a mandei.⁴⁹

Falta a certidão da beca de mercê (?) da primeira beca de colegial que vagasse, e da recondução nella como doutor. Estimarei muito que a mandasses tirar dos livros do Colégio, e que mandasses copiar todos esses documentos postos na ordem cronológica, e acrescentados com as reconduçoens nos lugares de Reformador e Reitor, e que mos remetesses, porque gosto de tê-los, e por não demorar a remessa vo-los mando sem eu cá (?) o ter feito, como intentei fazer.

5 – 1775, setembro, 29, Lisboa

Mano do meu coração. Quarta-feira de manhã se expedio daqui o Amaral para essa cidade, onde o suponho já a esta hora, em que escrevo que hé a das 9 da manhã de hoje sexta-feira dia de S. Miguel. Por elle vos avizei de tudo o que havia digno de vos ser participado. Não tem occorrido outra alguma couza, porque hontem houve avizo para não se hir às Conferências de Oeiras por haver embaraço para ella: e dahi rezultou não saber eu novidade alguma.⁵⁰

O portador desta hé Jozé Joaquim da Cunha Coutinho⁵¹ sobre o qual vos tenho já escrito em diferentes cartas, filho de nosso primo Sebastião da

⁴⁸ A correspondência dirigida ao reitor da Universidade era remetida pela Secretaria de Estado dos Negócios do Reino.

⁴⁹ Como pode confirmar-se, por estas expressões, os assuntos tratados com D. Francisco de Lemos diziam respeito aos seus cargos de reitor da Universidade de Coimbra e de governador do bispado de Coimbra.

⁵⁰ Referência às Conferências que se faziam em casa do Marquês de Pombal, sobre negócios do Erário, estando presentes ao Ministros de Estado, o Procurador da Fazenda e o Tesoureiro Mor do Erário Régio.

⁵¹ De seu nome completo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (1742-1821). Estudou na Faculdade de Cânones, na Universidade de Coimbra e veio depois a ocupar diversos cargos, tendo sido Bispo de Olinda. A sua vida e obra foram tema da tese de doutoramento de CANTARINO, Nelson Mendes (2012) - *A razão e a ordem: o bispo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho e a defesa ilustrada do antigo regime português (1742-1821)*. São Paulo, acessível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-28082012-121845/en.php>.

Cunha Coutinho Rangel, que ambos conhecemos e tratamos nesta corte. Em todo o tempo, que aqui tem estado nesta caza, tem dado provas do seu bom procedimento, do seu talento, da sua applicação, e da sua honra, que são superiores a toda exceição. Hé homem já feito e podeis estar certo, de que não há-de fazer couza, que possa dar-vos o menor desgosto, e incómodo. Tem feito todos os estudos que podia fazer na sua pátria, na qual se applicou particularmente à jurisprudência por occazião da defeza, que tratou, da cauza da successão do morgado que instituirão os dous Jozés de Azeredo pay e filho que ultimamente se julgou a seu irmão segundo, que o está possuindo depois de grandes trabalhos. Os ditos seos tios quizerão chamá-lo para a dita successão, mas elle não aceitou a vocação, dizendo que a fizessem em seu irmão segundo porque elle queria ser clérigo. Com efeito tem sido constante na sua vocação, e não quer outra couza. Eu tinha-lhe mandado hum Avizo para se ordenar; mas este padeceu a mesma sorte de todos os que passou Seabra⁵², e não estavam ainda executados ao tempo da sua depozição. No Rio de Janeiro entrava nas Conferências de Moral, que o bispo fazia em sua caza com o seu clero; nellas fez dissertaçoes próprias com louvor, das quaes vos pode mostrar algumas, e por ellas fareis conceito. Tem duas irmans mais moças, de que espera ser o único apoio; porque seu pay está exaurido de bens, e seu irmão cheyo de filhos, para os quaes não bastão as rendas do seu morgado que elle achou decadente, por consistir em hum engenho, que padeceu muito no tempo da administração do possuidor a quem se tirou por demanda. Pela dita tão forte razão se rezolveu a vir estudar tendo já 32 annos de idade. O Bispo do Rio de Janeiro me escreve muitos elogios d'elle, e me diz, lhe custou, que elle tomasse a rezolução de vir para cá; porque lá queria arrumá-lo. Tudo isto haveis de achar certo; e eu tomo sobre mim o dezempenho desta certeza. Elle vai daqui com Francisco de Macedo⁵³, e com Jozé Maria Mascarenhas⁵⁴ sobrinho do Bispo do Rio de Janeiro, e filho natural de seu irmão Fernando Mascarenhas.⁵⁵ Leva cartas, que quiz pessoalmente entregar-vos. Dezeja muito ser admitido a matricular-se em Direito sem fazer logo exames nas disciplinas de Geometria, etc., que não estudou; e se isto tem lugar seja este o primeiro benefício, que façais a quem certamente hé digno de todos.

⁵² O doutor José de Seabra da Silva já referido anteriormente - v. nota 26.

⁵³ Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, natural do Rio de Janeiro, frequentou a Universidade de Coimbra de 1772 a 1776, tendo obtido formatura em Leis.

⁵⁴ Sobrinho de D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, 6.º bispo do Rio de Janeiro (1774-1805).

⁵⁵ Fernando José de Mascarenhas Castelo Branco.

Tenho sentido amargamente as dezordens de António Sodré,⁵⁶ a cujo respeito convenho, em que não continue esta vida, e que o despeçais dessa Universidade, onde tem feito couzas tão vergonhozas e indignas de seu nascimento e dos vossos benefícios. O que porém há-de ser delle, eu o não sey. Lembro-me, de que embarque com praça assentada para o Rio de Janeiro em huma nao, que está a partir; porque vai para sua terra, e com a única vida, que pode ter. Encarrego a Jozé Joaquim, e a Francisco de Macedo, que o persuadam a tomar este caminho. Vindo nesta resolução lhe farei assentar a dita praça, e emquanto a nao não parte lhe mandarei dar crédito em alguma caza de pasto para o necessário sustento; para evitar a vergonha de fazer aqui outras figuras, que cedaõ em dezhonra. Neste sentido podeis lá determinar-lhe por via do mesmo Francisco de Macedo, que pode ser o ministro e oficial dessa diligência. Emfim bem podeis estar certo que eu só quero o que vós quizeres; porque conhecendo o vosso ânimo e sabendo, que hé todo de piedade, e de caridade, fico bem convencido, de que nunca a quereis suspender sem cauza urgentíssima, como reconheço, a que elle vos tem dado.

Chegou huma embarcação do Rio, pela qual se falsificão as notícias que aqui corriaõ de ter-mos tomado Rio Grande⁵⁷ e Montevideo. Tudo está como estava.

Fico com grande vontade de dar-vos gosto em tudo. Como
Irmão muito amante do coração e obrigado
Azeredo Coutinho

Lisboa 29 de setembro de 1775

6 – 1775, outubro, 14, Lisboa

Mano muito do meu coração. Quarta-feira desta semana à noute veyo a esta caza Estevão António do Monte, e me trouxe o título do prazo da Ega,⁵⁸ dizendo não ter ainda achado os das terras do Campo de Treixede,

⁵⁶ António Sodré Pereira de Azeredo - v. nota 30.

⁵⁷ A conquista do Rio Grande do Sul à coroa de Espanha só teve lugar no ano seguinte, em 1776.

⁵⁸ João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho adquiriu mais tarde o paço da Ega e a sua quinta que pertenceram anteriormente à Comenda da Ega. Estas propriedades voltarão a ser referidas nas cartas. No AUC existem livros notariais de Ega, mas o mais antigo é de 1791-1794, do notário Caetano Pimentel da Silva Serrão. Este volume contem, a fl. 109-111, uma escritura de compra de um lugar de azeite, no sítio do Olho, limite do rego do Paúl, feita por João Pereira Ramos, em 23.06.1793, comprovando a forma como continuou a engrandecer o seu património – (cota AUC-V-1.ªE-16-1-171).

e Abadinhas, nem taobem os de Alencarse, mas que se ficavão procurando; e trazendo-me a conta do preço de tudo, que chega a quaze 16 mil cruzados, fora os laudémios, e cizas, dos quaes pensoens livro eu inteiramente a dar cizas por comerem tença a título do habilitado (?) tanto eu comprador como o vendedor. Mas não succede assim com os laudémios, que necessariamente se hão-de pagar, sendo de mais de 50 moedas só o do prazo da Ega. Disse-lhe que se queria, se efectuasse a compra, lhe desse certidão de que como tença para mandar hum correyo com ella aos sítios das ditas fazendas para de lá virem as certidoens delle não se dever afim de com ella se podem lavrar as escrituras. Respondi-lhe, que eu na quinta-feira seguinte baptizava meu filho, e que na sexta-feira ou no sábadó hiria a Oeiras, e lhe levaria a dita certidão. Assim o fiz. Na sexta de manhã chegou o Amaral com a encomenda dos 15, e na sexta à noute fui a Oeiras agradecer ao Sr. Marquez a honra de sua padrinhagem; entreguei ao dito Estevão a referida certidão, e lhe disse que podia vir receber o dinheiro; quando quizesse, ao que me respondeu que hoje expedia correyo para trazer as certidoens respeitantes a ciza, e que chegadas que fossem, se lavrariaõ as escrituras e entretanto se faria mais diligência pelos títulos e se pedia notícia delles ao porteiro dessa comarca, que fez o tombo de todas as ditas terras. Este hé o estado, ou o progresso do referido negócio.

A Sra. D. Teodora⁵⁹ me deu essa carta para por ella mandar eu tomar posse da quinta das Sarzedas, e de todos os foros de trigo, que a caza de Pereira tem, em Ancião, como taobem do azeite que lá tem. Como ella não gosta, que meu sogro tenha parte nessa administração, tomo o acordo de vos mandar essa folha com o meu nome escrito para que nella mandeis escrever hum alvará de procuração necessária para aquella pessoa, que vos parecer capaz de ser mandada logo a Ancião, para ahi tomar posse da dita quinta das Sarzedas, e de todos os foros, olivae, e mais bens, que ali há pertencentes à caza de Pereira. Deve-se cobrar os foros de trigo vencidos, e os atrazados, que se deverem.

Deve-se mandar fazer o azeite; para o que se devem por escritos para se arrendarem a quem por eles mais oferecer, sendo sempre afrontado (?) hum homem chamado Manoel Ferreira que mora no dito lugar, o qual disse que daria oitenta alqueires não havendo quem mais dê. Pelo lagar, que ahi há, parece que dão (?) 20. Quem há-de dar notícias disso hé o Manoel Ferreira.

⁵⁹ Trata-se de referência a Teodora Hígina Arnaut de Rivo, avó da mulher de João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. Isto mesmo pode ser atestado, com a afirmação feita na carta apresentada mais adiante, redigida em 28.10.1775: " *por sua avó a Sra. D. Teodora Hígina...*"

O que correu até agora com isso hé hum Vital António, que ahi há no mesmo lugar; o qual hé quem há-de fazer a entrega das chaves da[s] cazas da quinta, que estão quaze perdidas pelo total dezamparo em que isso está. Elle há-de declarar os que pagaõ foros, etc., e deve-se lhe pedir o que deverem, abatendo os anos de que tiverem recibo. Hé necessário que me façais o favor de despedir logo para Ancião a pessoa que encarregares do referido, porque a azeitona veyo mais cedo este anno, e se se não lhe acode, logo, perde-se e esta hé a razão, porque escrevo já e com esta pressa. Creyo esses bens todos poderão render 20 ou 25 moedas conforme os anos.

Como o Sr. Marquez se embaraçou para vir pessoalmente ao baptizado, e este não podia esperar mais tempo, mandou a elle seu filho o Conde de Oeiras com procuração; veyo a Sra. Marqueza pessoalmente. Convidei seu filho Jozé Francisco⁶⁰; seus 3 genros o Conde de Sampayo,⁶¹ o Morgado,⁶² e D. Cristóvão,⁶³ e o dom Prior de Guimarães, e nenhuma outra pessoa. Baptizou o dito Prior Mor de Aviz. Taõbem veyo a Snra. D. Maria Francisca. Armou-se a capella. Houve púcaro de água, e tudo se fez com decência de sorte que se conheceu que tudo era obzéquiar (?) a Sra. Marqueza. Chama-se o menino Jozé em contemplação de seu avô materno.⁶⁴

Não tenho tempo para mais. A Deus.

Irmão muito amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa 14 de outubro de 1775

[Em adenda, na margem superior]:

Na mesma quinta-feira se esquarterjou no Campo da Junqueira hum genovês⁶⁵ por se lhe acharem máquinas que fez para meter na caixa da sege do Sr. Marquez, e a fazer voar, quando nelle fosse o dito Sr. para a função da inauguração da estátua equestre de Sua Majestade. A Sra. D. Teodora taõbem está já reduzida a entregar-me a administração de toda a caza de Pereira com a obrigação porém de acomodar-lhe o sobrinho como tio de minha mulher, no que convenho, e lucro muito.

⁶⁰ José Francisco Xavier Maria de Carvalho Melo e Daun.

⁶¹ António de São Paio Melo e Castro Moniz Torres de Lusignan (1720-1803).

⁶² João Vicente de Saldanha Oliveira e Sousa Juzarte Figueira (1746-1804), administrador do Morgado de Oliveira e que viria a ser 1.º Conde de Rio Maior.

⁶³ D. Cristóvão Manoel de Vilhena.

⁶⁴ José Ramalho de Oliveira Catana da Fonseca, casado com Ana Teresa Higina de Carvalho Arnaut do Rivo, pais de D. Maria Ramalho Cardal Arnaut de Rivo.

⁶⁵ Referência ao genovês João Baptista Pelli que foi sentenciado em 11 de outubro desse ano. Este tema será retomado em carta seguinte, de 27 de novembro.

7 – 1775, outubro, 17, Lisboa

Mano do meu coração. Pelo correyo vos escrevi, avizando-vos de ter chegado o Amaral, e trazido com bom successo a encomenda, que fielmente entregou. Agora o faço pelo Ventura, que parte amanhã, e na sexta-feira o tornarei a fazer pelo Amaral, que parte então, e vos há-de levar algumas encomendas, que tem, apromtado o Pe. Florêncio, como elle mesmo me disse. Na carta do correyo, vos remeti huma cópia da conta, que se me deu, e não foi o original, porque tem de aparecer ao celebrar da escritura, o que será logo que voltar o correyo, que se expedio para trazer a certidão de não se dever siza;

Suas Magestades vierão para o seu Paço de Ajuda hontem mas o Sr. Marquez ainda ficou em Oeiras por cauza de sua pequena moléstia, e ouço, que se recolhe segunda-feira seguinte. Pelo correyo vos remeti huma folha de papel assinada em branco para nella mandares lavrar huma procuração minha para a pessoa, que quizeres mandar a Ancião para arrendar a azeitona que lá tem a caza de Pereira, pela qual me dizem, que há quem ofereça já cem alqueires para o que se devem por editais para se arrendar a quem por ella mais der. Adiantei este negócio por assim ser preciso por se ter adiantado este anno a boa sazão da dita azeitona. A respeito do arrendamento da quinta, que por si só hé couza de muito pouco rendimento, e do lagar, hé necessário vêr cá os arrendamentos feitos pela Sra. D. Teodora a Vital António que me parece ainda não estão acabados neste anno, posto que ainda faltando algum se lhe pode tirar por ter deixado cahir parte das cazas da quinta, e nellas não ter rezidido. Pelo Amaral mandarei todas as clarezas necessárias. Por hora hé tempo de acodir logo ao azeite. Quem o arrendar deve dar fiador ao pagamento; ou ser pessoa em si abonada.

A Sra. D. Teodora está de ânimo de me entregar toda a caza de Pereira, e todo o obstáculo que tem havido até agora hé o de não querer que fique dezacomodado o sobrinho, no que tem razão, e eu tenho tomado a resolução de prover a isso inteiramente muito a seu contento, até que possa haver providência que seja para mim de mais alívio. A dita Sra. não quer, que meu sogro administre, nem ponha administrador em Ancião, nem em Pereira. Pelo que para mais a contentar lhe tenho asegurado, que o administrador há-de ser posto por vosso mandado, e na certeza de que assim se há-de executar hide lançando as linhas a quem há-de ser, porque pelo Amaral espero mandar as ordens necessárias para a entrega de toda a caza. Todas as terras do Campo, e Monte se devem arrendar. A quinta deve-se conservar em administração por conta da caza para se não perder; mas o administra-

dor, ou feitor, deve ser hum homem de botas, que trabalhe, para o que não faltaõ capazes; e sobretudo hum inspector que vigie sobre elle, e veja de quando, em quando, o que elle faz. Eu tenho tido minha idea de lá dar huma chegada nestes últimos dias de outubro para ver tudo por mim mesmo; pois já hé objecto junto com as fazendas das compras, e não teria embaraço para a jornada; mas não tenho assentado nisso. Ouço, que vem Jozé de Sá, e se diz que para ajudante, e que ficará Ayres de Sá⁶⁶ com a Secretaria de D. Luís da Cunha⁶⁷. Nada sey ao certo. Beije a mão ao Sr. Marquez pela vossa recondução,⁶⁸ e disse-me que era couza necessária. A Deus.

Irmão muito amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa em terça-feira 17 de outubro de 1775

8 – 1775, outubro, 28, Lisboa

Mano muito do meu coração. Recebi pelo correyo a vossa carta de 20 de outubro corrente a que deu matéria a execução da Carta Régia expedida a favor de Luíz de Mello.⁶⁹ Por ella sey o modo, com que Luíz de Mello a fez executar, e vejo ao que me parece, que não hé o do real espirito da dita Carta. Por ella foi o dito tratado de cónego meyo prebendado: este hé o modo, com que o capítulo o deve tratar, não lhe dando jamais o nome de cónego simplesmente, mas sim sempre com a adição de meyo prebendado. Ser cónego meyo prebendado, vem a ser o mesmo que meyo cónego, com a diferença somente que o nome de cónego meyo prebendado hé jurídico, e legal, o de meyo cónego não sey que couza seja, e creyo, que nas bullas

⁶⁶ Aires de Sá e Melo de Menezes Sotto Maior (1690-1786), sucederia no cargo de chefe do governo, em 04.03.1777, após a morte do Marquês de Pombal.

⁶⁷ D. Luís da Cunha Manuel, Secretário de Estado de D. José, faleceu em junho de 1775 e foi substituído, em 1776, no cargo de Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra por Aires de Sá e Melo. Quanto à atividade governativa deste último, exercida até ao seu falecimento, em 1786, veja-se a correspondência existente no Arquivo Histórico Militar, cuja descrição arquivística está acessível em <https://arqhist.exercito.pt/details?id=102295>

⁶⁸ Recondução de D. Francisco de Lemos no cargo de reitor da Universidade de Coimbra.

⁶⁹ O meio cónego Luis de Melo era, no dizer do historiador Fortunato de Almeida, um «*homem decidido, astuto e intriguista, sem escrúpulo na escolha dos meios para conseguir os fins*» - veja-se a citação feita em RODRIGUES, 1986: 3. Na referida obra são dados a conhecer, com publicação de documentos do Arquivo da Universidade de Coimbra, os factos internos que desestabilizaram as relações entre o Cabido da Sé de Coimbra e o seu prelado. Veja-se o que ficou registado no livro dos *Acórdãos do Cabido da Sé de Coimbra*, vol. 23, fl. 108-112 (cota AUC-III-1. ^oD-1-1-23) relativo à questão com o cónego Luís de Melo e a decisão régia a seu favor, comunicada ao provedor da comarca de Coimbra, Dr. Constantino Barreto de Sousa.

de criação das meyas coneziás há-de achar-se o nome de cónegos meyo prebendados, e não os de meyos cónegos. Seria a dita Carta Régia prejudicial, se passasse a mandar, que os ditos cónegos meyos prebendados se ficassem reputando por cónegos, e como taes tivessem voto em cabido, e gozassem de todas as mais honras, e prerogativas dos cónegos. Mas isto hé o que não vejo, que fosse determinado pela dita Carta Régia. Este ponto deixou ella indecizo. Este ponto por ella mesmo se prova, que ficou indecizo; porque se do espirito da dita Carta fosse que elles ficassem tendo voto, e tudo o mais, como cónegos então era escusado mandar se nella expressamente, que hum cónego meyo prebendado fosse sempre o secretário do cabido, e que houvesse taõbem sempre hum dos referidos, que fosse coadministrador, suposta a igualdade a respeito dos votos, etc., ficava este ponto sem necessidade de decizão. Que hum deles seja secretário, hé justo, porque no Cabido se tratão negócios, que tocão a sua ordem; e porque da Congregação camerária da Patriarcal composta de principaes o secretário hé um Monsenhor, e dos Tribunaes sempre os secretários são de inferior graduacão. Que seja coadministrador outro da mesma ordem, taõbem hé justo pelo dito interesse commum. Ora sendo a dita carta assim entendida, e executada, não vejo nella couza, que ofenda, nem vos desconsolle. Quanto aos excessos de Luíz de Mello, nada posso dizer, se não reprová-los. Para se reprimirem hé necessário excogitar com muita prudência o modo, e o meyo. Huma representacão feita em nome do Cabido poderá ser mal recebida, se não principiar pela conta da execucao prompta do que manda a dita Carta Régia, e depois pro-
porer o duvidoso, <e se não> apparecer instruída com as bullas da criação das meyas coneziás, e declaraçoens do fim dellas; e com essa sentença que os cónegos tiverão contra os meyos cónegos contendo a dita representacão huma notícia do estado da cauza ao dito respeito. Vindo assim concebida, e bem encaminhada parece-me que não há-de ser dezatendida. Conheço, que mais atencão merecerá vindo feita por vós. Mas para que quereis vós fazer papel nessa scena, de que Deus vos tem livrado? Para expor-vos as contingências do modo, com que o Sr. Marquez tomara essa vossa intervençãõ? Quanto mais dolozas são as pertensoens de Luíz de Mello quanto mayores forem as dezordens por elle cometidas na dita execucao, tanto melhor será para a cauza dos cónegos. Porque o Sr. Marquez hé tão justo, como todos sabemos, e não há-de dezatender ao Cabido. Falar nesta matéria não deve o Cabido sem instruir bem o negócio. Mas eu sou de voto que falle o Cabido, e que vós vos conserveis a capa para seres ouvido, se assim se rezolver; e quando rezulte dezordem na prática dos offícios divinos poderias declarar-vos depois de terem já soado por outras partes os excessos de Luíz

de Mello nos ouvidos do Sr. Marquez. Este hé o meu parecer, e que vós por nenhum modo vos produzaes no teatro (?). A questão não hé comvosco não queirais tomar sobre vós perigo algum por parte della.

Sobre esta matéria falei a J. C.⁷⁰ o qual achei favorável aos meyois cónegos, querendo que tenham voto, etc. Reconheceu o perigo, e melindre da matéria, e diz que hé necessário muito modo, e geito para nelle se falar, e que elle ainda o não fizera até terça-feira à noute; e que sem se saber a verdadeira origem da criação dos meyois cónegos, e estado da cauza, nada se pode fazer; sempre prometeu porém tocar na matéria, quando achasse ocasião de fazê-lo. Há grande prevenção contra os cónegos. A sua justiça deve provar-se demonstrativamente para ser atendida. Se assim se não pode provar, que quebrem elles as cabeças; e salvemos nós as nossas pelles.

Quinta-feira 26 do corrente se efetuou a compra do prazo chamado da Várzea debaixo da Ega; do casal de Alemcarse junto a Soure, e das fazendas do Campo de Treixede, e Abadinhas, que erão do Snor. Marquez, e se lavrarão as escrituras nesta caza entre mim, e Estevão António de Montes, como procurador do dito Snor. A importância dellas foi a mesma que já vos communiquei, convém a saber dezaseis mil cruzados menos sincoenta e sete mil e quatrocentos para o Snor. Marquez, a quem promptamnte entreguei toda a dita quantia no acto das escrituras completando-se com hum dinheiro pertencente às freiras de Cós⁷¹ irmans de Pedro Dias, que poucos dias antes me havia entregado o bispo de Aveiro, a quem eu tinha incumbido a cobrança della do rendeiro da comenda, que o dito Pedro Dias tem em Lamego, e para o que podesse suceder o havia detido em meu poder. Agora resta pagar os laudémios, os quaes a respeito do prazo da Ega são 259\$000 por ser a razão da décima. A respeito das outras fazendas assim de Alemcarse, como do Campo de Treixede, e Abadinhas ainda, se não sabe, que natureza tem. Porque o Sr. Marquez não sabe a natureza dellas, nem tem dellas outro título, que não seja o auto das posses, que tomou dellas por morte do Sr. Francisco Xavier de Mendonça.⁷²

⁷⁰ Referência a João Crisóstomo de Faria e Sousa de Vasconcelos e Sá (1732-1803) – v. nota 33.

⁷¹ Mosteiro de Santa Maria de Cós, Alcobaca, da Ordem de Cister.

⁷² Francisco Xavier de Mendonça Furtado era irmão do Marquês de Pombal e também de Paulo de Carvalho e Mendonça, inquisidor geral que foi elevado ao cardinalato em 1769, pouco antes da sua morte. No acervo documental da Universidade de Coimbra pode hoje localizar-se o processo de empraçamento de dois prazos no Campo de Treixede, dos quais era senhorio direto a Universidade, feito pela Mesa da Fazenda da Universidade a Paulo de Carvalho e Mendonça, em 1758. O processo inclui a vedoria dos prazos feita pelo Dr. Francisco José de Carvalho, sendo reitor da Universidade D. Gaspar de Saldanha e Albuquerque - V. *Universidade de Coimbra (F); Mesa da Fazenda (SC); Administração do prazo e renda de Treixede, séc. XVIII-XIX* (cota AUC-IV-1.ºE-17-1-29). Trata-se, provavelmente, das mesmas propriedades mencionadas nesta carta.

Só sim sabe, que são por elle possuídas, como livres, e só sugeitas ao vínculo que o dito seu irmão fez de todos os seus bens, sem delles pagar foro, nem razão, e debaixo desta qualidade se fez a compra. O Campo de Treixede hé foreiro a essa Universidade, e nelle tem minha mulher pela caza de Pereira hum ou dous prazos feitos a essa Universidade por sua avó a Snra. D. Teodora Higina. Porém as terras deste prazo são summamente pensionadas. Porque pagaõ à Universidade hum foro pequeno, a Santa Cruz outro tãobem pequeno, e alem disso de cada sinco dous, creyo que para a extinta Caza de Aveiro. As terras porém do dito Snor. Marquez nada pagaõ; pois se buscaraõ os livros do cartório do dito Snor. e não apareceu clareza, nem título algum. Foraõ antes do Snor. Marquez e de seu irmão do chanceler mor Francisco Luíz da Cunha de Ataíde.⁷³ As de Alemcarse são de menor importância. Fica-se tirando a escritura do portacolo. Segunda-feira mando pagar o laudémio do prazo da Ega, e pelo primeiro portador hirá a minha procuração para vós mandares tomar posse de todas as ditas fazendas para se cuidar no arrendamento dellas; pois hé tempo, a qual posse se há-de tomar com declaração de que hé de tudo o que está incluído dentro dos marcos, que há poucos anos se lhe pozeraõ em virtude do tombo, que o Sr. Marquez mandou fazer pelo provisor que hora hé dessa cidade; e para constar das demarcaçoens das ditas terras se há-de mandar ao Pombal tirar certidoens dos autos originaes dos tombos dellas que estão no cartório de Tomar (?), para o que se hão-de fazer petiçoens ao ouvidor em meu nome para as mandar passar, e Estevão António lhe escreve, que as mande logo passar, e para esta diligência podeis aproveitar-vos de meu sogro que fica mais perto do Pombal, a qual se pode já fazer para adiantar a posse, quando chegarem as escrituras.

Duas couzas faltão para dar hum grande valor a esta compra na Ega. A primeira hé o prazo de António <Teixeira> Alv[a]res confinante com o do lizeirão de meu sogro. A segunda hé a quinta chamada da Ordem confinante com o dito prazo de António Teixeira Alv[a]res, que tem cazas nobres e boa abegoaria, tudo necessário em huma tão grande fazenda. Há tempos fiz explorar de António Teixeira, se queria vender o dito prazo sem se dizer para quem, e respondeu, que não. Neste correyo me escreve meu sogro, que lhe disse o vosso João Baptista, que elle já o quer vender. Com que fundamento o disse, não sey. A quinta de Ordem hé do capitão do Loureiro, que deve ao meu sogro 9, ou 10 mil cruzados; que elle <está tendo> a opção (?) por ter sido seu fiador. O dito capitão deve 24 contos de réis à Patriarcal,

⁷³ Significará, certamente, que as propriedades foram herança do Desembargador Francisco Luíz da Cunha de Ataíde, que era Chanceler mor do Reino, padrao do Marquês de Pombal.

ainda que elle diz, que não hé tanto. Se a dita quinta podesse ficar à caza de Condeixa pela dívida bom seria; quando não, sempre a Patriarcal a há-de vender na praça, e fará muita conta comprá-la; porque depois della comprada tira-se o prazo de António Teixeira por encravado, e fica sendo hum grande fazendão junto, e ao pé de caza.

O dinheiro, que me remeteste da mesma sorte, que veyo, o guardei pela minha mão no mesmo sacco, e da mesma sorte, e o tive sempre em parte onde ninguém foi nem nunca soube delle. Quando o fiz contar, foi na ocasião da entrega, e em hum dos embrulhos, em que se dizia virem 600\$000, se acharão de menos quatro moedas, sem dúvida por equivocação de quem os contou, e encartuchou.

Pode ser, que as sobreditas terras compradas em o campo de Treixede sejam prazo dessa Universidade, e que o último, a quem (?) se fizesse, fosse o chanceler mor Francisco Luíz da Cunha⁷⁴. Não seria mau averiguar isto pois o Snor. Marquez não sabe de tal, e eu tenho lembrança de que pode ser pela natureza do outro, que no mesmo sítio tem a caza de Pereira.

Pelo Amaral vos remeti procuração para mandares tomar posse da caza de Pereira, e já antes o tinha feito para o que tocava às fazendas de Ancião. Sobre isso nada tenho, que acrescentar, senão que a azeitona se perderá havendo demora.

O Sr. Marquez ainda está em Oeiras, mas quazi bom da sua perna. Eu ainda o não vi depois da compra nem pude lá hir agradecer-lhe o favor da venda.

Sua Magestade passa bem, e vai agora à Picaria⁷⁵ de manhã e de tarde. Determina partir para Pancas até 13 de novembro próximo.

Há tempos, que não vejo o Sr. Cardial, e não me atrevo a apparecer-lhe em sua caza sem satisfação da promessa, que de vossa parte lhe fiz.

Não me occorre por hora outra couza. Aqui estou com a mais ardente vontade de dar-vos gosto em tudo, como quem hé

Vosso irmão mais amante do coração e obrigado
Azeredo Coutinho

Lisboa 28 de outubro de 1775

[Em adenda, na margem inferior]:

Aqui se tem feito cantar o *Te Deum* em acção de graças por ter livrado o Snor. Marquez da traição, que contra elle se maquinava, sendo o primeiro

⁷⁴ Veja-se a nota anterior, persistindo a ideia da proveniência da herança, pelo padraço do Marquês de Pombal.

⁷⁵ Picaria Real ou Picadeiro Real, junto ao Palácio de São Bento.

a Junta do Comércio, depois o Erário, dizendo que o fazião por serem criações do dito Snor.⁷⁶

Vai o papel, da conta feita por Estêvão António e pode tornar.

9 – 1775, novembro, 2, Lisboa

Mano muito do meu coração. Há bastante tempo que não tenho carta vossa, não contendo a última que recebi mais negócio, que o respectivo à execução da Carta Régia expedida pelo Ministério sobre a cauza de Luíz de Mello, e as vantagens, que della pertende tirar o mesmo Mello. Como porém o correyo Ventura deu nesta caza boas notícias da vossa saúde, fiquei consolado, e sem cuidado. Queira Deus continuar-vos a mais perfeita robustez; pois toda vos hé necessária. Por cá não há novidade. Eu vou passando com as minhas costumadas mazelas, e só tenho o gosto de ver a minha família desfrutando toda boa saúde.

O Sr. Marquez ainda está em Oeiras; porque ainda a feridinha que fez na perna, se não acabou de fechar; mas vai fechar-se, o que se espera com muita brevidade.

Sua Magestade passa muito bem. Vai todos os dias à Picaria, de manhã, e de tarde, e está na rezolução de hir para Pancas até 15 do corrente, o que todos recebem por hum evidente sinal do bom estado, em que o mesmo Senhor não só tem, mas considera ter a sua saúde. Deus a tome debaixo da sua protecção; pois della e da do Sr. Marquez depende a feliz concluzão e complemento dos vantajosos estabelecimentos que neste ditozo reinado se tem feito em tão conhecido bem, e aumento da monarquia.

O Sr. Marquez recebeu conta, que lhe deu o provedor dessa comarca⁷⁷ sobre a execução da Carta Régia dirigida ao Cabido. Ficou satisfeito da prompta execução, e obediência que della deu o Cabido, e os capitulares exterminados, e mandou por a dita conta de parte. Duvido porém muito que a rezolva com brevidade; e talvez ficara em esquecimento, embrulhando-se taõbem nelle a questão concernente ao cónego mais antigo que há-de hir para o desterro. Reprovou a aceitação que fez Luíz de Mello do lugar do secretário, e hé sem dúvida, que o seu espírito não foi, nem hé de que os cónegos meyo prebendados fiquem igualados aos outros. Ouvi, que sim era

⁷⁶ Estas instituições foram criadas no reinado de D. José. O Marquês de Pombal, então ainda, apenas conde Oeiras, foi o 1.º inspector-geral do Erário Régio. O acervo documental produzido encontra-se no Arquivo do Tribunal de Contas e a sua descrição arquivística encontra-se acessível em: <http://www.tcontas.pt/pt/apresenta/historia/tc1761-1832.shtm>

⁷⁷ V. nota 69.

de sua mente, que o ficassem taõbem nos actos da purificação (?), e na paz por serem obzéquios christaons que era escandalozo negar-lhes, e por eles haverem estado na posse delles, da qual os expulsou o Bispo D. Miguel.⁷⁸ Nesta certeza se pode estar. Os cônegos que procedaõ com toda a mansidão, e quanto mais o praticarem assim, tanto melhor. O provizor deu conta dos quezitos de Luíz de Mello, e nelles não faz carga ao Cabido. Pelo que não sey, se será melhor dezistir por hora de contas, e deixar esquecer esta matéria, para depois passado algum tempo competente poderes vós falar nella, e até suplicar o levantamento do desterro dos exterminados. Hé porém necessário apromtar os documentos da criação das meyas conezias, e as sentenças havidas pelos capitulares contra elles; porque sem elles e a história desses benefícios, das contendias havidas com o Cabido, e das sentenças sobre elles proferidas não se pode conhecer a verdade.

Pelo correyo ordinário, que sábado partio daqui, vos escrevi muito largamente, participando-vos a notícia da compra, que se efeituou das fazendas do Sr. Marquez, e prometendo mandar-vos a escritura com procuração para as posses se tomarem logo para se arrendarem as terras. Ainda porém não remeto agora a dita escritura, nem a procuração que há-de acompanhá-la, por embaraços ocasionados por cauza dos laudémios. Verei, se podem hir pelo correyo ordinário de sábado.

A respeito da caza de Pereira, e dos bens de Ancião não deixo de receyar, que não se lhes acodindo com a promptidão, que eu vos recomendava, haja algum prejuízo nos azeites, e passe⁷⁹ o tempo do arrendamento das terras, que por cá se estão lavrando e muitas estão já semeadas. A negociação que ao dito respeito fiz com a Sra. D. Teodora foi muito útil, assim para dahi poder perceber alguma couza, como para impedir a perda e deterioração, em que tudo se hia pondo, e para se poder melhorar a cultura, etc. Deus queira prosperar as couzas. Por hora não há mais novidade. Peço a Deus vos conserve a melhor saúde e fico à vossa obediência como

Irmão muito amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa 2 de novembro 1775

[Em adenda, na margem superior esquerda]:

O Dezembargador Manoel Francisco da Silva e Veiga chegou a esta terra, e porque no Rio vos servio com boa vontade e préstimo, lembro que

⁷⁸ D. Frei Miguel da Anunciação (1703-1779), 51.º bispo de Coimbra.

⁷⁹ O texto seguinte, até final da carta, está redigido na margem superior das duas folhas, formando uma mancha uniforme de escrita.

Ihe escrevais huma carta de boas vindas; porque elle a há-de estimar. Elle não se tem queixado, nem dado o mais leve sinal de não estar satisfeito, nem eu sey verdadeiramente se Ihe escrevestes. Isto hé huma lembrança minha para o cazo de não o teres feito.

10 – 1775, novembro, 5, Lisboa

Mano muito do meu coração. Depois da vossa última carta, que foi escrita em 20 do passado não tenho recebido outra alguma como porém por huma, que neste correyo recebi do meu bom ajudante [que tem o deza-fogo de se andar por lá divertindo faltando cá a obrigação de hir à Relação, que hoje se abriu, e não houve procurador da Coroa, porque eu não pude lá hir] fiquei certificado de vossa saúde, cessou em grande parte o meu cuidado. Por cá não há novidade em saúde.

Neste correyo entendia que a pessoa a quem quizesse dar a minha procuração para a posse, e administração desses bens de Ancião, e de Pereira, poderia ter já dado algum passo ao dito respeito; suposta a necessidade, que havia de adiantá-los, para se não perder a azeitona, e não ficarem as terras por arrendar. Mas só soube conservar-se tudo no mesmo estado, havendo já muitos dias que tinhão chegado as minhas cartas, e assinados para as procuraçoens; o que atribuo a alguns justos embaraços, que haveria para se não poder fazer o que eu vos pedia, e recommendava.

Hoje me chegam as escrituras da compra das fazendas do Sr. Marquez, e tendo eu determinado remeter-vo-las pelo correyo, não o faço por me terem chegado a tempo de eu as não poder mandar segurar. Hirão pelo primeiro portador. O laudémio do prazo da Ega já fica pago e foi de 257\$500.

Esqueceu-me repetir-vos que fizesses cantar o *Te Deum* por livrar o Sr. Marquez da conjura forjada contra elle não só na Universidade, mas taobem na Sé; e que depois disso feito o participasses por huma conta ao dito Snr., e que além disso e de felicitaes o Sr. Marquez em nome da Universidade fizesses huma deputação por elle cometida a alguns dos lentes bispos que aqui estão para hir entregar a dita carta, e em nome da Universidade fazerem o dito cumprimento a sua Ex.^a. Por cá todos o tem feito. Não hé necessário mandar lentes de lá.⁸⁰

⁸⁰ A sugestão de celebração do *Te Deum* foi acatada por D. Francisco de Lemos, como se constata pela carta seguinte de 27.11.1775.

El Rey vai de segunda-feira a 8 dias para Pancas, e por lá andarás os 6 mezes seguintes. O Sr. Marquez ainda está em Oeiras, e dizem, que vem segunda-feira próxima.

Não vos esqueçais de mandar o papel que vos disse ser necessário para rebater o requerimento do Bispo de Aveiro sobre a pertença do dinheiro do bispado, porque elle cá anda, fez muita diligência, e creyo não está cá a outro fim.

Taõbem lembro a dependência do Cardial (?). Peço a Deus vos guarde como muito vos dezeja este

Irmão muito amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa 5 de novembro de 1775

11 – 1775, novembro, 7, Lisboa

Meu irmão muito do meu coração. Para essa Universidade vai agora hum fidalgo filho da Ex.ma Snra. D. Anna Joaquina de Lencastre, e de seu primeiro marido o Snr. da Caza da Cavallaria,⁸¹ e enteado do Ill.mo e Ex.mo Governador das Armas⁸² do partido do Porto, e governador das justiças daquella cidade, cujo intento hé frequentar, e continuar os estudos, que elle já seguio nella alguns annos antes da reforma, e antes de entrar na religião da Graça, onde esteve alguns anos depois dos quaes deixou por justos motivos o hábito da dita religião, e se acha vivendo no estado clerical com o nome de Jozé de Almeida. Dezeja receber do mano o favor de mandar admiti-lo à matrícula, levando-lhe em conta para o novo curso da reforma os annos que contava já da Universidade antes da reforma, ou pelo menos alguns deles, e da mesma sorte todos os mais favores, que couberem no possível, em tudo o que respeita aos exames que devem preceder ao passe para ouvir a disciplina que lhe competir. Ainda que estou bem certo de que para recommendá-lo muito ao mano bastaõ as circunstâncias que nelle concorrem; comtudo por satisfazer ao preceito de huma pessoa, que pode mandar-me, e a quem muito dezejo obzequiar em tudo o que couber no possível, vou pedir ao mano, queira atendê-lo em todas as matérias, que poderem ser objecto de graça, e favor, de sorte que a experiência mostre a utilidade, e eficácia destes meos officios, que na ver-

⁸¹ D. Ana Joaquina de Lencastre e Noronha casou em primeiras núpcias com D. Gonçalo de Almeida de Sousa e Sá, Senhor do Morgado da Cavallaria, donatário da vila do Banho.

⁸² D. João Manuel de Almada e Melo (1703-1786), Governador das Armas e Justiças do Porto, entre outros cargos e titulos, seu segundo marido.

dade são muito sinceros, e feitos com verdadeiro empenho, de que lhe sejam vantajozos.

Para, tudo o que for dar gosto ao mano, fico sempre tão prompto, como quem hé

De V. Ex.^a

Irmão muito amante do coração

Azeredo Coutinho

Lisboa 7 de novembro de 1775

12 - 1775, novembro, 27, Lisboa

Mano muito do meu coração. Todas as vossas cartas últimas, e da mesma sorte as notícias, que por outras vias recebo da vossa boa saúde, me deixão cheyo de huma indizível satisfação. Queira Deus continuar-me o mesmo gosto pelos annos do nosso dezejo. Por cá não há novidade em matéria de saúde. Minha mulher se vos recomenda com as devidas expressoens do muito que estima a vossa feliz disposição. Os meninos passão ambos bem e o mais velho não acha couza, com que mais se entretenha do que com os livros.

Estimo infinitamente tudo o que nessa Universidade se passou no dia do domingo destinado para a acção de graças a Deus⁸³ por nos ter preservado a importantíssima e precioza vida do Sr. Marquez de Pombal das terríveis machinaçoens que contra ella hia urdindo, e tecendo o malvado João Baptista Pelli⁸⁴, e seos infames sócios até agora não descobertos.

A abertura dos novos edifícios foi muito bem determinada para esse mesmo dia, e muito bem ordenado, que na ocazião delle se recitasse a oração, que fez o Prof. Dalabella⁸⁵. O Snor. Marquez há-de estar muito

⁸³ A falta de documentos de despesa da Universidade, para os anos de 1772-1777, não permite averiguar com clareza o que terá ocorrido na Universidade nesta data em que a carta foi redigida. No entanto, a consulta do *Livro de Receita e Despesa da Junta da Fazenda da Universidade, 1772-1775*, fl. 178 (cota AUC-IV-1.ºE-12-4-1) permite saber que foram distribuídos 78\$800 réis, em 18.11.1775, pelos músicos da cidade que foram chamados à Capela da Universidade "*para solemnizarem com a devida pompa a Festa de Acção de graças celebrada com a assistência do corpo da Universidade [...] pela preservação da vida do Ill.mo e Ex.mo Senhor Marquez de Pombal...*".

⁸⁴ Em 11 de outubro de 1775 foi executado o pirata genovês João Baptista Pell; que havia sido acusado de atentado contra o Marquês de Pombal, por ocasião de inauguração da estátua de D. José, em junho desse ano.

⁸⁵ Giovanni António Dalla Bella (1723-1823), professor paduano que leccionou entre 1773 e 1790 a cadeira de Física Experimental na Universidade de Coimbra. Anteriormente, fora professor no Colégio dos Nobres, em Lisboa, de 1766 a 1772. Os novos edificios referidos nesta carta são, certamente, o Museu da História Natural, o Laboratório Químico e o Gabinete de Física cuja construção vinha sendo delineada desde 1773 pelo tenente-coronel Guilherme Elsdén, por ordem do Marquês de Pombal. Entre outros trabalhos já publicados, leia-se o de BENTO, 1993: 177-219.

contente, e satisfeito, e alem do agradecimento de que elle há-de estar penetrado pelas públicas demonstraçoens do amor, e do reconhecimento dessa Universidade aos incomparáveis benefícios que delle tem recebido (o que toca ao seu pessoal) há-de tãobem achar-se muito gostozo, enquanto Lugar-Tenente de Sua Magestade nessa Universidade, por ver que os novos edificios estão já com a última mão (excepto somente o Observatório Astronómico) e que delles se começa já a dar princípio à prática dos fins, para que são ordenados, e que prometem grande benefício e immensas vantagens à Nação Portuguesa. Elle dezejava ver acabado algum dos ditos edificios. Agora recebeu junto o gosto de ver ao mesmo tempo completos tantos, como são o Muzeo, o Laboratório Chímico, o Hospital, o Collégio das Artes, e a Imprensa.⁸⁶ Eu no sábadó tive a honra de estar com o dito Senhor (e mais outros) até às 10 de meya da noute; e por isso vos não escrevi; e posto que eu já tinha notícia do que ahi se passou no sobredito domingo por via de Fr. Joaquim; nem por isso lhe quiz falar em couza alguma dessas, dezejando muito, que essas notícias lhe fossem pela primeira vez annunciadas por carta vossa. Estando nisto tive o gosto de receber a vossa carta hontem, e de saber, que o correyo as trazia (?) para o dito Senhor.

Hontem foi o dia da publicação da Bulla da Cruzada, a qual se fez com grande enxovalho; porque estando o tempo bom na véspera, amanheceu o dia chuvoso, e toda a manhaã choveu de sorte que nunca cessou. Sem embargo disso assistio o Sr. Marquez, e a Sr.^a Marqueza e jantaraõ com o Sr. Cardial na forma costumada.

Estando eu na função da Bulla me veyo aqui buscar João Chrizóstomo, mas não me achou, o que senti, porque talvez teria que me dizer alguma couza a vosso respeito, e por ocasião da chegada do dito correyo. Vi o papel que fizestes, e me mandastes sobre o título de *Meyos-Cónegos*, e o de *Cónegos Meyos Prebendados*. E parece-me sem dúvida muito bem feito e que mostra não ser o dito título insignificante, nem questão de nome. Porém como elle ainda que <por huma parte> representa bem decidida a denominação de cónego meyo prebendado, dada a Luíz de Mello⁸⁷; por outra parte mostra não ser feito senão para impugná-la e para fazer que ella se lhe mandou dar sem justos, e sólidos fundamentos: parece-me, que se não deve

⁸⁶ Para conhecer, de forma mais particular, a construção destes edificios e obras no Paço das Escolas podem consultar-se as seguintes obras: PIMENTEL, 2000; MORA, 1993 e CRAVEIRO, 1990.

⁸⁷ Luíz de Melo (1718-?), natural de Ansião, era irmão do jurista Pascoal José de Melo Freire dos Reis, foi ordenado sacerdote em 1745. O tema já foi abordado em cartas anteriores e continuará a sê-lo em outras missivas - V. nota 69.

apresentar ao Sr. Marquez. Porque como hum dos pontos principaes da sobredita decizão consistio no referido título de cónegos meynos prebendados; este se deve reputar o mais sagrado da Carta Régia que ao dito fim se expedio; e certamente não seria tomado bem pelo dito Snor ao menos na presente occazião, em que elle quer a extinção dessa controvérsia, e enquanto elle não vem a fazer o devido conceito das intrigas de Luíz de Mello. Isto mesmo pareceu tãobem a João Chrisóstomo. O Sr. Marquez o que quer hé que elles se chamem cónegos meynos prebendados, que entrem nos lugares da Secretaria e da Administração da Fazenda, Repartição do Celeiro, etc., mas não quer que elles sejaõ vogaes no Cabido, nem que se lhes incumba o cartório, etc. As novas e impertinentes queixas de Luíz de Mello talvez o ponhão em má-fé com o dito Snor. e lhe fação desmerecer huma boa parte do conceito, que elle lhe devia. Quando isso se verificar, então será o momento oportuno de fazer ver do dito Snor. as artes, com que elle o veyo surprender [sic] para o melhoramento do título. Sem dúvida o Sr. Marquez não tinha notícia das três sentenças conformes obtidas pelo Cabido contra os meynos cónegos, nem de que os autos delles se recolhem à Secretaria por ordem superior a instância do mesmo Cabido.⁸⁸

Vi a petição do Cabido, que se vos fez para justificar os artigos, que nella se deduzem para servir de defeza ao mesmo Cabido contra as novas queixas, e maquinaçoens de Luíz de Mello. Parece-me que fizestes muito bem em a não despachar. Como porém ella contém a defeza do dito Cabido, e pode haver prejuízo em ficar suprimida por não ser a primeira vez, em que triunfa a calúmnia; resultando della não só detrimento do Cabido por indefezo, mas tãobem o poder imputar-se-vos o dito detrimento. Taõbem me parece, que deis conta ao Sr. Marquez da apresentação que se vos fez da dita petição por parte do Cabido, remetendo-a ao dito Snor; e dizendo-lhe que vos não atrevestes a despachá-lo, nem da matéria della a tomar conhecimento algum sem para isso receberes ordem expressa de Sua Ex.^a que sobre elle mandará o que for servido. E com isto acho ser melhor esperares por hora, até que o mesmo capítulo depois de bem justificado possa fazer a deducção dos seus direitos. Sey que isto não hé o mais conforme ao vosso gosto, mas eu o reputo pelo mais seguro.

⁸⁸ A questão com os cónegos tercenários e meios-cónegos deu origem a diversa documentação que pode hoje ser consultada no Arquivo da Universidade de Coimbra inserida em *Mitra Episcopal de Coimbra (F)*, nomeadamente os liv. 129, 130 e 131 (1775-1776) – (cota AUC-II-2.^ªE). Leia-se, sobre este tema, a tese de mestrado, defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, de GODINHO, Carlos Alberto da Graça (2009) – *A Sé de Coimbra em conflito (1758-1780). Meios Cónegos e Terceiros em oposição aos Capitulares*. Coimbra: FLUC.

Luíz de Mello mandou hum presente a João Chrizóstomo. Mas este o regeitou. Sey que tem amizade com o meyo cônego Campos, mas não me parece, que seja capaz de faltar à razão, e à justiça e que contra ella lhes conceda os seos officios. Elle mostra-se-me muito dezejezo de fazer-vos o gosto, e que hé muito vosso apaixonado.

O Bispo de Aveiro persevera nos seos projectos de tirar dinheiro do cofre do deste bispado. Com este fim, e outros busca algumas vezes o Sr. Marquez, e como tem patrono, poderá pescar alguma couza por surpresa. Já vos avizei, que o Sr. Marquez depois de eu lhe falar na matéria em Junta do Erário⁸⁹ depois de se persuadir de que não tem justiça, me disse se lhe formalizasse requerimento para assim o decidir, e vos pedi mandasses o dito requerimento, mas elle até agora não veyo; e entretanto pode o dito Bispo conseguir algum despacho contrário. Eu não posso suprir esta vossa falta; porque a minha vida hé hoje a mais miserável do mundo; e nem tempo tenho para responder a huma carta, quanto mais para fazer representaçoens. Elle argumenta com a contribuição do bispado do Porto para o de Penhafiel, mas isso se fez, porque quando se fez a divizaõ, já o bispado do Porto estava vago. Estando provido, há os exemplos do Bispo da Guarda, com o de Castelo Branco; e do Sr. Arcebispo de Évora com o de Beja. Elle quer dar por morto o Bispo D. Miguel valendo-se para isso das Cartas, e Decretos Régios; mas não vê, que Sua Magestade o houve depois por vivo quanto à sucessão do coadjutor.

Remeto-vos esse papel, que hé cópia de outro, que pela Secretaria de Estado se remeteu ao Dezembargo do Paço para delle se tomar conhecimento. Pelo Dezembargo do Paço se expedio à Junta das Confirmaçoens⁹⁰ para por ella se haverem as informaçoens necessárias na intelligência de que nella se achariaõ os privilégios e doaçoens da Universidade para se confirmarem. Nada porém se achou, nem consta, que a Universidade satisfizesse a dita Ley das Confirmaçoens Geraes. Não sei como isto passou, nem se se obrou com

⁸⁹ A Carta de Lei de 22 de dezembro de 1761 criou o Erário Régio presidido por um inspector-geral e subordinado ao Rei. O Conde de Oeiras, depois Marquês de Pombal, foi o seu primeiro inspector. João Pereira Ramos assistia às reuniões do Erário, como Prouador da Coroa. Pode conhecer-se a documentação produzida por este órgão administrativo pela consulta de MOREIRA, Alzira Teixeira Leite (1977) – *Inventário do fundo geral do Erário Régio: Arquivo do Tribunal de Contas*. Lisboa.

⁹⁰ A Junta das Confirmações Gerais foi criada por Carta de Lei de 6 de maio de 1769, estando entre as suas atribuições a confirmação dos privilégios que tivessem sido concedidos a pessoas e instituições. A documentação produzida encontra-se no ANTT e a sua descrição arquivística está acessível em <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4643519>. Nesta mesma carta se refere a consulta a esta Junta, para averiguar os privilégios da Universidade de Coimbra.

ordem superior, e de quem. Sey sim, que os ditos privilégios e doações da Universidade vieraõ as confirmaçoens passadas, e assim consta dos livros dellas.

Huma criada da Sr.^a Marqueza, que tem ahi hum sobrinho não sey se no Seminário, ou aprendendo para médico, a cujo favor já vos escrevi me deu há poucos dias hum grande ataque na presença da dita Snr.^a dizendo que nada se tem feito ao dito respeito. A Sr.^a Marqueza interessa-se. Hé necessário satisfazer-lhe.

Não há tempo para falar agora nas dependências de Ancião, e da casa de Pereira. Lembro a posse das fazendas compradas ao Sr. Marquez, e que para ellas se mandem primeiro tirar certidoens dos tombo das ditas fazendas, que estão em Pombal, onde se achaõ os autos originaes dos ditos tombo, para o que o ouvidor da dita vila tem ordem para mandar logo as ditas certidoens, e apromtar tudo o mais que a respeito das ditas fazendas se achar nos ditos autos, e cartório; e em conformidade dos ditos tombo se devem agora tomar as posses; o que se faz muito necessário para se arrendarem, e se não perderem os frutos deste anno.

Não posso mais, nem há tempo. Tudo o que recomendastes respectivo a João Chrizóstomo fiz, como mandastes. Se falta alguma couza, dirás em outra ocazião, pois fica cá muito correyo. Fico com grande dezejo de dar-vos em tudo gosto, como

Irmão muito amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa em segunda-feira
27 de novembro de 1775

13 - 1775, dezembro, 2, Lisboa

Mano muito do meu coração. Depois de vos escrever pelos três correys, que partiraõ daqui juntos, soube, que por elles tinha o Sr. Marquez mandado informar de novo o provedor dessa comarca sobre os novos factos, que fizeraõ o objecto das queixas do meio cónego e do tercenário dessa cattedral representadas em huma petição, que ofereceraõ ao dito Senhor. O mesmo Sr. Marquez quando elles lhe falaraõ lendo a dita petição se mostrou enfatiado, e quaze posto em cólera, e lhes perguntou se se atreviaõ elles a provar os ditos factos, ao que disseraõ que sim. Lendo porém immediatamente a conta do provedor se aquietou alguma couza, e os despedio, dizendo-lhes que se havia de fazer justiça. Sey que dizendo-se-lhe que vós havias de estar sentido por veres o que passava na vossa Sé, elle respondeu que não era nada convosco, e que tendes feito bem em vos não meteres nisso.

Daqui tirareis as conclusões, que se seguem. A nova conta do provedor hé que pode fazer agora muito, tendo elle todo o cuidado em examinar bem os ditos factos e em verificá-los com os documentos; que os provaõ. Se elle vos consultar, como suponho, podeis habilitá-lo com algumas notícias que elle não pode ter, e que fallo (?) ao cazo. Luíz de Mello taõbem aqui appareceu, publicando, que se hia logo embora mas parece que ainda cá está. Falou ao Sr. Marquez, e tanto elle, como os seus dous embaixados obtiverão audiência por mediação do Geral dos Jerónimos. João Chrizóstomo está muito contra o dito Mello porque se diz que quaze lhe tomou satisfação de não aceitar o presente que elle lhe mandou.

Hoje hindo a caza do Sr. Marquez à Conferência do Erário achei lá, como esperava, o Tenente-coronel Elsdén com o Livro das Plantas dos Novos Edifícios dessa Universidade⁹¹, os quaes estavam já vendo o Senhor Marquez e o Senhor Cardial que havia chegado pouco antes que eu. Gostei muito de ver tudo e o Senhor Marquez ficou muito satisfeito. O Sr. Cardial disse que só aquillo bastava para fazer honra a este reinado. Quando se chegou à planta onde vinha a Livraria, explanou o Sr. Marquez o como ella fica, expondo o seu projecto das duas Livrarias e a Capella no meyo, achando-se inteiramente fora do novo plano, que já vinha indicado na planta.⁹² O Tenente-coronel se calou, e taõbem eu, e por hora ficou ainda nelle. Joaquim Ignácio⁹³ taõbem mostrou ficar satisfeito e gavava [sic] a grandeza das salas etc.

O Sr. Cardial vendo que eu sahia ao Jardim, sahio taõbem a elle, e me disse vos escrevesse, que elle me falava nas novas Constituições; e vo-las

⁹¹ O livro referido é, muito provavelmente, a obra manuscrita que hoje se conserva no Museu Nacional Machado de Castro com a designação *Livro das Obras da Universidade* ou "*Livro das Provisões*", de 1772-1773 - MNMC2231. A sua descrição, com indicação das provisões régias que contem e desenhos dos edificios pombalinos pode ser consultada em <http://www.museummachado-castro.pt/pt-PT/minisitios/ContentDetail.aspx>. Existe também a publicação de FRANCO, Matilde Pessoa Sousa (1983) – *Riscos das Obras da Universidade*. Coimbra, MNMC. Outras plantas de obras pombalinas da Universidade, da autoria do architecto e Tenente-coronel Guilherme Elsdén podem ser consultadas na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – BGUC - *Plantas pombalinas*, Ms. 3179, 3180. No Arquivo da Universidade de Coimbra existem pagamentos diversos a Guilherme Elsdén, bem como os livros de registo de obras dos edificios pombalinos. Curiosamente, tem passado despercebido aos investigadores um volume, exclusivamente dedicado à *Despeza da Meza do Tenente Coronel Guilherme Elsdén [...] 1773-1775* (cota AUC-IV-1.ªE-10-2-40), contendo as despesas de alimentação, mas que, infelizmente, se encontra deteriorado, com omissão de texto.

⁹² A proposta de remodelação da Casa da Livraria (a Biblioteca) não chegou a ser executada. Pode consultar-se sobre o tema MORA, 1993: 156 e 158.

⁹³ Joaquim Inácio da Cruz Sobral, tesoureiro-mor do Erário Régio, sucedendo por morte de seu irmão José Francisco da Cruz, do Conselho de Sua Magestade. O seu nome surge, frequentemente, ao longo das cartas, estando presente nas Conferências do Erário, juntamente com João Pereira Ramos.

lembrasse, porquanto elle se vê muito apertado pelo Sr. Marquez, que lhe pergunta muitas vezes por ellas; e dezeja com grande empenho, que vós mandeis alguma couza, que mostre ter-se dado princípio a ellas. Eu lhe disse que vós me havias escrito, que entravas a cuidar nellas, e que por o outro correyo escrevia a Sua Eminência, como eu já dissera a Sua Eminência; mas que algum embaraço terias, pelo qual o não fizestes. Peço-vos pois, que suspendais por algum tempo outras occupaçoens, e que cuideis muito nisso, para que não percais a boa vontade, e amizade do dito Cardial, que hé muito conveniente, e dahi se nos não sigaõ mais prejuizos do que são os que eu vou experimentando, <em mim> que bastaõ para me inquietarem, e me trazerem em huma contínua perturbação de espírito.

Não tenho tempo para mais. Fico para vos dar gosto como
Irmão muito amante e todo do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa 2 de dezembro 1775

[Registado na margem superior, em adenda]:

Quarta-feira passada à noute à minha vista disse Fr. Manuel de Mendonça ao Sr. Marquez, que dizião, que nas obras da Universidade se tem gasto mais de hum milhão e quatrocentos mil cruzados e que só estava feito o Muzeo. O Sr. Marquez respondeu, que perguntasse a quem o dizia se esse milhão, se gastara do seu dinheiro, e acodindo eu a dizer que Sua Excelência teria já recebido notícia de que tudo o mais estava acabado etc., me disse elle que sim. Elle na verdade está contente. O Sr. Marquez conveyo em que se tomasse aquelle canto de pateo ou quintal dos Grilos,⁹⁴ que quaze toca a Universidade, e que em lugar d'elle se lhe desse outro tanto em outra parte, que pode ser adiante.

14 - 1775, dezembro, 9, Lisboa

Mano muito do meu coração. Recebi com o costumado gosto, e satisfação a vossa carta vinda pelo correyo ordinário e por me constar, que hoje parte hum dos da Secretaria e eu hir para a Ajuda, donde não sey a que horas voltarei, deixo em caza esta feita à pressa para se lhe entregar, vindo elle por ella, e porque não vindo, se remeta pelo correyo.

⁹⁴ Grilos ou Frades Grilos era a forma vulgar como eram conhecidos os Eremitas Descalços de Santo Agostinho. Em Coimbra, tiveram o Colégio de Santa Rita, fundado em 1755, construído acima do local designado por Palácios Confusos – VASCONCELOS, 1987: 280-281. É provável que tenha sido feita alguma permuta de propriedades, ainda não identificada entre o acervo documental do AUC.

O primeiro motivo da minha satisfação, e gosto, hé a vossa boa saúde. Deus vo-la continue sempre na mayor perfeição. Por cá não há novidade com matéria de saúde, e nem em outra alguma, que eu saiba.

O grande negócio, em que interessa esse cabido, tudo está agora dependente do Ministro a que foi informar. Elle hé o que deve trabalhá-lo, examinando o cartório, extrahindo certidoens do que for necessário, e conveniente, e remetendo-as, para o que deve ser socorrido com as notícias competentes; pois per si só não as acharia nem dellas saberia fazer o uzo devido. Duvido, que esses papeis me venhaõ com vista, porque como andaõ por cima, ou se rezolveraõ por cima, ou se consultaraõ pela Meza, quando succeda mandarem-se a ella, sem eu ser ouvido, como hé pratica em outros muitos. Eu na verdade não dezejo, que elles cá me venhaõ, porque como o Sr. Marquez tem rezolvido, que elles sejaõ cónegos meynos prebendados, como hé possível combater este ponto directo, nem indirecto, sem hum evidente perigo de se estranhar toda a contrária decizaõ ou arreoado a ella tendente. Deus ponha tudo na ordem, e socego que vós dezejais e na verdade convém.

Quinta-feira se foi Franzini⁹⁵ despedir do Sr. Marquez e reparei que foi só, tendo antes andado sempre acompanhado por Ciera⁹⁶, contra o qual ouvi falar o dito Snor. estranhando-lhe os requerimentos que fazia, e em que metia ao outro, que o dito Snor. julgava intempestivos. Falando-se, em que a Faculdade de Matemática não tem quaze nada de ouvintes, e assim taõbem a de Medicina, disse o mesmo Snor. ao dito Franzini que vos dissesse consultasses sobre esta matéria para se darem as providências necessárias para se animarem essas Faculdades. Isto fareis, quando puderes, visto que ainda as outras consultas não estaõ rezolutas, nem decididas.

Agradeço a diligência de mandares tomar posse da caza de Pereira. Hé certo, que meu sogro fala em entregar a caza de Condeixa, rezervando para si alguma parte della juntamente com a caza de Fermozelhe; vindo porém elle assistir nesta caza os invernos, e passando a essa província nos veroens, e tempos das caçadas. Além disso creyo, que determina venhaõ, ou venha para cá algumas, ou alguma das irmans. Com o que creceraõ talvez as despezas de sorte, que eu da dita entrega pouco, ou nenhum cómodo tire. Elle ainda não

⁹⁵ Michele Franzini (ou Miguel Franzini) natural de Pádua (1730-1810) foi nomeado professor de Álgebra, da Faculdade de Matemática, em 1772. Foi jubilado em 15.6.1791 e foi também Lente da Aula de Fortificação, em Lisboa, em 1780.

⁹⁶ Michele António Ciera, também italiano, foi nomeado Lente de Astronomia, da Faculdade de Matemática, em 1773. Foi director da mesma Faculdade, nomeado em 1778. Seria também professor em Lisboa, da Aula de Navegação, tendo sido nomeado em 18.1.1780. Veio para Coimbra já depois de ter leccionado no Colégio dos Nobres, em Lisboa.

escreveu sobre esta matéria, na qual há-de escrever a Fr. Joaquim para elle me propor os seus projectos, e depois de conferir comigo sobre elles passar a Condeixa com as minhas respostas e concluir o dito negócio, para que na primavera se faça a mudança. Sempre se poderá cuidar em alguma couza, e se comporá pelo menos a frontaria da dita caza de Condeixa. Não me ocorre outra couza. Fico com grande desejo de vos dar gosto, como quem hé.

Vosso irmão o mais amigo do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa 9 de dezembro 1775

[Texto acrescentado no final da carta e na margem superior]:

Para tomar posse das fazendas compradas ao Sr. Marquez não são necessárias as escrituras de compra; huma das quaes ficou preza no cartório por onde se fez o aforamento. Basta tirarem-se certidoens dos tombo, que estão no Pombal, fazer petição, etc., porque nenhum impugne e para prova da venda lá estão os assentos da ciza, que se pagou da venda. Hé preciso adiantar a posse por amor do arrendamento das terras, para que não fiquem sem ellas este anno. Hé necessário mandares falar sobre isso a meu sogro, que já mandou tirar as certidoens ao Pombal.

15 - 1775, dezembro, 16, [Lisboa]

Mano muito do meu coração. Há dias que me falta o estimável gosto das vossas cartas. Como porém me consta da vossa saúde não tem a dita falta produzido em mim os efeitos, que sem dúvida produziria se eu não me achasse certificado de que não padeceis diminuição na boa disposição, de que antecedentemente gozavas. O ceo vos continue esta felicidade, como muito lhe peço.

Por cá não tem havido novidade considerável, e isto se verifica primeiro que tudo na saúde de todas as pessoas principaes desta caza.

Sábado passado partiraõ as pessoas reaes, que aqui tinhaõ ficado, para Salvaterra, para onde Suas Magestades passão hoje. Ayres de Sá⁹⁷ fica a partir taobem para lá rezidir, e assistir aos mesmos Snrs., enquanto lá estiverem, ficando aqui só o Sr. Marquez, que sempre hirá ver a Suas Magestades alguma vez.

Luíz de Mello se despedio de mim já sem me ter buscado outra vez. Não sei se terá já partido, e me parece, que já não achou as águas tão claras para o seu negócio.

⁹⁷ Aires de Sá e Melo (1690-1786) – v. notas 66 e 67.

O Ciera foi já deferido, mandando-se-lhe pagar pelo Erário hum conto de réis, assim como a Franzini, e cuido, que não tardará em se recolher para essa Universidade, para onde parte amanhã o conservador com a sua família.⁹⁸

Lembro-vos o importante negócio, em que interessa o Senhor Cardial, e peço-vos que tomeis para isso algum tempo, agora que tendes dado várias contas, que ainda estão sem providência, e que o Sr. Marquez se acha verdadeiramente muito contente com o complemento dos edifícios dessa Universidade, do que tem mostrado muita satisfação. Este hé o modo de hires acodindo a tudo, e não vos pareça que o dito negócio hé indiferente.

O Pe. Sebastião nosso primo pode agora ficar ou vigário de Candelária por ser falecido o que o era, ou Deaõ do Rio.⁹⁹ O Deado rende 500 rs a vigairaria [sic] 4 mil cruzados. Poem a escolha nas mesmas maons para a petição de huma das ditas duas couzas. Estou perplexo. Dai-me o vosso parecer. Não posso mais porque hé tarde, e hora de hir para a Ajuda. Dezejo em tudo dar-vos gosto, como

Irmaõ muito amante do coração
Azeredo Coutinho

Sábado 16 de dezembro 1775

16 - 1775, dezembro, 19, Lisboa

Mano do meu coração. O memorial incluzo hé de hum criado do Marquez de Marialva¹⁰⁰, pelo qual elle se interessa a favor do estudante médico João da Fonseca¹⁰¹, de quem hé o dito memorial. Peço-vos que lhe façais algum

⁹⁸ Vide notas anteriores 95 e 96 sobre os professores italianos Michele António Ciera e Michele Franzini. A referência ao conservador reporta-se ao desembargador Marçal José Galvão de Oliveira Fajardo, juiz conservador da Universidade e simultaneamente seu juiz executor. Veja-se o *Livro de Folhas de Ordenados da Universidade, 1774-1775*, fl.3 (última foliação), (cota AUC-IV-1^oE-11-5-43) no qual ficam registados os recibos de ordenados de seus cargos. No *Livro de Folhas de Ordenados, de 1775-1776*, fl. 78 e 80, (cota AUC-IV-1.^oE-11-5-44) podem ver-se os pagamentos aos professores italianos. Em carta de 30.11.1772 o Marquês de Pombal solicitara já a D. Francisco de Lemos que declarasse as casas que tinha destinadas para acomodação de Michele Antonio Ciera: “*para que as ditas cazas se achem prontas quando elle chegar*” – v. *Livro da Nova Fundação da Universidade*, vol. 1 (1772-1774), fl. 110 (cota AUC-IV-1.^oD-3-2-7).

⁹⁹ O Pe. Sebastião Rodrigues Aires, cuja mãe D. Maria de Lemos Pereira, natural do Rio de Janeiro, era irmã do pai de D. Francisco de Lemos, foi deão da Sé do Rio de Janeiro – v. CARDOSO, 2011: 68; ali se publica uma carta do Bispo do Rio de Janeiro, D. José Joaquim Mascarenhas Castelo Branco, datada de 1774, enviada ao Rei D. José, sugerindo os nomes dos eclesiásticos mais aptos para exercerem cargos na sua Sé, incluindo o citado nome para Deão.

¹⁰⁰ D. José Pedro de Alcântara de Meneses Noronha e Coutinho (1713-1799).

¹⁰¹ Este estudante, natural de Olhão, filho de Mário da Fonseca, encontrava-se, no ano letivo de 1775-1776, a frequentar o 3.^o ano da Faculdade de Medicina e o 4.^o ano da Faculdade de

favor, e esmola, como nelle se pede, para que saiba o Marquez que atendemos às pessoas por quem elle se interessa e interpoem os seus officios. Deus vos remunerara a esmola, que lhe fizeres, e por elle vos concederá muita vida e saúde, como sempre lhe peço. Lisboa 19 de dezembro de 1775

Irmao que muito vos ama de todo o coração
Azeredo Coutinho

[o referido memorial, em folha anexa a esta carta]

Ill.mo Snr.

Joaõ da Fonseca estudante matriculado na faculdade de Medecina e natural de Olhão, reyno do Algarve se acha na Universidade de Coimbra na frequencia dos seus estudos: mas quazi impossibilitado a frequentá-llos por lhe faltarem meios para isso, sendo seus pais pobres pello que lhe não podem assistir com todo o necessário para a sua subsistência e conservação: razão por que

Recorre humildemente à innata benevolência do Ill.^{mo} Snr. João Pereira Ramos, para que atendendo com olhos de piedade à sua pobreza queira interceder por elle ao Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Reitor Bispo e Reformador irmão de V.^a Ill.^{ma} para que o queira tomar entre o número dos muitos que com as suas pias e liberaes mãos favorece dando-lhe pello amor de Deus alguma couza para ajuda dos seus estudos: ficando elle por esta acção obrigado a rogar a Deus pello augmento temporal e spiritual de V.^a Ill.^{ma}

E R M [Espera Receber Mercê]

Pede o Marquez de Marialva por ser couza de hum seu criado.¹⁰²

17 - 1776, janeiro, 13, Lisboa

Mano muito do coração. Tenho-vos faltado com cartas pelos últimos correys ordinários porque tenho padecido hum defluxo impertinente, que me teve em caza toda a festa. Passo agora com alívio. Minha mulher passa bem, e vos agradece vivamente a vossa lembrança e vossos [sobrinhos] estão muito bons; e o mais velho já vai falando, mostra muito tino, e grande inclinação a livros. Tenho certeza de que passais bem, e estimo mais do que sey expressar-vos.

Filosofia – v. *Universidade de Coimbra (F); Relação dos estudantes de todas as Faculdades, matriculados neste presente anno de 1775 p.^a 1776*, fl. 58 e 94 – (cota AUC-IV-1.^aE-13-3-23).

¹⁰² Nota manuscrita lançada à margem por Azeredo Coutinho.

Sobre a dependência dos cônegos não há, nem haverá novidade enquanto não vier a informação do provisor, que de lá deve vir bem digerida, e com a verdade posta em toda a sua luz.

A respeito do negócio da pertensão do Bispo de Aveiro só posso dizer, que o papel que me mandavas está muito bom. Mas como não veyo em forma de requerimento, por isso o não tenho apresentado. Hei-de fazer huma representação breve, em que elle vá incluzo. O Sr. Cardial disse hum dia destes, que o Bispo de Aveiro não fazia aqui nada e devia recolher-se. Mas creyo, que parou tudo no seu dito, e não houve procedimento ulterior. Hontem soube, que lhe escrevestes pela festa, e lhe disse, que esperava carta mais extensa. Elle está com ambos os olhos fitos na obra das Constituições.

Hoje baixaraõ esses despachos. Muitos entenderaõ, que o houvesse tãobem para os Tribunaes. Mas isso corre com passos muito lentos. Eu já sabia que não. Pude despachar o cunhado de Pedro Fabião, e parente de minha mulher para o lugar de juiz do crime dessa cidade, que hé o que mais conta lhe faz. Mas não pude conseguir, que o filho do Mimoso levasse huma correição ordinária. Isso mesmo que teve, não o teria, se eu o naõ lembrasse, o que pude fazer por huma casualidade.

O Príncipe esteve doente com huma febre, que deu cuidado, mas passa livre de susto. O Sr. Marquez tem tido seu defluxo mas não tem sido muito forte.

Agradeço o cuidado, que tem havido na administração, e entrega das fazendas. Sobre tudo isso se deve consultar meu sogro, que como experiente pode dirigir a João Baptista.

Já sabereis, que elle me escreveu, dizendo, que me quer entregar a administração de toda a sua caza, assim de Condeixa como de Fermozele, dando-lhe eu huma pensão, que entendo não passa de 600\$000, e vindo elle morar nesta caza. A dificuldade está no cómodo das irmans seculares. Mas se ellas voluntariamente não quizerem hir para Convento viraõ para cá, porque sempre faz conta receber todo o rendimento da caza ainda que seja com estas pensoens quando ¹⁰³[...] Sempre a resolução (?) de meu sogro tem poucos exemplos. Fr. Joaquim, que partirá daqui em fevereiro hé quem há-de ajustar este grande negócio que dando-nos Deus vida poderá contribuir muito para o adiantamento da caza.

Não me lembra outra couza. Fico à vossa obediência como
Irmão muito amante do coração
J Azeredo Coutinho

Lisboa 13 de janeiro 1776

¹⁰³ Seguem-se palavras entrelinhadas cuja leitura não é perceptível.

18 - 1776, janeiro, 19, Lisboa

Mano muito do meu coração. Partem os correysos em ocasião em que eu me acho tão incommodado com as minhas hemorroides, que apenas poderei expor-vos o meu fervoroso desejo, que se dirige às vossas felicidades. Deus vos continue a feliz saúde, com que estais, e vos conceda quanto eu vos cordialmente vos apeteço.

Por cá não há novidade em matéria de saúde, pois a que me respeita, de que falo acima, não hé de consequência por hora. Minha mulher passa bem, e se vos recomenda. Vossos sobrinhos vão-se criando sem novidade.

Aqui veyo esta tarde, e agora se vai daqui a Sr.^a D. Marianna de Menezes mulher de Ayres de Sá, a qual depois de ter já feito a sua vizita em outro dia, veyo hoje a pedir-me com grande empenho, que vos madasse muitas lembranças suas, e que da sua parte vos pedisse os dous negócios seguintes em que ella tem empenho grande.

O 1.^o dos ditos negócios hé o bom despacho do requerimento que na petição a esta Junta faz Jozé Francisco de Albuquerque da vila de Annadia, que pede o officio de escrivão do público, judicial, e notas¹⁰⁴ e câmara da dita villa. O dito hé irmão, ou pay de huma aya muito estimada da dita Snra.; e hé pessoa de bem. O dito officio há-de ter serventuário, mas parece, que consta, que elle serve muito mal, e que está em termos de se lhe tirar. Neste cazo se há-de entrar outro, quer ella que entre o seu afillhado, e nestes termos hé o requerimento de possível bom despacho.

O outro negocio hé de Manuel Gomes de Beça Negrão, que tãobem pertende outro officio. Mas o memorial este não o acho agora, hirá em outra ocasião. O 1.^o hé muito grande empenho.

Pelo correyo passado vos escrevi, e agora pouco tenho que acrescentar.

Sahirão confessor de El Rey Fr. Mathias Frade Arrábido de S. Jozé de Ribamar¹⁰⁵, que hia a nossa quinta das Prayas, tinha sido Mestre em Mafra, e era parente do médico Payzinho¹⁰⁶, e taõbem sahio deputado da Censória. Para confessor do Sr. Infante D. Pedro o Pe. Mainé dos Borrás,¹⁰⁷ que hé deputado da Censória.

¹⁰⁴ Segue-se, riscado: da dita villa.

¹⁰⁵ Convento de São José de Ribamar, da Ordem dos Frades Menores, da Provincia da Arrábida, situado em Algés (c. Oeiras).

¹⁰⁶ João da Silva Moreira Paisinho (Payzinho), natural de Lisboa, filho de João da Silva Freire, estava no 3.^o ano da Faculdade de Medicina em 1776; fica a dúvida se é o mesmo, uma vez que não foi localizado outro médico com este apelido.

¹⁰⁷ Fr. José de Jesus Maria Mayne (1723-1792), da Ordem Terceira de São Francisco, deputado da Real Mesa Censória.

Ayres de Sá me disse, que vos avizasse, que disfarçasses com hum ex-jesuíta, que está em caza de Miguel Paes do Amaral, e lhe ensina os filhos, para que podesse pregar, porque falando-se nesta matéria ao Sr. Marquez, pedindo-se-lhe licença para confessar, e pregar, disse, que para pregar sim, porém para confessar não, e que quanto à prédica o melhor meyo era escrever ao Bispo, que o deixasse pregar. Eu verdadeiramente não sey, se o dito hé o mesmo, sobre que elle me disse, que vos escrevesse, ou se hé outro, que esteja na sua caza de Annadia, ou na de Condeixa dos Sás; porque me parece, que me disse, que a exemplo do que eu vi rezolver pelo Sr. Marquez sobre o de Miguel Paes que foi o referido vos avizasse fizesses o mesmo a respeito do outro. Por isto já tereis vindo na intelligência de quem elle hé; e o que for falará.

Não tenho mais que dizer-vos por hora; porque me falta a commodidade. Peço instantemente a Deus vos dê muitas felicidades, e eu em tudo dezejo dar-vos gosto como

Irmão o mais amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa 19 de janeiro de 1776

[adenda na margem inferior]:

Hontem se deu a sepultura João Pedro de Souza. Tinhão falecido o Provedor dos Armazens Jozé Felix da Cunha, e Fr. António Cogominho.¹⁰⁸

19 - 1776, fevereiro, 10, Lisboa

Mano muito do meu coração. Pelo correyo passado não pude escrever-vos, porque nesse dia vim muito tarde da Ajuda; e não preveni este successo que bem podia esperar, porque sabia que João Chrízostomo vos escrevia pelo dito correyo, e elle me tinha tãobem segurado, que expedia logo o Ventura, pelo qual tinha determinado escrever-vos. Porém o dito Ventura até agora não partio.

Desejo muito que a vossa saúde seja felicíssima. Por cá não há novidade em matéria de saúde.

Senti muito o cazo, de que me destes notícia na vossa última carta. Porque tinha grande satisfação de que vós não tivesses figurado nessa crítica questão, o que bem podia continuar a ser ainda nessa occasião; e havendo receyo era muito melhor fugir da occasião prevenindo esse successo, que ainda independente da resposta do homem tinha más consequências. O Sr.

¹⁰⁸ Fr. António Cogominho, Eremita de Santo Agostinho.

Marquez tem reservado o conhecimento, e decisão de tudo para quando vierem as informações do provedor; e antes delle não há que esperar decisão. Elle tinha dito, que vos avizassem (como entendo se fez) que não figurasses nessa matéria, e que os deixasses quebrar as cabeças, se assim quizessem. Ainda porém, que elle não quis tomar conhecimento, nem dar providência alguma, nem por isso se mostrou irritado, nem alterado; que hé o que basta para não haver mayor cuidado. Quanto à satisfação, fica demorada, e pendente do successo final da cauza, o que não seria se a matéria della fosse outra. O ponto hé, que venhão as informações do provedor, como devem vir; porque sobre ellas se poderá dar huma resolução, que ponha tudo nos termos devidos.

Luíz Jozé Foucault escreveu huma carta a Joaquim Ignácio, dizendo-lhe que vós, e o provedor da comarca querião que elle arrumasse e formalizasse as contas, e modo da arrecadação da fazenda do Cabido, pedindo licença, ou declaração, se o devia fazer. Joaquim Ignácio leu a carta em conferência e o Senhor Marquez resolveu que sim, e que elle vos ajudaria tãobem se pudesse.

Sua Magestade está com repetição de moléstia na sua perna e teve nella huma erizipella, que se vai curando. Por conta disto despedio os múzicos da Ópera, e só conserva em Salvaterra os das novenas da Quaresma. Por cauza da sua moléstia não há assinatura.

Aqui andam espalhadas muitas vozes vagas, e notícias que fazem haver grandes estragos na Caza da Suplicação. Dão muitos ministros por apozentados. A mim mandão-me para o Dezembargo do Paço¹⁰⁹ e tirão a procuradoria da Coroa, que huns dão ao Quintela¹¹⁰ e outros a outro. Os que a dão a Quintela, poderão acertar, por que tem amigos que o lembrem o que eu não tenho, pois sempre cuidei mais em adquirir merecimento que padrinhos. Tirarei dahi o grande lucro de poder ter mais algum descanço, e não me arruinar de todo tão depressa. Não poderei queixar-me, se não da minha falta de merecimento, pois todo o mal há-de nacer dahi. Eu não podia dar boa conta de tão grande lugar sendo promovido a elle *nec saltum*. Tenho a satisfação de que nunca o pedi, <e que logo o disse>. Como sempre dizem, que me dará o Dezembargo do Paço, vinha embora, por que com elle vinha o foro para meos filhos e sobre o mais faça-se o que Deus quizer. Eu só sentirei o que ofender a minha honra.

¹⁰⁹ Só por decreto de 7 de agosto de 1778 Azeredo Coutinho teve a mercê de um lugar ordinário de Desembargador do Paço - V. *Estatutos do Instituto historico e geographico brasileiro*, vol. 2, p. 122.

¹¹⁰ Luís Rebelo Quintela foi juiz dos Feitos da Coroa e da Fazenda.

Do Sr. Regente não tenho que esperar; porque a âncora que havia para o presidente não se tem lançado, nem virá a tempo certamente. Elle já não pergunta por tal couza, e eu já tenho vergonha de lhe dar recados e falar na matéria. Bem sei que tudo nasce da vossa impossibilidade. Mas quando Deos quer, permite suas mesmas impossibilidades. Deos sobre tudo. Pelo Ventura escreverei, e por hora a Deus.

Mano muito amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa 10 de fevereiro de 1776

[Nota, em adenda, na margem superior]:
esta apenas lida, logo logo seja rota¹¹¹

20 - 1776, fevereiro, 17, Lisboa

Mano muito do meu coração. Depois de me achar no último correio ordinário sem carta vossa recebi de Luíz Manuel que esteve aqui todo o dia de quarta-feira próxima, as melhores, que eu podia ter da vossa saúde; porque me certificou de passares com a melhor dispozição, que nunca tives-tes, achando-vos muito mais gordo, e robusto do que eras. Ora permita Deus, que nessa dispozição vivaes e passeis pelo longo tempo do nosso dezejo; para que eu tenha esse grande gosto, em quanto viver, e não falte depois de mim a meos filhos o único, e grande apoio, em que sereno todas as minhas esperanças, e descançaõ todos os meos cuidados.

Nesta caza não há novidade em matéria alguma. Aceitai as devidas memórias da Sra. D. Maria, e abençoi aos vossos dous sobrinhos, que vão ambos felizmente crescendo. A moléstia de Sua Magestade continua no mesmo estado pois a erizipella está da mesma sorte; o dito Sr. tem dores na perna, que não deixão de afligi-lo, assim de dia, como de noute, dorme muito pouco, ou quase nada. Dos médicos quase todos votaõ, em que se sangue. Porém a repugnância que a isso tem Sua Magestade tem feito desprezar os ditos votos. Não obstante ella conforme as últimas notícias já o mesmo Snor. ficava disposto a consentir por lhe ter mostrado a experiência, que por falta dellas, não faziam progresso as melhorias. Mas ainda não há notícia de que com efeito se sujeitasse ao dito remédio. Passa com muita melancolia. Della participa toda a gente, que está em Salvaterra, concorrendo

¹¹¹ É a única carta que se transcreve, apesar da indicação para ser rasgada, por não conter informações pessoais ou de intimidade familiar. Expressões como: "*sempre cuidei mais em adquirir merecimento que padrinhos*", revelam a personalidade do signatário, justificando a publicação, apesar da nota acrescida.

para isso não haver ali divertimento algum; estar o tempo sempre chuvozo, e até haver falta de gente; pois só se achão ali os que vão fazer as suas semanas; e acabadas ellas voltão logo para esta cidade. O Snor. Marquez de Pombal dezeja que Suas Magestades tomem a resolução de se recolherem para esta cidade e para os convidar a hirem para Oeiras, se quizerem, está ali mandando fazer huma caza, que possa servir para ópera. Finalmente começaõ já a aparecer as Constituiçoens dos Bispados¹¹²; e foi a primeira a do Bispo de Castelo Branco, da qual se me continuou já vista pelo Dezembargo do Paço. Hontem deu Bartolomeu Jozé esta notícia no acto da Conferência o que deu ocasião a pedir o Sr. Cardial ao Sr. Marquez, que me ordenasse a suspender a resposta a ellas até aparecerem as suas e depois a perguntar-me o estado, e progresso dellas, ao que eu satisfiz com as vossas últimas notícias, não lhe declarando porém, que só as prometeis passados quatro mezes. Tornou a fazer as mayores recomendaçoens, dizendo, que essas hão-de ser as que se hão-de seguir, e dar o tom a todas as outras.

Hontem me disse João Chrizóstomo, que expede hoje o Ventura. Sobre o negócio principal a que elle veyo, não sey, que tenha havido novidade alguma. Luíz Manoel me disse, que não tinhas Pontificado no dia da Purificação, o que estimei por se ter com isso evitado alguma nova ocasião de figurares na questão, que há entre o Cabido, e Luíz de Mello. Pelo que ouvi não se bole na matéria antes de vir a informação do provedor. Eu tenho sentido que houvesse essa occasião de vos declarares. Mas nem por isso tenho receyo de que ella vos faça mal.

Luíz Manoel me entregou seiscentos mil réis para o pagamento das Freiras de Cós irmans de Pedro Dias pela dívida em que eu lhes fiquei pela applicação que fiz de outra tanta quantia dellas para complemento da satisfação do preço das fazendas compradas ao Sr. Marquez. Pela remessa delles vos fico muito obrigado; porque me vejo livre das perseguiçoens das ditas freiras, que estão esperando a dita quantia com língua de palmo.

Das trez fazendas compradas ao Snor. Marquez já lá sabereis, que se tem tomado posse, e que se tem arrendado segundo me diz meu sogro pelo mesmo, em que andavaõ. Ellas são vossas; pois ainda que se compraram em meu nome, e por isso para mim passou o domínio; como foi com dinheiro todo vosso, vossas são. Hé pois necessário que determineis o género de cultura a que quereis applicá-las. O Sr. Marquez falou em outro tempo, que o

112 A referência completa às Constituições dos Bispados permite identificar todas as outras alusões a Constituições que são feitas em diversas cartas. Apesar de se anunciar a sua concretização não foram publicadas quaisquer constituições diocesanas, neste período cronológico, de acordo com a consulta dos artigos de PAIVA, 2000: 9-15 e VASCONCELOS, 1911: 491-505.

meyo de fazer ali grande rendimento hé o de pôr amoreiras; pois hé sítio muito próprio dellas. O mesmo tem persuadido ao Sá na quinta da Várzea, mas não sey, se o Monsenhor está nisso. Digo que falou em outro tempo, porque agora já não fala nisso. A pôr amoreiras não devem ser aos centos, porque nenhuma conta faz armar fábrica para criaçoens tão insignificantes. Hé necessário pô-las aos milhares. O Snor. Marquez tem dezasete mil em Oeiras, e na Granja. Ahi se podem pôr quatro, ou sinco mil, ou mais, e em outros sítios. Tem a grande conveniência, de que não embaraçaõ a sementeira do milho nas mesmas terras, e não custaõ a pegar. Para haver as plantas há hoje grande dificuldade. Porque o Raton, que tem feito viveiros para as criar só tem 1.200 pés, que já tem vendido.¹¹³ O meyo de fazer viveiros hé muito vagarozo e não dá esperanças que animem e fação entrar nisso com o gosto necessário. Pelo que só hé bom para se hirem depois ampliando muito, mas não para princípio. Joaquim Ignácio manda agora buscar de França 15 mil estacas grandes, como as que poz o Sr. Marquez em Oeiras, das quaes me disse, que para si só quer sinco ou seis mil, e que as mais são para algumas pessoas, que lhe tem encomendado, ou quizerem ainda encomendar-lhas. Que cada huma estaca, custa posta aqui dezoito vinteins, e cada mil estacas, custão trezentos e sessenta mil réis, e que fora desta ocazião não haverá outra de se fazerem vir de França as ditas estacas. E pelo que me disse, me esperançou de ter lugar a encomenda; que eu quizesse fazer-lhe. Nesta matéria nada tenho rezolvido, nem devo rezolver. As fazendas são vossas. Vós sois o que deveis determinar a espécie de cultura, que ellas devem ter!

A das amoreiras se representa muito útil, mas há-de ser em lavoura avultada. O Sr. Marquez já colhe bastante seda e havendo tão poucos anos que poz as estacas, já as árvores destas formaõ bosques. A agradar este género de agricultura poderiaõ mandar-se vir de França nesta ocazião duas mil estacas que custaõ 720\$000, ou ainda três mil, para adiantar muito esta lavoura, e neste mesmo anno se podem mandar semear para fazer viveiro

¹¹³ Referência à plantação de amoreiras, para criação de bichos-da-seda, devido à atividade de Jacome Rattón como produtor de tecidos e de seda. No acervo documental da Junta do Comércio existem diversos licenciamentos de fábricas, incluindo a Real Fábrica da Seda, na Rua da Escola Politécnica, em Lisboa, cujo consulta é acessível em: <http://arquivohistorico.min-economia.pt/arquivohistorico/details?id=2137>. Leia-se também sobre este assunto o que diz RATTON, 1813: 56-59. Refira-se a existência na Praça das Amoreiras, em Lisboa, de um edifício da Antiga Fábrica de Tecidos de Seda, que alberga, atualmente, a Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva. Citem-se ainda as obras publicadas sobre instruções para o cultivo de amoreiras e criação de bichos-da-seda: NIRSO, Tomás Sabatino (1772) - *Instrucção summaria sobre o modo de cultivar as amoreiras, e de crear os bichos de seda*. Lisboa: Regia Officina Typografica; e OSÓRIO, Simão de Oliveira da Costa (1773) - *Tratado pratico da cultura de amoreiras, e da creação dos bichos da seda, com huma necessaria instrucção de tudo o que he congruente ao feliz successo deste trafico*. Lisboa: Regia Officina Typografica.

dellas, que dará plantas para daqui a trez ou quatro annos, com que se pode dobrar <e acrescentar muito mais> o número dellas; e entretanto se poderaõ hir comprando ao Raton, algumas, que puder largar nos anos seguintes que custaõ a nove vinteins, e adiantão trez, ou quatro anos a sementeira dos viveiros, e por isso o Sr. Marquez ainda lhe comprou o anno passado trezentos e tantos mil réis dellas. Se vos agradar esta cultura, avizai logo para encommendar a Joaquim Ignácio as estacas, determinando o número das que devem vir; pois não hé conveniente perder tempo de adiantar a dita cultura, e a resposta deve vir logo; porque como El Rey aforou 15 grandes cazaes em Abrantes, terra própria para ellas, e todos os emfiteutas querem por amoreiras, se se não previne Joaquim Ignácio com a encomenda, encherá o número com as dos ditos novos emfiteutas. Para a criação dos bichos há-de ser necessária fábrica e caza.¹¹⁴ Para esta poderá servir a da quinta, que na Ega tem Tomaz Caetano, que por todos os modos se deve segurar para a caza, ou em pagamento da dívida, que elle deve, a meu sogro, no que se cuida, ou comprada na execução, que ao dito Thomaz Caetano fizer a Patriarcal, a qual não tardará muito. Porque comprada, ou adquirida a dita quinta, e depois o prazo de António Teixeira Ál[va]res, que nesse cazo já se poderá tomar por encravado, unido tudo ao prazo comprado ao Sr. Marquez, ao do lizeirão de meu sogro, e a outras muitas fazendas separadas, que elle tem no mesmo caminho de Condeixa para Ega ficará hum fazendaõ respeitável, qualquer que seja a cultura, a que se quizer fazer a applicação delle.

Hé necessário lembrar-vos taõbem que eu pelo privilégio de Dezembargador não pago jugada; <mas sim pago as raçoens dos reguengos> que nas terras da caza de Pereira que pagaõ raçoens à Caza de Aveiro, e reguengos da Coroa, se pode fazer composição para ficar pagando qualquer quantia certa; porque assim se tem determinado mandar fazer para todos os moradores dos reguengos, que se quizerem compor, para se livrarem de bulhas, e questoens com os rendeiros. Além disto as pastagens das terras quando não estão afruitadas, são commuas a todos os vizinhos; eu como Dezembargador posso rezervá-las para mim, e coutar as minhas terras para nellas só entrarem os meos gados, e não os tendo vender as ditas pastagens, o que faz hum novo ramo de renda: e as terras assim coutadas¹¹⁵, ficaõ <coutadas> para

¹¹⁴ Em Portugal restam vestígios arquitetónicos do que foi um empreendimento deste género, em Trás-os-Montes. Refira-se o Real Filatório de Chacim (c. Macedo de Cavaleiros) fundado em 1788. As ruínas atuais permitem identificar o que foi o edifício da fiação, a casa dos casulos dos bichos-da-seda, etc.

¹¹⁵ Seguem-se palavras riscadas: "e tapadas", e também, novamente riscada, mais adiante, onde ficou a palavra sobreposta.

sempre, posto que tapadas, e muradas não legão (?); mas para isto hé necessário unir pedaços contíguos, encravados, e intermédios.

Huma das melhores couzas, que se podem adquirir para a caza, são huns foros, e raçoens, que os Padres Jerónimos de S. Marcos tem em Condeixa, o que elles poderiaõ largar por algum padrão de tença. Taõbem o Morgado de Coelheiros possui parte das raçoens dos quintos em dous cazaes do morgado comprado ao homem de Ourem. E seria muito conveniente fazer com elle algum ajuste para tudo ficar unido. Podendo-se fazer as compras do que pertence aos referidos Padres de S. Marcos, e Morgado de Coelheiros, então poderia dizer-se com bom fundamento, que éramos Snores. de Condeixa. Mas tudo isto deveria ser manejado com muito segredo; porque há quem disso muito se doe.

Até aqui tinha chegado, esperando que viesse o Ventura buscar esta carta; pois veyo aqui na quinta-feira tempo, em que hé sabido, que eu estou na Ajuda, e deixou dito, que vinha buscar a carta na sexta-feira de manhã, pelo que eu cuidei em apromtá-la e a escrevi logo, que me levantei da cama para a ter prompta: mas elle não veyo por ella, e perguntando eu se tinha aparecido, me disse Fr. Joaquim, que lhe passou pela porta, e que dizendo-lhe elle, que esperasse, que queria fazer duas regras, disse que não podia, porque João Chrizóstomo lhe mandara, que partisse directamente, e não viesse aqui buscar as cartas. O que me parece mentira. Pois o mesmo Chrizóstomo me disse na Ajuda, que estava para expedi-lo, e que podia eu escrever e que elle viria buscar as cartas. Mas não hé a primeira vez, que o dito Ventura faz destas.

Ainda que eu na quinta-feira fallei na Ajuda ao dito Chrizóstomo foi na Secretaria de Estado, e de passagem, e por isso não sei, o que contem a carta d'elle, e se a expedição do dito correyo tinha algum objecto interessante. Vós o tereis sabido melhor. Mas eu me persuado, que não será pertercente ao negócio da vossa última carta.

Como esta carta ficou, acabo antes de hir hoje para a Ajuda, e a deixo prompta para hir pelo correyo ordinário.

Mais que tudo peço a Deus vos conceda sempre a melhor saúde e aquella tranquillidade de ânimo, que constitue a primeira felicidade dos que vivemos neste mundo. Queira o mesmo Snor. atender aos meos votos; e dar-me taõbem ocazioens, em que vos possa dar tanto gosto, como ardentemente apeteço.

Vosso irmão muito amante do coração e obrigado
Azeredo Coutinho

Lisboa 17 de fevereiro de 1776

21 - 1776, fevereiro, 24, Lisboa

Mano muito do coração. Hontem sexta-feira à noute chegou aqui o correyo Bernardo com a vossa carta, que me trouxe que sentir por me certificar de que padecestes defluxo, que vos veyo com inchação de cara, e obrigou por três dias a cama, trazendo-me porém juntamente a consolação de saber, que ficáveis já melhorado delle. Dezejo estejais já de todo bom, como sempre peço a Deus. Nesta caza não há novidade em matéria de saúde. Minha mulher se vos recomenda muito agradecida a vossa lembrança, e vossos sobrinhos pedem por mim a vossa benção.

Eu tinha feito uma carta para hir pelo Ventura; e como elle não veyo procurá-la, remeti-a pelo correyo passado. Nella vos respondia a alguns capítulos da deste correyo, e falava em outras muitas couzas. Depois do correyo revolvendo alguns papeis, achei huma carta, que vos tinha escrito ainda em janeiro, e que entendendo eu ter-vo-la remetido, vim a convencer-me de que não o fizera; e por isso vo-la dirijo incluza nesta. Tereis o incômodo de lê-la, por que nella vão humas recomendaçoens da Snra. D. Mariana, e de Ayres de Sá para vós.

Já vos avizei de que João Chrizóstomo quiz ler a vossa carta ao Sr. Marquez, e que este por elle lhe dizer logo a matéria sobre que ella versava, lhe disse que não podia lê-la pela muita occupação, com que sabia, que elle andava; acrescentando, que como estavaõ a vir as informações do provedor, então se daria providade a tudo junto. O dito Chrizóstomo não está nos interesses de Luíz de Mello. Não vos persuadais que terias feito melhor se escrevesseis directamente ao Snor. Marquez sobre a referida matéria.

Poderia elle entrar em suspeita de que estavas parcial dos cónegos¹¹⁶, assim como lhe occorreu, que estarias voltado, quando lhe falastes na restituição do Colégio de S. Pedro à Universidade; e o negócio presente hé tanto mais melindroso, quanto elle já vos tinha insinuado, que nelle não vos metesses. Como a informação do Provedor vem boa, e com as provas necessárias, hé natural que vá ao Dezembargo do Paço e sey, que os Ministros hão-de fazer justiça. O ponto hé, que a dita informação venha logo. Pelo mesmo tempo não seria mau, que viesse huma representação do Cabido, para se juntar, e ver tudo ao mesmo tempo.

¹¹⁶ É abordada novamente a questão dos meios-cónegos e mais uma vez Azeredo Coutinho aconselha D. Francisco de Lemos a não se envolver no assunto. Em causa, estava o interesse dos meios-cónegos e tercenários em aceder a lugares de capitulares da Sé de Coimbra. Esta questão começou a ser dirimida em 1758 e apenas terminou em 1780.

Manuel Jozé Álv[a]res fez bem em morrer antes do golpe, que o esperava.¹¹⁷ He sem dúvida, que a falta de lentes há-de cauzar dezordem grande... Podeis dar conta da necessidade que há de lentes.

Na cauza do médico de Condeixa nem meu sogro me tem falado, nem falará, porque já sabe que eu não quero figurar em semelhantes negócios. O médico aqui veyo, mas nem me buscou. Negociou por via do D. Prior huma provisão do Dezembargo do Paço, com que se recolheu a Condeixa.

Quando Joaquim Ignácio leu ao Sr. Marquez a carta, em que Foucault lhe pedia beneplácito para fazer as contas do Cabido, eu estava presente e o Sr. Marquez não respondeu aprovando a eleição delle mas sim, que devia fazer a dita conta por vos ajudar, o que elle tãobem faria se podesse. Hé certo, que elle ainda vos não supoem [sic] parcial dos cónegos.

Os negócios da Mitra, que respeitam ao Bispo de Aveiro, não tem dado passo; porque em lugar de huma petição, ou requerimento formalizado, como mandou o Sr. Marquez, veyo huma alegação, que posto que seja muito boa, se deve formalizar em requerimento, o que eu ainda não pude fazer, nem por mim, por falta de tempo; nem por outrem por não ter quem mo faça. Verei porém como hei-de adiantar isso. Desse embargo da renda de Barrô pelo Bispo de Aveiro não sey ainda se hé mais fundamento que o geral.¹¹⁸

Quinta-feira se tomou a resolução de se vos mandarem remeter dous caixotes dos papéis pertencentes ao Collégio da Madre de Deus de Évora¹¹⁹ instituído pelo Dezembargador Heitor de Pina¹²⁰ para 13 colegiaes estudantes; com ordem para se fazer a arrecadação dos bens delle para o Colégio das Artes, a que elle se manda unir. Terá 3 mil cruzados de renda. A igreja da Cumieira¹²¹ entendo que rende certos de 12 até 15. A de Alcafache, que

117 Manuel José Álvares de Carvalho foi reitor do Real Colégio de São Paulo, de Coimbra, até 1772 e foi lente substituto da Primeira Cadeira Analítica de Cânones, tendo falecido em 16.02.1776. - V. RODRIGUES, 1992: 94. Muito provavelmente, iria ser afastado desta cadeira, a levar em conta a expressão: "*fez bem em morrer antes do golpe que o esperava*".

118 Em todo este parágrafo se alude à questão entre a Mitra Episcopal de Coimbra e o Bispo de Aveiro, pela delimitação de territórios de ambos os bispados e receita de rendas e dízimos, sendo D. Francisco de Lemos, como governador do bispado de Coimbra, um dos envolvidos.

119 A documentação referida encontra-se incorporada no acervo do Arquivo da Universidade de Coimbra. A sua descrição arquivística pode ser conhecida em CAPELO, 2010; acessível em https://www.uc.pt/auc/fundos/ficheiros/UE_Inventario_Universidade_Evora

120 Foi o fundador do referido Colégio, juntamente com sua mulher D. Francisca de Brito, em 1583 – v. ob. cit. na nota anterior, p. 31.

121 Esta igreja e a de Alcafache (a seguir referida) passaram a fazer parte do padroado da Universidade. O traslado das Letras apostólicas do papa Pio VI, de 02.05.1775, de união das duas igrejas paroquiais de Santa Eulália da Cumieira e de São Vicente de Alcafache ao Colégio das Artes,

se entendeu render 5 mil cruzados, dizem que só rende 400\$000. Manda-se suprir este engano com a união de huma conezia dessa Cathedral. Estou vendo se se tira o encanto (?) da que está vaga querendo, que seja ella a unida. O Sr. Marquez vos ordena em carta sua, que proponhais logo reitor para o dito Collégio. Tinha determinado, que formalizasse os Estatutos regulando-vos pelos de Mafra. Porém João Chrizóstomo lhe fez a aprovação, que elle já fazia do vosso diferente plano; e estando já feita a carta, para vós, e assinada, tomou outra rezolução. O Sr. Cardial diz, que o Colégio deve ter 40 mil cruzados. Há-de ter 100 collegiais e querem que paguem 60 mil (?) cada hum. Toda a demora, que há na expedição do correyo, que leva estas ordens, procede de se estar copiando primeiro na Torre do Tombo o testamento do dito instituidor Heitor de Pina, para ficar nella o original, e hir para lá huma copia authêntica.¹²²

Boa occazião será de accomodar Luíz Manuel porque hé muito capaz para Reitor, e não se achará outro semelhante. Sempre hé huma dignidade de huma Sé. Para ser hum lente, fica sendo o reitorado pendanga. Como há-de hum lente assistir a cadeira, e aos actos, e mais funçoens, e ter ao mesmo tempo cuidado nas couzas do Colégio. A renda deve ser competente.

Ouvi que Sua Magestade tem algum alívio mas nada sey de certo. Por cá não há outra novidade. Aqui fico para vos fazer em tudo o gosto como quem hé

Vosso irmão muito amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa 24 de fevereiro de 1776

[na margem superior, acrescentando]:

Por não virar a folha na carta que acompanhou os 14 barris primeiros das lampreas, estive em dúvida sobre o destino delles; e nesta dúvida rezolvi mandar 8 ao Sr. Marquez e seis ao Sr. Cardial. Tendo ido já os 6, soube que vinhão tãobem 3 para João Chrizóstomo, e como não havia de mandar ao Sr. Marquez menos de 6, mandei os dous ao dito Chrizóstomo. Agora se preencherá a conta delle, e direi o que se faz sobre estes últimos.

encontra-se inserido em volume, contendo documentação diversa relativa ao Colégio da Madre de Deus de Évora e ao Colégio das Artes (cota AUC-IV-1.ºE-6-2-9).

¹²² O traslado deste testamento foi feito em 29.02.1776, estando o documento autenticado por João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, como guarda-mor do Real Arquivo da Torre do Tombo. Foi enviado à Universidade e encontra-se inserido no volume citado na nota anterior.

22 - 1776, março, 2, Lisboa

Mano muito do meu coração. Pelo Amaral recebi, e com muito gosto a vossa última carta pela certeza de ficares livre do vosso defluxo. Deus vos conserve sempre a saúde no mais próspero estado. Eu há dias, que ando com cuidado por cauza de dores, que padeço no peito, que por virem com algum defluxo me fazem receyar que até (?) cahisse nelle. Faça-se a vontade de Deus. Minha mulher, e vossos sobrinhos passaõ bem. Aquella agradece muito as vossas memórias, e vos retribue com as suas; e para os pequenos pedimos ambos a vossa benção.

Hoje parte o Amaral com os caixotes dos papéis pertencentes ao Collégio da Madre de Deus, de que já vos fiz avizo. Vão as cópias dos testamentos dos instituidores que será bom mandares encadernar juntos para assim se guardarem.¹²³

Eu não vejo há 10 dias o Sr. Marquez; mas sey, que anda bom, mas tem estado muito ocupado ao que entende o vulgo com matérias de negociaçoens com as cortes estrangeiras.

Sua Magestade passou muitas dores, e algumas convulsoens da sexta-feira passada para o sábado, o que o obrigou a mandar pela meya noute do sábado para o domingo o escaler a buscar o resto dos médicos da câmara que estavaõ nesta cidade: foram os ditos médicos, e da junta, que fizeraõ rezultou mandarem deitar nos caldos sumo de azedas, e de chicórea, e mudar-se dos digestivos, que se applicavaõ às pernas. Depois disso tem o mesmo Snor. passado quaze no mesmo estado, alguns dias com dores, e convulsoens, e com huma grande vigília, e outros com mais algum alívio, e somno. As chagas das pernas, que antecedentemente estavaõ com má cor e denegridas achaõ-se já com melhor cor, e tem suporado muito, e vão suporando; e nisto consiste toda a melhora do dito Snor. O médico Alberto de Azevedo¹²⁴ ainda insiste na sangria que entende será muito útil para abreviar a cura. Mas como Sua Magestade tem repugnância a ella, acha-se só no dito voto. Esta cura há-de ser mais vagarosa do que todos dezejamos. Tudo em Salvaterra está desconsolado porque não aparecem as Pessoas Reaes e só o Sr. Infante vai por dentro do Paço¹²⁵ a hum jogo de bola, que

¹²³ V. nota 121, sendo este o volume que se sugere nesta carta que seja encadernado.

¹²⁴ O médico Alberto de Azevedo Coutinho, natural de Lisboa, obteve a formatura na Faculdade de Medicina, em Coimbra, em 1737 e foi um dos médicos da Real Câmara.

¹²⁵ Desde o séc. XIV que são conhecidas referências documentais relativas ao Paço de Salvaterra de Magos. Com o terramoto de 1755 o edificio ficou arruinado e foi reconstruido por obra dos arquitetos José Joaquim Ludovice e Carlos Mardel. No reinado de D. José adquiriu grande

ali há, jogar alguns jogos para fazer exercício, e livrar com elle as suas pernas da grande inchação que tomam quando não faz exercício. Acha-se inteiramente parada a assinatura. Luíz Manuel de Menezes me entregou os papéis incluzos para vo-los remeter com esta carta.

Dos barris que vieraõ depois dos primeiros, mandei huma dúzia ao Sr. Marquez, que com os primeiros 6 fazem 18; e ao Sr. Cardial mandei mais 6, que com os 6 antecedentes fazem 12; mandei mais três ao João Chrizóstomo, que com os dous antecedentes fazem 5, o que faz o número de 35. Dos outros tenho gasto dous em caza: e hei-de aproveitar-me da liberdade, que me dais, para facultar a Sr.^a D. Maria, que mande alguns a algumas amigas, que a lizongeaõ com outras semelhantes.¹²⁶

Basta de escrita; pois vou para a Ajuda. Aqui fico à vossa ordem como quem hé

Irmão muito vosso amante do coração e obrigado
Azeredo Coutinho

Lisboa, 2 de março de 1776

23 - 1776, março , 13, Lisboa

Mano muito do meu coração. Com a certeza de passares de todo livre do defluxo que ultimamente padecestes, conçebi aquelle gosto, que sempre me cauza huma noticia tão agradável, que apenas me deixa lugar aos dezesjos da continuação de huma tão estimável felicidade. Queira Deus satisfazer inteiramente a minha vontade e aos meos votos.

Nesta caza não há novidade alguma. Continuamos todos na mesma disposição e minha mulher agradece, e retribue muito obrigada as vossas memórias, e as vossas liberalidades. Dos pequenos só Manoel passa agora com algum defluxo. Para ambos peço a vossa sagrada benção.

Pela vossa última carta vi, que não tinhas recebido huma minha, que levava incluza outra tãobem minha escrita há mais tempo, que por engano tinha cá ficado, estando eu na intelligência de a ter remetido. As referidas cartas foraõ daqui no correyo, que havia de chegar a essa cidade na quinta-

vitalidade, com a atividade musical, no Teatro de Ópera que também lhe estava anexado e no Palácio de Falcoaria Real. O Paço viria a ser destruído num violento incêndio, em 1824, pouco restando do magnífico edifício que ali existiu e onde, nos meses de inverno, a família real passava grandes temporadas - v. CORREIA; GUEDES (1989).

¹²⁶ Mais uma referência a ofertas de barris que D. Francisco de Lemos, habitualmente, enviava a seu irmão, como o atestam outras cartas, transportando lampreias, morcelas, etc., referidas também na carta seguinte.

-feira da semana antecedente à em que chegou o Amaral com os caixotes dos papéis pertencentes ao Collégio da Madre de Deus. Nessa carta vos dava notícia do que estava rezoluto a respeito delle. E para não expor as ditas cartas a descaminho, mandei por-lhe sobrescrito por outra letra. Espero, que as tenhais já recebido. Nella tocava em muitas matérias, que por isso não repito agora.

O Snor. Marquez há muitos tempos anda tão occupado que até faltou, e fez suspender quatro conferências do Erário. Entende-se, que trabalha em negociaçoens com a corte de Madrid por meyo da de Londres; e por isso se nega a todos os outros negócios nas occazioens das chegadas dos paquetes, em que recebe respostas das suas cartas. Por esta razão não pude falar-lhe no negócio de Barrô, e nos mais que respeitaõ as pertensoens do Bispo de Aveiro.

Sua Magestade vai passando ainda com dores, que lhe cauzão as suas feridas; as quaes já se achaõ com melhor aspecto, e se vão curando. Porém, está o dito Snor. magro, e por causa do calor da caza acha-se tãobem incomodado de hemorroides, e dificuldade de obrar. Passa com melancolia, e continua em não se querer sugeitar aos remedios que os médicos lhe receitaõ para correger os humores, cujo decúbito lhe tem feito as ditas feridas.¹²⁷

Martinho de Mello¹²⁸ veyo no domingo para cuidar na expedição da nao da Índia e cá se acha ainda.

Alguns bispos têm escrito ao Sr. Marquez, dizendo-lhe, que pelo Núncio lhe foraõ remetidas a Carta Encíclica e a Extensão do Jubileo, e que antes de fazerem por ellas obra, querem saber, o que ao dito respeito hé do agrado de Sua Magestade e de Sua Ex.^a. E sey eu, que elle respondeu a alguns, que naõ publicassem a dita Carta e Breve, emquanto o não vissem publicado na capital do reino. Entende-se, que a cauza da dita re[s]posta hé hum reparo, que a Meza Censória rezidente em Salvaterra propoz ao Sr. Marquez por occaziaõ do que diz o Papa na Extensão do Jubileo negando facultade aos confessores para absolver os complices [sic] dos peccadores de lascívia com elles cometidos, remetendo-se a declaração (?) da *Bulla Sacramentum Poenitentioe* do Papa Benedito XIV do anno de 1741,¹²⁹ na qual impoz excomunhão mayor *ipso facto* aos confessores, que o contrário fizessem

¹²⁷ São comuns, ao longo das cartas, as descrições do estado de saúde do rei D. José e a manifesta preocupação sentida por Azeredo Coutinho.

¹²⁸ Martinho de Melo e Castro (1716-1795) era então Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar, cargo que exerceu até ao seu falecimento.

¹²⁹ Bula cuja data completa é 01.07.1741.

rezervada ao Papa. Esta reserva parece, que hé a que deu lugar ao reparo de que se supoem autor Fr. Luíz do Monte Carmelo, cuja religião se tem mostrado contraditória da dita bula. Amanhã se congrega a Meza¹³⁰ para nella se propor esta matéria. Porém o Breve da Extensão do Jubileo está concebido da mesma sorte, que o da Extensão do (?) anno de 1750, que não consta tivesse contraditor; e parece, que nem este o deve ter. Ouvi, que no *Pároco Instruído* do de [sic] Penhafiel se toca alguma couza na matéria, mas eu não a li nelle.¹³¹

A Sr.^a D. Mariana de Sá me aperta para que vos escreva que naõ vos esqueçais dos seos dous afilhados.

Fico entregue das morcelas (?) e lampreyas, as quaes farei distribuir conforme o vosso gosto e taõbem conforme a liberdade que nos dais. Como veyo Martinho de Mello entrará na partilha. O Cardeal tem estimado a lembrança. E eu fico para vos dar gosto como

Irmaõ muito do coração

Azeredo Coutinho

[na margem superior, em adenda, ficou lançada a data]:

Lisboa 13 de março de 1776

24 - 1776, março, 16, Lisboa

Mano muito do meu coração. Agora que estou para hir para a Ajuda chega o Bernardo a dizer-me, que está a partir hoje mesmo para essa Universidade. E como há poucos dias, vos escrevi pelo Ventura e antes vos tinha escrito pelo Amaral, e com mais largueza pelo correyo ordinário antes disso, não serei por hora mais largo.

Estimo que continueis a hir tendo alívio do vosso defluxo. Por cá não há novidade.

O negócio a que fui chamado na quinta-feira à Meza Censória hé o mesmo de que já vos avizei. Sendo questão entre os teólogos se o sacerdote podia confessar os seos cúmplices nos peccados do sexo; segundo a melhor parte delles que não, pelo perigo de peccarem, tendo algum delles alguma deleitação no acto da confissão etc., e sustentando os probabilistas,

¹³⁰ Referência à reunião da Real Mesa Censória da qual era deputado Fr. Luíz do Monte Carmelo, da Ordem dos Carmelitas Descalços, consultor do Santo Officio e examinador das Três Ordens Militares. A carta seguinte continua o mesmo assunto.

¹³¹ Publicado sem autor, mas atribuído a Fr. Inácio de São Caetano (1719-1788), Bispo de Penafiel – *Idea de hum perfeito pároco, instruído nas suas obrigações e instruindo as suas ovelhas na sólida piedade*. Lisboa: na Regia Officina Typografica, 1772.

que sim; sahio Benedito XIV com a bulla *Sacramentum Poenitentiae* – do ano de 1741, em que tirou aos sacerdotes confessores a faculdade de confessar os seus cúmplices no dito peccado, permitindo-lho só no artigo da morte no caso de não haver então outro confessor; e reservando para si a escomunhaõ [sic], que poz aos sacerdotes que o contrário fizessem. Sobre esta constituição se fizera [sic] vários reparos, a que o mesmo Papa satisfez, e atendeu com outra Bulla de declaração do ano de 1745. Depois disso veyo o Jubileo do Ano Santo de 1750, e na Bulla da publicação delle introduzio o dito Papa por exceção [sic] de amplíssima faculdade de absolver dos reservados, que nelle se costuma dar, a decizão respeitante aos cúmplices feita na dita Bulla *Sacramentum*, referindo-se a ella. Vindo agora a Bulla da Extensão do Jubileo do Anno Santo, deu sua Magestade licença ao Núncio para a mandar aos bispos. O que elle fez, e a mayor parte dos bispos tem escrito ao Sr. Marquez perguntando, se a devem publicar. Hindo a dita Bulla à Meza Censória, fez Fr. Luíz do Monte Carmelo hum reparo contra ella por se referir à dita Bulla *Sacramentum*, e trazer à exceção [sic] della hum papel, em que disse, que como a dita *Sacramentum* não obriga neste reino, por não haver sido publicada com o beneplácito régio, se não deve publicar agora a do jubileo, que a elle se refere, sem se fazer presente esta matéria ao Ministério; dizendo, que a dita Bulla *Sacramentum* hé cauzadora de gravísimos inconvenientes, e que hé contra os privilégios da Bulla da Cruzada e contra o direito dos bispos em cujos bispados não pode o Papa fazer destas rezervas. Este hé o caso. Mas eu vejo, que o Concílio Tridentino lhe dá a dita faculdade em toda a Igreja na Ses. 14, Cap. 7, vejo, que a matéria hé puramente moral; vejo que uzando destes privilégios (?) ficaõ deitadas abaixo todas as bullas que têm vindo a este reino desde o tempo del Rey D. João II, o que contem muitos graves inconvenientes; e não sey onde se vai parar com semelhantes princípios. O Bispo de Penhafiel no seu *Pároco instruído* fala na matéria¹³². Eu o não vi. Ell Rey está melhor com o uzo de banhos de leite, e mezinhas do mesmo, etc., e já ouve contar (?) e conta taõbem a sua história.

Aqui se fala muito, em que temos guerra; que França e Castela se armaõ contra Inglaterra para aproveitarem o momento favorável da rebelliaõ das colónias da América, e que querem pôr-nos na necessidade de declararmos. O certo hé, que o gabinete trabalha muito, e que alguns movimentos pre-

¹³² Alusão à obra já referida na carta anterior. O autor viria a ser nomeado Arcebispo de Tessalónica e confessor da Rainha D. Maria I. Foi membro da Real Mesa Censória desde 1768, ano da sua criação.

paratórios se v[ê]em. Deus queira que não tenhaõ mais objecto, que o da prevenção e nos livre de taõ grande flagelo.

Fico com muito dezejo de vos dar gosto em tudo, como
Irmaõ muito amante do coração e obrigado
Azeredo Coutinho

Lisboa 16 de março de 1776

25 - 1776, março, 21, Lisboa

Mano muito do meu coração. Há poucos dias vos escrevi por hum dos correys, que aqui mandastes. Agora o faço pelo Amaral, que entendo partirá para essa Universidade hoje quinta-feira 21 do corrente, pois assim mo disse antehontem João Chrizóstomo, e elle mesmo mo veyo annunciar hontem.

O dito Amaral chegou aqui no sábado passado, pelo meyo dia, quando eu me achava na Ajuda, donde me naõ recolhi se naõ muito tarde. As lampreas vivas chegaraõ mortas, dizendo elle, que humas acabavaõ de espirar [sic] havia pouco tempo. No domingo de manhã cedo as remeti logo com oito barris ao Sr. Marquez, contando o cazo, e successo do projecto de chegarem vivas. Disse que havia poucos dias, que o Snor. D. João as remetera vivas de Salvaterra ao Sr. Marquez, e que sem embargo de as trazerem em vasilha com areya metida sempre dentro da água do Tejo, não chegaraõ vivas, mas que sempre se podia aproveitar o sangue, etc. Ao Sr. Cardial fiz terceiro presente de meya dúzia, e a Martinho de Melo, que chegou de Salvaterra a preparar a nao da Índia, e cá se acha ainda, mandei huma dúzia de barris tudo em vosso nome. João Crizóstomo tem tido quatro barris em cada uma das condutas.¹³³

O dito João Chrizóstomo me communicou os descobrimentos, que cá se fizeraõ da collusão, que se supoem ter havido no arrendamento das rendas dessa Universidade, que se arrendaraõ por 22 contos de réis, ficando os arrematantes do pé para a maõ com 22 mil cruzados de lucro, que por huma escritura repartiaraõ entre si, ficando alem disso salvos aos rendeiros, que subarrendaraõ os ramos partidos da dita massa, os lucros que elles esperavaõ receber dos ditos subarrendamentos.¹³⁴ Este descobrimento entendo

¹³³ Nova referência ao consumo de lampreias, desta vez com a acrescida informação sobre a forma de conservação dos seus barris, a crer que fosse feita em condutas de água.

¹³⁴ Alusão ao sistema de arrendamento das propriedades em «*ramos*». Esta designação reporta-se a parcelas de propriedades que se arrendavam em conjunto. Algumas vezes, ocorria o subarrendamento por parte do principal rendeiro, com o objetivo do lucro. A designação de «*massa*» era também usual para identificar todo o património, formado por propriedades diversas.

que foi feito por huns sugeitos, que cuido eraõ alhegados, e tinhaõ hido com recomendaçoens para serem atendidos nos termos hábeis, não sei se ao Escrivão da Fazenda, os quaes parece que só pertendiaõ alguns ramos, e não os tiveraõ pela razaõ de se arrendar a massa junta. Observa-se que houve grande prejuízo no arrendamento de toda a massa, e que à vista delle não convém, que a Universidade assim arrende as suas rendas, podendo fazer mais renda, arrendando-as com diversos ramos, visto ter facilidade de cobrar por efeito do seu privilégio¹³⁵ e que deve pôr editaes quando arrendar, quando se arrendar em ramos porque entãõ concorrem os rendeiros das próprias terras delles que são os que mais dão, e melhor podem segurar os pagamentos.

Observa-se ter-se feito a arrematação a hum João de Araújo Lima homem de negócio taõ conhecido por mao pagador, e pouco seguro, que tendo tomado rendas de muitos contratos reaes nunca pagou algum sem execuçoens, e por isso já se lhe não arremata contrato algum. Porém tudo isto me disse João Chrízostomo, que ainda não sabe o Sr. Marquez. À vista disto faz-se preciso que pela vossa parte haja mais vigilância sobre o referido ponto, e tudo o que pertence à Fazenda e que não descanseis tanto sobre o escrivão della, que este possa e venha a ter todo o influxo nessas arremataçoens em que vai tanto como agora se reconheceu; porque ainda que o escrivão seja muito fiel, como homem, pode deixar de penetrar alguma traficância, que haja, e hé necessário que haja quem lha advirta, e o faça ser mais diligente, principalmente quando a nação dos rendeiros hé taõ costumada a dolos, enganos, e colluzoens ainda mayores.

As notícias de Salvaterra são todas de que Sua Magestade vai continuando a experimentar conhecidas melhorias, e que brevemente se porá em pé.

[texto registado na margem superior]

Assim o esperamos, e dezejamos todos com grande alvoroço; e todos nos achamos certos, graças a Deus, de que assim o veremos.

Não me ocorre por hora outra couza, se não dizer-vos que o Sr. Marquez anda occupadíssimo em negócios políticos. Toda a Europa se arma, e faz preparos militares; e nós taõbem os fazemos agora. O objecto das negociaçoens do gabinete não me hé conhecido. Fazem-se muitos discursos. Deus

¹³⁵ É citado o privilégio da Universidade de cobrança de rendas, à semelhança do património régio. Leia-se o Alvará Régio de 28 de agosto de 1772, pelo qual foi extinta a Mesa da Fazenda da Universidade, tendo sido criada, em substituição, a Junta de Administração ou Junta da Fazenda. O § X deste Aviso refere, concretamente, que nos contratos de arrematações se observam as mesmas condições com que se arrematam os da fazenda real – v. COSTA, 1961: 275-279.

nos defenda do flagelo da guerra. Elle vos conceda sempre a próspera saúde, que vos dezejo e me dê occasioens, em que vos mostre o muito que taõbem dezejo dar-vos gosto como

Irmão muito amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa, 21 de março de 1776

26 - 1776, março, 23, Lisboa

Mano do meu coração. Serve esta taõ somente de acompanhar a carta incluza de António Caetano da Silva Morais Castro Sarmiento¹³⁶ opositor às cadeiras dessa Universidade taõ distinto pela sua literatura, e talento, como hé pela qualidade do seu na[s]cimento. Impossibilitado para vos aparecer prezentemente por cauza dos graves dependentes da sua caza, que aqui se acha tratando, e que absolutamente não pode dezemparrar [sic] sem muito grande ruina, e perda irreparável, tomou a rezolução de apresentar-se-vos, e de dirigir-vos por esse meyo as suas representaçoens, e as súplicas, que vos faz. E para lhes dar mais algum pezo, solicita a minha recommendação, e apoio, valendo-se para consegui-lo da mediação de huma pessoa de grande respeito para nós ambos, e que ambos nós dezejamos muito servir. Rogo-vos, que o attendais, e favoreçais em tudo o que for possível; pois me consta ser na verdade muito benemérito, e todo o benefício que lhe fizeres, me deixará na mayor satisfação pelo grande empenho que tenho, de que meos officios lhe sejaõ proficuos.

Para tudo o que for dar-vos gosto estou sempre taõ pronto, como quem em tudo dezejar mostrar o grande affecto, com que sou

Vosso irmão muito amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa, 23 de março de 1776

27 - 1776, março, 27 (?), Lisboa

Mano muito do meu coração. Tendo-me dito João Chrizóstomo, que partia o Amaral, e vindo elle saber, se eu vos escrevia, fi-lo, e lhe entreguei a carta quinta-feira passada antes de hir para a Ajuda. Mas recolhendo-me

¹³⁶ Filho de Lourenço de Silva Sarmiento, natural de Vinhais (d. Bragança) estudou na Faculdade de Cânones de 1761 a 1766. Fez formatura em Cânones em 1765 - v. *Universidade de Coimbra (F); Processos de carta de curso (SR)*, 2ª s., cx. 38. (cota AUC- IV- 2ªD-12-4-4).

dela para caza, achei nella a vossa carta com a cópia das contas, que ultimamente dirigistes¹³⁷ ao Snor. Marquez. E hoje me constou, que o dito Amaral ainda não partio.

O Snor. Marquez anda occupadíssimo com as negociaçoens em que agora trabalha o gabinete; e nas occazioens, em que chega o Paquete de Inglaterra, não se emprega em outra alguma couza. Duvido pois, que tenhais agora prompta re[s]posta. Para a dificultar concorre taõbem o virem 6 contas juntas; o melhor meyo de segurar a promptidaõ das re[s]postas hé o de não ajuntar, nem cumular muitos negócios. A multidão delles faz medo, e conduz muito para não serem logo deferidos.

Muito estimarei, que se salve o honrado Fr. António Caldeira¹³⁸ pelo qual eu já fiz fervorozos, e instantes ofícios na ocaziã do despacho passado; mas todos infrutíferos. Receyo-lhe porém muito e muitíssimo, porque tem inimigo, que tem trabalhado, e conseguido arruiná-lo no conceito do Snor. Marquez; mas hé sem dúvida, que com manifesta injustiça, e iniquidade. Queira Deus que se não accenda agora o espirito da parcialidade contrária que lhe tirem até o lugar de chronista, do que está ameaçado há muito tempo sem eu poder ser-lhe bom.¹³⁹ A respeito de todos os outros propostos assim teólogos, como médicos, *fiat justitia*.

A proposta, que tem por objecto a assistência dos quatro Padres Camillos nesse Hospital, taõbem tem no meu conceito muito perigoza a sua aprovação. O Sr. Marquez por diferentes vezes tem estado para mandar sahir deste reino os Camillos, que estão no Hospital desta corte. Hoje porém está de outro acordo; pois lhes deu lugar no novo Hospital de S. Jozé.¹⁴⁰ Poderá conformar-se.

O Snor. Cardial pode hoje muito com o Snor. Marquez. Na ocaziã da outra consulta das Faculdades Jurídicas fiz-lhe a lizonja de lhe hir mostrar, como couza insinuada por vós, as cópias das contas, que me mandastes [sic], com as quaes elle ficou porque me pedio lhas deixasse não me sendo necessárias. Agora será preciso fazer o mesmo para ver se se salva Fr. António Caldeira, e o segundo Crúzio.

137 Leitura provável pois a palavra está corrigida, com letras sobrepostas.

138 Fr. António Caldeira, monge da Ordem de S. Bernardo.

139 São comuns as notícias sobre as intrigas na corte e redes clientelares que procuravam influências junto do Marquês de Pombal e este é apenas mais um dos exemplos.

140 Referência à Ordem de S. Camilo de Lellis, designada normalmente por Congregação dos Clérigos Regulares Ministros dos Enfermos de Portugal e dos Algarves. Em Lisboa, possuíram residência no Poço do Borratém, desde 1759. O novo Hospital de São José a que é feita referência foi inaugurado em abril de 1775, sucedendo ao antigo Hospital Real de Todos os Santos cujo edifício ruiu com o terramoto de 1755. Estava instalado no antigo Colégio de Santo Antão da Companhia de Jesus, tendo sido este edifício cedido pelo rei D. José, razão pela qual recebeu o nome de São José.

Na carta, que está entregue ao Amaral, vos falo largamente sobre outra matéria, que posto já não sirva para agora, vos servirá para o futuro. Lembrome, que houve quem me disse, vos avizasse que não obrigasses a Junta da Fazenda a hir aos Préstitos; porque como os deputados della, por serem Collegiais ou Lentos tinhaõ os seus lugares, onde hiaõ, de pouco servia fazer lá hir o escrivão. Daqui se pode inferir, que elle taõbem falou aqui nesta matéria, talvez descontente do lugar, que no Préstito tem e pertendendo [sic] o melhor. Lá sabereis isso melhor pelo que tiver havido a este respeito.¹⁴¹

Tornando ao Sr. Cardial, o seu voto hé, que para se atrahirem estudantes às aulas de Medicina hé necessário diminuir-lhe os annos do curso académico. Porque 9 anos metem medo, aos que podem seguir a Faculdade, que todos são pobres.¹⁴² Eu não sou de parecer, que os Estatutos se revoguem, nem alterem em couza alguma.

O Cardial Patriarca ainda não publicou a *Bulla do Jubilo do Anno Santo*. Eu vi o régio beneplácito, com que ella foi restituída ao Nuncio. Dos progressos da Consulta da Meza Censória não tenho notícia.

O afilhado de Anadia da Sr. D. Mariana hé hum irmão de huma sua criada D... N. [sic]¹⁴³, que ella estima muito, e parece, que hé pessoa de bem.

[Na margem superior]:

De Sua Magestade temos, graças a Deus, muito boas notícias. Vão continuando as melhorias: mas até quinta-feira não havia notícia de que se tivesse levantado da cama.

Os outros negócios não tem dado passo, porque até as conferências do Erário se tem interrompido successivamente.

Peço a Deus vos dê sempre saúde, e vos guarde como lhe pede este vosso
Irmão amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa, 26 de março de 1776

¹⁴¹ Uma outra referência ao escrivão da Junta da Fazenda da Universidade, Luís José Foucault, mais propriamente «*escrivão da Tesouraria Geral*» como era designado aquele cargo, tantas vezes já citado ao longo das cartas. A questão das precedências, nas cerimónias da Universidade, sobretudo nos préstitos, esteve sempre presente e foi ponto de discórdia no seio da instituição.

¹⁴² Os nove anos de frequência, dos preparatórios médicos e do curso médico, vigoraram até meado do século XIX. Eram constituídos pelos designados anos de preparatórios médicos, estudando no 1º a 3º ano de Matemática e de Filosofia e, posteriormente, durante seis anos na Faculdade de Medicina.

¹⁴³ Sem indicação do nome e apenas com estas iniciais.

28 - 1776, abril, 1, Lisboa

Lisboa 1 de abril de 1776

Mano muito do meu coração. Há bastantes dias que vos tinha escrito, e entregado a carta ao Amaral na suposição de que elle partia logo. O contrário porém succedeu. Pois só agora hé que parte juntamente com outro. Na carta, que elle já tem em seu poder digo o que se oferecia até o dia da data della. Agora direi sobre o mais, que tiver acrescido, que hé pouco mais de nada. Aceitai de todos nós os mais fervorosos dezejos de que tenhais Páscoas alegres.

Pouco tempo depois de vos ter falado em huma matéria, que podia ser importante, tive notícia de que chegou a esta corte o escrivão da Fazenda¹⁴⁴, porque me constou, que aqui me veyo buscar em ocasião, em que eu não estava em caza, e por isso não lhe falei, nem d'elle tive mais notícia. Ouvi que foi ao Sr. Marquez, e que lhe entregou os balanços da conta, que trouxe, mas não sei adiantar esta notícia. Sey mais que há muito poucos dias buscou a João Chrizóstomo. Sey que o Sr. Marquez não está pela arrematação da renda dessa Universidade que ultimamente se fez a João de Araújo Lima, e que por occasião disso determina mandar huma Provizão, porque as arremataçoens das rendas dessa Universidade, que excederem a quantia de 400 ou 800 mil réis subaõ por consulta para cá serem aprovadas por Sua Magestade por se conhecerem cá melhor os arrematantes, fazendo-se ahi praticar o mesmo que o dito Snor. tem determinado, a respeito das rendas da Patriarcal, para evitar alguma colluzão dos rendeiros com os officiaes da Fazenda. E a razão, por que a dita Provizão não vai já, hé porque com ella hão-de hir as condiçoens, que cá se tem determinado, se observem nos arrendamentos das rendas, assim respectivas ao tempo, como a outras circunstancias, as quaes condiçoens mandou o dito Snor. Marquez se procurassem, e copiassem, para se remeterem, e ficarem constituindo huma regra certa.¹⁴⁵ Tudo isto procedeu da pouca atenzão, que lá se teve com certos recommendados; perde a Universidade a regalia de arrendar livremente as suas rendas, de que até agora gozou; mas como isso hé para mayor segu-

¹⁴⁴ Nova referência a Luís José Foucault.

¹⁴⁵ Nunca chegou a ser concluído o trabalho de elaboração de uns Estatutos Civis e Económicos que regulamentassem a gestão económica, formas de arrendamento de bens, etc. A Universidade reger-se-ia por diplomas que pontualmente lhe eram enviados. Pode consultar-se a *Legislação académica desde os Estatutos de 1772 até ao fim do anno de 1850. Colligida e coordenada por ordem do excellentíssimo senhor Conselheiro Reitor da Universidade de Coimbra* (1851). Coimbra: Imprensa da Universidade.

rança, e aumento dellas não tanto para agora, como para o futuro, não hé couza, que possa desconsolar-vos.

O Sr. Marquez ainda não vio as vossas últimas contas. Porque tem continuado a estar muito occupado com as negociaçoens políticas, em que tem trabalhado até agora. Ouvi que dissera a respeito das contas precedentes respectivas às Faculdades Jurídicas que nellas havia, que considerar por ocazião dos despachos para as relaçãoes, que se propunhão porque não convinha ainda declarar as gradaçoens, e os ascensos. Sey que João Chrizóstomo vos toca, em que deis outras contas sobre a mesma matéria. Na Faculdade de Cânones há o motivo da cadeira de Prima vaga.¹⁴⁶ Mas eu não alterava nada do que tinha dito nas outras sem ordem pozitiva, nem me fazia sabedor da dúvida do dito Sr. Quem sabe, se para a dita dúvida influio o Cardial, a cujo gosto hé provável não viesse o que tocava ao Castelhana (?). Mas sempre entendo, que elle não havia de ser o primeiro em ponderar a dita dúvida. As outras ainda lhe não mostrei, porque todavia não quiz fazê-lo, sem determinação vossa expressa. Fá-lo-hei agora, que assim o determinaes.

Lá estará já o Godinho¹⁴⁷, que não deixou de ter aqui as suas melancolias. O Sr. Marquez não lhe falou na despedida, nem viu os papéis, que ultimamente lhe foi levar, (porque eu não me quiz encarregar delles, receyando algum cazo funesto, que não pudesse acautelar, e embaraçar) mas fez-lhe dizer, que se podia recolher (o que eu já lhe tinha dito há hum anno), e havendo quem lhe expoz a desconsolação em que elle estava pelo receyo de ter incorrido na desgraça de Sua Ex.^a por algum motivo, recommendou o dito Sr., que lhe segurassem, que não, e que só pelo seu grandíssimo embaraço lhe não falava.

A respeito do Jubileo¹⁴⁸ não sey, que haja novidade nem que até agora tenha vindo consulta sobre a matéria, de que já vos avizei. Emquanto vos não constar da publicação delle pelo Patriarca deixai-vos estar. Porque isto hé o que o Sr. Marquez tem respondido a alguns bispos, como entendo já vos avizei. Dos 15 barris de lampreas mandei logo 8 ao Sr. Marquez, 6 ao Snor. Cardial, e ajuntando ao outro mais três, que ainda cá tinha mandei 4

¹⁴⁶ Referência ao doutor Manuel José Alves (ou Álvares) de Carvalho que era apenas lente substituto, pois a cadeira não era presidida por um lente proprietário – v. nota 117.

¹⁴⁷ Trata-se, certamente, da referência ao doutor José Joaquim Vieira Godinho, professor da Faculdade de Leis, na cadeira de Direito Civil Pátrio, desde 1773. Foi também procurador da Universidade, em Lisboa.

¹⁴⁸ Francisco de Saldanha, Cardeal Patriarca de Lisboa (1758-1776) publicou neste ano a *Pastoral de publicação da Bula da extensão do Jubileo do Anno Santo por tempo de seis meses...* Lisboa: na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1776.

a João Chrizóstomo. Martinho de Mello levou só os 12 pela vez que disse. Agradeço a remessa das morcellas.

[na margem superior da 1ª folha da carta, no verso]

Não esqueça o negócio das Constituições.

Hontem veyo aqui Jozê de Vasconcelos e Souza¹⁴⁹ saber como succedeu o cazo dos porcionistas, e empenhado, em que elle se não tomasse de sorte, que houvesse grande castigo, etc. Disse-me, que estava certo, que vós o não havias de pintar com cores mais feyas, e antes vos não havias de esquecer da vossa costumada moderação. Mostrava empenhar-se tãobem pelo Collégio.¹⁵⁰ Como o Sr. Marquez não vio hontem a carta, não soube nada até hontem. Hoje poderá vê-la. Fizestes bem em mandá-los prender nas cellas, e dar conta; mas hé necessário inquirir os sócios, e contrários, para se castigarem os culpados.

Tenho dito tudo o que me lembra; e concluo segurando-vos o muito que dezejo dar-vos gosto, como quem hé vosso

Mano muito do coração

Azeredo Coutinho

[na margem superior da primeira folha, em adenda]:

Lisboa 1 de abril de 1776

El Rey nosso senhor vai continuando com as suas melhorias. Ainda não sey, se os Dezembargadores do Paço hirão a Salvaterra aos perdoens, como o anno passado. Mas creyo, que não, porque julgo, que El Rey não está ainda em termos de assistir a esse acto. A esta hora já isso se sabe, mas eu ainda o ignoro. Hontem me disse o Vasconcelos que se diz que Sua Magestade se recolhe para a Páscoa. Não hé porém certo.

29 - 1776, abril, 18, Lisboa

Mano muito do meu coração. As vossas boas notícias me trouxerão os prazeres, que eu dezejava em hum tempo tão próprio delles. Estimo infinitamente, que tenhais vencido o grande trabalho das funções da Semana Santa e da Páscoa, sem delle se vos ter seguido moléstia alguma. Dezejo, que tendo-se effectuado [sic] o retiro, que ideavas fazer para a Quinta¹⁵¹; por

¹⁴⁹ Referência a José Luís de Vasconcelos e Sousa (1740-1812) que, pelo casamento, viria a ser 1º Marquês de Belas e 6º Conde de Pombeiro. Era Desembargador da Casa da Suplicação e Conselheiro de Estado.

¹⁵⁰ A alusão ao Colégio tem aqui lugar por José Luís de Vasconcelos e Sousa ter sido porcionista do Real Colégio de São Paulo, em Coimbra, enquanto estudante.

¹⁵¹ Trata-se da Quinta de S. Martinho do Bispo, designada "*quinta de recreio*" ou "*quinta da Mitra*". Despesas de manutenção desta Quinta podem ser colhidas em PT-AUC-DIOC-

meyo delle, e da respiração de hum ar mais puro, tendeis adquirido novas forças para rezistir aos trabalhos inseparáveis dos dous grandes lugares de prelado dessa dioceze, e reitor da Universidade. Deus queira annuir aos meus votos.

Na minha família não tem havido novidade. Eu vou passando, graças a Deus, com algum alívio na minha moléstia; porque ainda que me leva o mesmo, ou mais tempo em se reduzir a parte queixosa, que levava até agora; contudo faz-se a reducção com menos dores; e eu ando muito mais nutrido do que até agora, tanto assim, que já não gosto; porque a mayor nutrição unida à total falta de exercício me tem feito poltrão, de sorte, que qualquer leve exercício me faz cançar [sic]. Minha mulher passa bem, por se achar ainda sem esperanças de 3º parto. Ella vos dezeja, e annuncia por mim o grande fervor com que vos dezeja as Páscoas mais felizes; e vos agradece quanto deve a vossa lembrança.

Os pequenos vão hindo bem, e para assim continuarem vos pedem a vossa benção. Manuel tem-se enfeitado mais, e hé vivíssimo, e muito atinado. Já entende tudo, ou quaze tudo, e já se explica pela sua língua. Jozé vai-se criando muito bem, tem melhor cor, e figura, e goza de huma nutrição fortíssima.

O Sr. Cardial partiu na última oitava da Páscoa para Salvaterra, donde se recolheu a esta corte na sexta-feira seguinte. Entende-se, que foi comunicar a Sua Magestade a matéria, e progressos das grandes, e importantes negociaçoes, que tanto tem occupado o gabinete do mesmo Senhor, que tãobem se prezume não se haverem antecedentemente participado a Sua Magestade pelo prudente receyo de aumentar-lhe cuidados. O dito Snor. vai continuando felizmente no restabelecimento da sua saúde, e se espera nesta cidade até 3 de mayo. O Sr. Marquez tem trabalhado, e trabalha, como hum homem de ferro. Os negócios, em que se emprega, são todos políticos, e respeitaõ às negociaçoes, que tem com as cortes estrangeiras. Sem embargo de que parece ter havido algum receyo de guerra por parte de Castella; como temos a fortuna de ter na frente do Gabinete hum Ministro tão hábil, e que sabe tomar tãobem as suas medidas, podemos ter a esperança de que evitaremos este grande golpe, e flagello. As pessoas, que discorrem de fora, como eu, e outros, entendem, que Castella se não declara sem França; e como observaõ que França tem cuidado, e cuida somente em restabelecer as suas finanças, e toda se aplica ao governo económico

dellas; tiraõ dahi por concluzão, que não há-de querer concorrer para guerras, não obstante parecer a ocazião oportuna pela circunstância de se achar Inglaterra tão embaraçada com o levantamento das suas colónias. Além disto tãobem se prezume, que nas negociaçoens do nosso Gabinete tem tãobem por objecto o cazamento do Príncipe com huma Princeza de França, e que o ajuste delle se acha muito adiantado; o que na verdade será muito conveniente para a paz, e socego deste reino; porque como França hé o primeiro móvel, sem o qual nada obra Castella em semelhantes artigos, fica a aliança de França servindo para mais firmar, e segurar a tranquillidade pública deste reino. Há poucos dias se mandou mobiliar [sic], e preparar o Palácio das Necessidades, no que se tem cuidado, e cuida com grande calor. Tenho por mais provável que seja para nelle se hospedar o Duque de Chartres¹⁵² que conforme as notícias da Gazeta¹⁵³ havia de achar-se até meyado [sic] março em Toulon para ali embarcar em huma esquadra, que havia de sahir daquelle porto para o de Brest. Pode ser, que na passagem pela nossa costa queira entrar neste porto, e que sabendo o nosso Ministério, que elle terá esta intenção, lhe queira prevenir a hospedagem com dignidade correspondente a huma tão grande personagem. Tudo isto porém, que tenho dito, não passa de ser escrito por meras conjecturas extrínsecas, e por discursos, que faço como qualquer outro do povo. Isto porém não obstante como só o escrevo para vos dar alguma idea meramente provável do que passa prezentemente nesta corte, não será justo, que o propaleis, nem me deis por autor. Porque eu mais quero festejar, aplaudir, e louvar as rezoluçoens do nosso sábio Ministério, quando ellas sahem à luz, do que occupar o meu entendimento em querer adivinhá-las, faltando-me as noçoens necessárias para isso. Deus abençoe o nosso Gabinete, e nos conserve por largos anos a precioza vida do nosso amável e incomparável Marquez de Pombal, em cujas luzes probidade, boa fé, e dexteridade faço tanta confiança, que nada receyo em detrimento da paz pública; emquanto elle conservar os alentos vitaes.

A respeito das vossas últimas contas creyo, que se não tem tomado deliberação alguma, e não sey se o Sr. Marquez as terá lido. Sey, que leu a

¹⁵² Referência a Filipe II de Orleães, Duque de Chartres, então em carreira de oficial da marinha.

¹⁵³ Numa primeira interpretação, poder-se-ia tratar de referência a notícia na *Gazeta de Lisboa*, o primeiro jornal português publicado a partir de 1715. No entanto, a sua publicação foi interrompida entre 1762 e 1778, por proibição do que viria a ser Marquês de Pombal (veja-se o artigo "*Da Gazeta de Lisboa ao Diário da República*" em <http://dre.pt/comum/html/historia.html>). Estando a dita publicação suspensa nesta data, trata-se certamente da *Gazette de France*.

respeitante ao cazo dos porcionistas; e que disse que como o Reitor os fizera prender, que assim estivessem por mais tempo, e persuado-me, que com isso se contentará. O dito Sr. Marquez não admite prática em negócios diferentes dos que trata, e até se fecha de sorte, que não hé fácil falar-lhe.

Hontem me disse Fr. Joaquim, que as Freiras de Esperança estavam aflictas com a notícia que tinhaõ de que as de Santa Anna, e de outros conventos são mandadas mudar para a Esperança. Não averigui ainda o que há. Mas como isto hé da incumbência do Executor da Bulla, e não sei, se tendes largado isso, vos dou sempre esta notícia.

Sobre o negócio da Bulla do Jubileo não tem havido novidade alguma. Quaze todos os bispos escreveraõ ao Sr. Marquez, e tiveraõ a mesma re[s]posta que o de Penhafiel. Como vos avizei, que nada publicasses sem saber que se publicara nesta corte pelo Cardial Patriarca, não me dá cuidado, que tenhais deixado de escrever sobre esta matéria.

Como meu sogro está mais perto da Quinta de Pereira¹⁵⁴, e entende de agriculturas, escrevi-lhe que fosse vê-la, e cuidasse em mandar plantar-lhe árvores de fruta de boas castas etc., o que elle tem feito em parte. Parece-me porém, que para a dita quinta ficar boa, e nella se unir o útil com o agradável, que sempre rezulta da boa ordem; quando fores à Quinta da Mitra¹⁵⁵, deis [sic] lá huma vista de olhos, levando convosco o Elsdén¹⁵⁶; que façais tirar huma planta de todo o território della, formar ruas, e repartir o terreno, para horta, jardim, pomar de fruta, de caroço, de espinho, etc., dispôr ruas compridas, em que se ponhã (?) árvores silvestres; e que para isso vá tãobem em todo o segredo o vedor de ágoa, quando vier, para dizer onde se achará ágoa, assim dentro, como de fora da quinta; porque havendo-a fora, e perto, se pode comprar a propriedade, onde a houver. Eu não desgosto do sítio da quinta, e como ella hé huma boa fazenda, por isso dezejo adiantá-la. Os frutos recolhidos de milho, e azeite, hé tempo de se venderem; porque daqui em diante abaterá o preço principalmente do pão, porque o anno vai bem principiado. Do producto dever-se pagar primeiro que tudo todas as despezas que lá tiver feito João Baptista por occasião da administração, direitos dados a João Negrão para a jornada; depois as pensoens, que eu pago ao dito Negrão, à Sr. D. Teodora, e a minha mulher dos seos alfinetes, que tudo

¹⁵⁴ Trata-se da Quinta de Pereira, c. Montemor-o-Velho, onde João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho possuía um considerável património rústico.

¹⁵⁵ Referência à Quinta de S. Martinho do Bispo que tinha também esta designação e era considerada uma Quinta de recreio, já mencionada em cartas anteriores – v. nota 151.

¹⁵⁶ Tenente-Coronel Guilherme Elsdén, arquitecto das obras pombalinas da Universidade de Coimbra, já referido anteriormente.

importa 87 moedas, que eu desembolço para isso; e o que ficasse se deve aplicar para os benefícios, de que depende a melhoração da caza; pois ainda que eu necessite para os gastos desta caza, comtudo será mais conveniente applicá-lo para o restabelecimento das propriedades, etc., pois ainda que agora não renda, passado algum tempo pagará as despezas que agora se applicarem, e os juros. Esta hé a minha tenção; mas como este anno há pouco, pagas as despezas que lá se tem feito pelo dito motivo; quero que se ficar, sirva para <por estacas de oliveiras>, comprar duas terrinhas encravadas na Tapada de Pereira, huma terra sita acima da Quinta de Ansião, e o mais que for necessário; que havendo abegão na Quinta de Pereira se compre gado, que esterque as terras da quinta para aumentar a producção do pão, e que se vá fazendo o que poder ser, etc., e o que não poudeser, se reserve para a producção do anno seguinte. Basta de matraca. Peço ocazioens de vos dar gosto e dezejo-as com o amor e eficácia de quem hé

Vosso irmão muito amante do coração

Azeredo Coutinho

Lisboa 18 de abril de 1776

[adenda, na margem inferior]:

Tãobem estou de ânimo de fazer lagar de azeite na Quinta de Pereira, mas isso não tem pressa.

[adenda, na folha seguinte]:

Hontem veyo dar-me as boas festas Martinho de Mello¹⁵⁷ e me encarregou de vos mandar memórias suas, etc.

30 - 1776, abril, 23, Lisboa

Mano muito do meu coração. Agora vem aqui inesperadamente o Amaral despachado já para partir para essa Universidade. E porque a hora, em que chega, hé a das dez <da noute>, do dia de S. Jorge 23 do corrente em que me acho com algumas pessoas em caza por ser o dito dia o dos annos de minha mulher, que não pude encobrir para omitir a memória d'elle, como faço aos meos; não hé possível, que eu me demore convosco nesta carta. Nem na verdade eu tenho prezentemente matéria para escrita larga.

Pelo que toca a da saúde, estimo muito a vossa, e como estou certo, que não duvidareis do muito que todos vo-la dezejamos sempre muito continuada, e na mayor perfeição, não vos occuparei o tempo com a leitura de

¹⁵⁷ Martinho de Melo e Castro (1716-1795), Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar, sucederia a Aires de Sá e Melo, no cargo de chefe do governo, no reinado de D. Maria I.

semelhantes expressoens. Aceitai-as de ambos nós e disponde da nossa, que graças a Deus não hé má ao presente, excepto somente os continuados e inseparáveis incómodos de minha cançada moléstia.

O dito Amaral leva a re[s]posta da conta sobre o cazo dos porcionistas, e tãobem algumas ordens respeitantes a esse cazo, e ao socego do Collégio de S. Paulo. Estas providências tomou o Sr. Marquez no dia de hontem 22 do corrente, por se achar segundo prezumo mais dezembaraçado dos negócios políticos, em que tanto tem trabalhado, e trabalha o nosso Gabinete desde o verão passado. Estimarei, que possa agora ter algum lugar para se dezembaraçar, e rezolver as outras contas, que lhe tendes dado.

Pelo que se pode ajuizar, estão os sobreditos negócios do Gabinete em muito bom estado; porque se assenta já, que estamos fora do receyo de guerra e que para mais seguro vínculo de paz se acha ajustado o cazamento do Príncipe com huma irmãa do Rey de França. O Palácio das Necessidades está preparado, e mobiliado [sic], dizem, que para o Duque de Chartres filho primogénito e futuro successor da Caza de Orleans, o qual há-de passar por esta costa em huma armada de Toulon, e se espera que aporte aqui.

Sua Magestade vai passando bem em Salvaterra, donde se espera no mez seguinte, huns dizem que a 3, e outros depois. Tem já assinado muitos papeis, e vai correndo a assinatura.

Chegou a nao de guerra que tinha hido ao Rio de Janeiro buscar os quintos, e ouço que em ouro e diamantes traz 10 ou 12 milhoens. Nelle veyo o Morgado de Mateus que acabou o seu governo de S. Paulo.¹⁵⁸

Tenho recebido carta somente do primo (?) Gregório de Moraes, que me pede, lhe mande licença para vir a este reino com sua mulher e filha para a cazar cá, pois a contingência dos bens do Brasil, e o pouco respeito que os villoens ruins tem no mesmo Estado aos fidalgos particulares lhe não permitem cazar lá a dita sua filha. Isto hé sem dúvida efeito de algum ajuste, que já cá tem feito por meyo dos parentes transmontanos, que por lá passarão no regimento daquella província que lá está. Parece-me porém, que ou elle desconhece as despezas, que há-de fazer com hum tal transporte, ou que estará de ânimo de as fazer muito moderadas.

¹⁵⁸ D. Luís António de Sousa Botelho Mourão, 4.º Morgado de Mateus, terminara em 1775 o exercício do cargo de governdaor da capitania de São Paulo. Por sua vez, a referência à nau de guerra tem lugar pela «Real extracção de diamantes das minas do Brasil». Teve a sua administração própria e a documentação sobrevivente produzida pode ser conhecida através da consulta em <http://digitalq.arquivos.pt/details?id=4743744>; na qual se pode obter informação sobre o carregamento dos reais quintos e dos diamantes (numa nau de guerra) no Rio de Janeiro.

Tenho ouvido que o Bispo do Rio está embrulhado com as religioens por querer obrigá-los a que se examinem para terem licenças para confeçar e pregar.

Achando-se o P.^e Sebastião¹⁵⁹ provido por encommendação na freguesia de Candelária, a proveu Sua Magestade há poucos dias em hum irmão do Dezembargador Jozé Luis França. Agora hei-de renovar a súplica do deado, antes que haja outro que o leve do mesmo modo. Elle antes quer ser Deão.

Sobre os negócios do Bispo de Aveiro não tem havido novidade nem lugar para ella.

Basta de escrita; e não sey, como cheguei a tanto. Aqui estou com tanto dezejo de dar-vos gosto, como podeis supor de hum

Irmão muito amante do coração

Azeredo Coutinho

Lisboa, 23 de abril de 1776

[adenda, na margem inferior]:

Sobre as dependências de Pereira e de Ancião tenho já escrito o que me tem ocorrido.

[adenda, na margem superior]:

Tinha de escrever-vos sobre o Foucalt, e a respeito da necessidade de procederes sem demora a fazer Juntas da Fazenda; seja onde for, e fazer, que lá se saiba que se fazem, e a razão porque não se tinham feito, não devendo elle ser só a da falta de caza para isso. Porém julgo supérfluo fazê-lo, e a razão vós mesmo a conhecereis por este correyo. Por isso eu vos dizia.

31 - 1776, abril, 30, Lisboa

Mano muito de meu coração. Hontem soube por Elsdén¹⁶⁰ que passavas muito bem, o que estimo no coração. Eu, minha mulher e vossos sobrinhos sem novidade.

Vai Fr. Joaquim, e elle dará as novidades – vai concluir o ajuste e condições da entrega da caza de Condeixa.

Quinta-feira passada vi entregar o Sr. Marquez a Joaquim Ignácio o sacco, em que vierão as contas da Universidade, que elle disse primeiro que não lhe pertenciaõ antes de se fazer a entrega sem a declaração do que se continha no sacco, e dizendo-lhe o dito Sr., que eraõ as da Fazenda da Universidade para as pôr no Erário, disse, que estimava muito.

¹⁵⁹ Sebastião Rodrigues Aires, V. nota 90 e já referido em outras cartas.

¹⁶⁰ Tenente-coronel Guilherme Elsdén já identificado em notas anteriores.

Está-se esperando o Duque de Chartres.

Vão essas cartas do Rio. O primo Gregório pede licença para vir para cá, e que não quer cazar sua filha no Brasil. Primeiro pela incerteza dos estabelecimentos das cazas, segundo para evitar os atrevimentos dos villoens ruins.

O menino Vasco¹⁶¹ virá com o Dezembargador Brandão, e não veyo agora por não haver pessoa de amizade a quem se entregasse. Não sei mais novidades. Fico muito dezejoso de dar-vos gosto, como

Irmão o mais amante do coração e obrigado
Azeredo Coutinho

Lisboa 30 de abril de 1776

32 - 1776, maio, 9, Lisboa

Mano muito do meu coração. Não vos escrevi pelo correyo de hontem por saber que partia hoje o Amaral, o qual com efeito aqui se acha já esperando por esta carta; que por isso necessariamente há-de ser breve. Sexta-feira recebi a que trouxe o correyo Bernardo, em que foi summamente estimável a certeza da continuação de vossa boa saúde. Por cá não há novidade nesta matéria. A Sr.^a D. Maria vai passando com os costumados incómodos do estado, em que se acha; e agradece muito as vossas memórias. Os dous pequenos passam bem, e pedem a vossa santa benção.

Não falei com João Chrizóstomo depois da vinda do correyo, e por isso não sei nada do que obrastes a respeito do negócio, em que interessa o Bispo de Beja.

Hontem, que foi o 1º dia de conferência depois da moléstia de Joaquim Ignácio, ouvi ao Sr. Marquez que vos tinha escrito para fazeres todos os cortejos a hum Príncipe da Rússia¹⁶² que hé cunhado do Duque de Curlândia, que anda viajando e depois de aqui estar há quaze hum mez, partio hoje para Cintra, e vai dormir a Mafra, donde vai a Alcobaça, Batalha, Leiria,

¹⁶¹ Vasco de Vilhena Coutinho de Melo, segundo informação colhida em carta de Ana de São Francisco, irmã de D. Francisco de Lemos, de 27.05.1778, inserida no fundo documental PT/AUC/PFM/DFL. Nas cartas n.º 45 e 47 é referido novamente; foi identificado o seu nome usado enquanto aluno da Universidade: Vasco Fernandes Coutinho.

¹⁶² Referência ao Príncipe Nikolai Borisovich Yusupov (1750-1795) que era cunhado do Duque da Curlândia e Saxónia (do ducado da Curlândia e Semigália) pelo casamento de sua irmã, a Princesa Yevdokiya Borisovna Yusupova (1743-1780). O nome do “Príncipe Yossopof” é mencionado em carta do Marquês de Pombal enviada a D. Francisco de Lemos, em 06.06.1776, solicitando-lhe que o acolhesse em Coimbra, como veio a acontecer. A carta está inserida em *Universidade de Coimbra (F); Alvarás, Decretos, Cartas, Provisões (SR); Nova Fundação e Reformação da Universidade (1774-1776)*, vol. 2, fl. 200 – (cota AUC-IV-1.ºD-3-2-8).

Pombal, a essa cidade e dahi para o Porto, donde volta por cauza das estradas a Vizeo, dahi a Almeida e passa então a Castella a continuar a sua viagem. O dito Príncipe hé hum moço muito civil e dizem, que bem instruído. Não anda com fausto <e traz pouca família. Aqui assistiu na Caza do Pasto (?) que está na dos Magalhaens>. O Sr. Cardial e o Sr. Marquez lhe derão jantares; e o Sr. Marquez o recomenda para todas as partes, por onde elle há-de passar, para o hospedarem e tratarem bem. Em Pombal o mandou hospedar nas cazas da Câmara. Estando elle para passar a Coimbra, e tendo-vos obrigado de o hospedares, pareceu-me que vos faria falta o vosso cozinheiro que aqui chegou hoje, dizendo trazia licença vossa. Fiz dizer-lhe, que viera em má conjuntura, pois vos havia de ser agora necessário; e elle com boa vontade disse, que partia logo, e ouço que vai com o Amaral. Sexta-feira estive em caza do Sr. Cardial vendo a livraria toda a manhã até às duas horas.

Domingo passado concorreraõ aqui os dous cónegos com João Crizóstomo, que os animou muito tirando-lhes algum cuidado com que estavaõ. De então para cá não lhes tenho falado; e eu lhes disse, que nesse dia os não rogava a jantar, para que com isso não demos matéria aos seos inimigos. Os papéis hão-de me vir com vista, e hé necessário proceder a respeito delles com toda a cautela. Eu não sey o que elles tem feito de domingo para cá e ignoro se tem conseguido falar ao Sr. Marquez. Elles me perguntaraõ se podiaõ mandar recado ao Sr. Marquez de que traziaõ huma carta vossa para entregar a Sua Ex.^a, e eu receyando, que esse recado não produzisse o efeito dezejado, lhes disse, que como a sua comissão só era do Cabido, e tinha hum objecto, que não vos tocava, não me parecia bem, que elles se encabeçassem na vossa carta, quando esta sómente lhe fora entregue para a entregarem quando falassem ao dito Snor. As couzas estão bem assombradas (?); e parece, que não há que temer; mas o Snor. Marquez entendo que considera o Cabido como réo e não quer mostrar que o favorece antes de lhe constar da justiça de sua cauza. O que hé de receyar, hé que depois de feita a consulta não vá embarrancar para sempre na Secretaria de Estado porque os muitos negócios do Sr. Marquez a podem fazer ali parar. Os conégos hão-de ter-vos dado notícias do que tem feito.

As senhoras de Condeixa têm escolhido hirem todas para Santa Clara. Pelo que entendo que se concluirá o grande negócio da entrega de Caza de Condeixa. Peço-vos, que não vos esqueçaes de mandar o engenheiro¹⁶³ à

¹⁶³ Guilherme Elsdén, já referido anteriormente, terá participado na construção da Quinta de Pereira.

Quinta de Pereira, e se vós fosses estar na Quinta da Mitra¹⁶⁴, alguns dias, seria bom, que chegasses lá alguma tarde, e que então o mandasses lá hir, e que nessa ocasião lhe desses as vossas ordens. Eu dezejo, que reparta o terreno em ruas, fazendo lugar para todas as partes de que se deve compor huma quinta, como são jardim, horta ajardinada, <tanque>, pomar, etc., alameda e bosque, para se mandarem plantar árvores, que o fação. Gosto do sítio, e quero delineado tudo o referido para o hir fazendo devagar, menos o que toca à aberturas das ruas, e plantação das árvores para hirem logo cre[s]cendo. Hé certo, que o jardim não pode ser cultivado com flores, etc., não estando eu lá; mas pode chegar e a fazer-se de bucho [i. e. buxo] e ficar assim. O negócio principal hé o de achar água de fontes, de que tenho esperança e dezejo desenganar-me. Fico com grande dezejo de dar-vos gosto como

Irmão do coração
Azeredo Coutinho

[na margem superior da 1.^a fl.]:

Lisboa 9 de mayo de 1776

[na margem superior da fl. anterior]:

Hontem disse Ayres de Sá, que dezejava muito que concluísse já a execução do Breve das Freiras Franciscanas, a qual se retarda mais pelo que vai fazendo o Geral de Alcobaça. Hé necessário que neste verão cuideis nisso, para o que entendo será muito conveniente que venhais abaixo, visto que já o anno passado não viestes: e a haveres de vir seja immediatamente depois de fechada a Universidade. Para largares a comissão seria melhor tê-lo feito mais cedo. Pensai sobre este ponto. Eu dezejo chegar a Condeixa e Pereira e se vieres, vos acompanho na volta para Lisboa que sendo em princípio de outubro me cahe em bom tempo.

33 - 1776, maio, 11, Lisboa

Mano muito do meu coração. Pelo correyo Ventura vos escrevi com largueza. Agora só vou a repetir-vos o incessante dezejo, que tenho, de que passeis com saúde perfeita, e livre de todo o género de moléstias; e juntamente a dizer-vos que minha mulher se acha novamente pejada, e vai em dous mezes deste embaraço, o que eu tenho por certo, porque toda esta semana tem dado todos os sinaes disso e ultimamente se acha no trabalho-

¹⁶⁴ Trata-se, certamente, da Quinta em S. Martinho do Bispo, igualmente citada em diversas cartas.

zo passo dos vômitos, que muito a tem aflicta, e enfraquecido por não poder conservar nada no estômago, nem ter vontade alguma de comer.

Por cá não há novidade de consequente. Sua Magestade já aparece em público em Salvaterra, e assistio ao divertimento dos touros, que ali se fizeram nos primeiros três dias desta semana.¹⁶⁵ O dito divertimento se há-de ainda repetir, porque todos os fidalgos, que têm criaçoens delles, os querem dar das suas raças para o dito fim. Com isto se vai Sua Magestade entretenendo ainda ali; e como o tempo vai fresco, ainda se não fala no regresso para esta cidade.

Nesta semana não tem havido conferência por estar Joaquim Ignácio doente, mas sem moléstia de cuidado. Os Srs. Marquez e Cardial forão prontamente buscá-lo.

Cuida-se com muita força em preparos militares, e há quem diga, que o Palácio das Necessidades se preparou para o Conde de Lipe.¹⁶⁶ Mas não há receyo de guerra.

Aqui estou com o meu costumado dezejo de toda a occazião de dar-vos gosto, o que sempre farei, como vosso

Irmão muito amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa, 11 de mayo de 1776

34 - 1776, maio, 18, Lisboa

Mano muito do meu coração. Vivo muito faminto de cartas vossas; pois as não tenho há mais de 15 dias, tendo-me faltado não só pelos correys ordinários, mas até por hum dos da Secretaria, que veyo sem ella. Esta falta sempre me hé muito sensível pela grande consolação, que com as vossas cartas recebo; ainda que por me constar por outra parte, que passais muito bem de saúde não me aflige o cuidado, que necessariamente teria, se me faltasse esta certeza. Todos me dizem, que estais gordo, e que passais por hora muito bem. Pelo que louvo a Deus, como devo, e lhe peço a continuação da mesma felicidade.

Eu passo sem novidade, e assim vossos inocentes sobrinhos. Minha mulher lutou com huma fortíssima, e prolongada tormenta; mas seja Deus

¹⁶⁵ Alusão às habituais corridas de touros em Salvaterra (c. Salvaterra de Magos, d. Santarém). – v. nota 125.

¹⁶⁶ Friedrich Wilhelm Ernst von Schaumbur-Lippe (1724-1777). Deve-se-lhe a reorganização do exército português, a que se dedicou desde 1764.

louvado, já a leva vencida, e vai-se restabelecendo do grande abalo, e mace-
ração, em que ella a deixou, porque já come sem fastio. Queira Deus que
se não malogre com algum incidente contrário o fruto, que me faz esperar
o estado, em que se acha, e que tenha desta vez tão bom successo, como
da segunda.¹⁶⁷

Ainda dura a moléstia de Joaquim Ignácio, mas está já quaze bom e só
necessita de hir convalescer alguns dias na quinta.

El Rey recolhe-se a esta cidade sábado 25 do corrente, e vem bom.

Aqui não há novidade digna de contar-se. Fico com o mais vivo dezejo
de dar-vos gosto em tudo, e por tudo, como quem hé vosso

Irmão o mais amante do coração

Azeredo Coutinho

Lisboa 18 de Mayo de 1776

35 - 1776, junho, 16, Lisboa

Mano muito do meu coração. Quinta-feira perto da noute chegou aqui
o portador que mandastes para fazer partir para essa cidade o vosso cozi-
nheiro, e para o mais, que continha a carta, que por elle me dirigistes. Logo
que eu soube que o Príncipe Russiano¹⁶⁸ hia a essa Universidade, e que o
Sr. Marquez vo-lo recommendava, reconheci que vos havia de ser necessário
ter lá o dito cozinheiro, e por isso logo que elle chegou, o fiz voltar para lá,
o que elle fez com boa vontade, e pelo que me disse o portador acima
mencionado, encontrou-o com o Amaral muito perto dessa cidade. Com a
sua chegada socegaria [sic] nesta parte o vosso cuidado. Quanto ao modo
de tratar o Príncipe Russo, assim em público, como no particular, parece-me
que tãobem preveni a vossa pergunta, dizendo-vos a este respeito o que eu
alcançava; e o que tinha visto fazer pelo Sr. Marquez. De tratamento não
pode ter mais de Ex.^a porque este hé o que se deu ao Conde de Lipe, sendo
Príncipe soberano, até que El Rey lhe mandou dar Alteza por mercê. O Sr.
Marquez falando-lhe em francez, lhe dava o costumado *vous* dos francezes
no discurso familiar, creyo que depois de lhe ter declarado Ex.^a na entrada.
Pelo que me disse o Sr. Marquez, entendo que o dito Príncipe chegou a essa
cidade na sexta-feira, e que se deteria ahi no sábado, domingo e segunda-
-feira, pois não sahio com tenção de mais demora, que a precisa para ver o

¹⁶⁷ Referência ao estado de gravidez de sua mulher, em gestação do 3.º filho, João Ramalho de Azeredo Coutinho.

¹⁶⁸ Príncipe Nikolai Borisovich Yusupov - V. nota 162.

que nessa Universidade há de notável. Nestes termos não pode chegar a tempo o dessert¹⁶⁹ que mandavas hir, por mais pressa, que se dê o portador, e por isso não vai agora visto não poder chegar a tempo de servir na presente occazião. Hirá porém em outra occazião, e será bom que seja quando for o Amaral; porque eu só nas dos baptizados dos meos filhos tenho uzado delle. Na verdade hé traste necessário a quem tem occazioens de dar jantares. E este que eu tenho, hé muito grande, e admite toda a divisão, que se lhe quizer dar, para o que se deve haver respeito à grandeza e extensão das mezas, para que se querem, e em que hão-de servir. Aqui se tratou de despachar as pautas dos vereadores dessa cidade. E ouvi a Ayres de Sá, que não tinhão vindo as de Coimbra porque a Universidade não tinha nomeado o vereador, que lhe pertence, o que cauza detrimento ao governo económico da cidade; porque perpetua nelle os que servem há muitos annos contra as Ordenaçoes do Reino. Dizei-me o que há nesta matéria, e as razoes, que tem a Universidade para não fazer nomeação de vereador, ou dar providência a isso, para que cesse esse incómodo público.¹⁷⁰

Tãobem ouvi cá queixarem-se frades de que estão alguns religiosos seos, e tãobem alguns seculares, que se querem graduar esperando occazião de o fazerem; e que tendo-se passado tantos annos depois da reforma, ainda não são admitidos a isso, pelo que alguns querem deixar-se disso, e tomar outra vida. Dizei-me tãobem o que há a este respeito, para que eu saiba rebater estas accuzaçoens e queixas.

Lá tereis recebido ou recebereis agora providências sobre o provimento das becas dos colegiaes, das quaes fica inteiramente dezanbaraçado o Reitor da Universidade, segundo o que me disse João Chrizóstomo, de quem tive esta notícia.

O Bispo de Beja¹⁷¹ está a sahir com as suas Constituiçoens e isto cauza sentimento ao Sr. Cardial, que queria sahisses primeiro as suas para servirem de modello a todas as outras.

As Senhoras de Condeixa escolhem hir para Santa Clara, e entre ellas há a Sra. D. Antónia¹⁷² que é freira de Sandelgas, e quer passar para o

¹⁶⁹ Certamente a expressão francesa *dessert*, para apelar a pastelaria fina, não é aqui aplicada. O contexto do uso do termo nesta carta permite apontar para algum serviço de aparato.

¹⁷⁰ A Universidade elegia um seu representante para vereador do município de Coimbra.

¹⁷¹ Fr. Manuel do Cenáculo Vilas Boas (1724-1814) foi nomeado Bispo de Beja em 1770 e depois Arcebispo de Évora, em 1802. As Constituições do bispado de Beja não chegaram a ser impressas.

¹⁷² Antónia Rosa Ramalho, filha de João Ramalho de Oliveira Catana e D. Antónia Luísa da Fonseca, natural de Condeixa-a-Nova, ingressou aos 18 anos no Convento de Nossa Senhora de

Convento de Santa Clara dessa cidade, que hé da sua ordem, concorrendo para facilitar este trânsito a futura extinção, de que se acha já ameaçado o Convento de Sandelgas¹⁷³. Vós como executor da Bulla da extinção e união dos Conventos Franciscanos tendes jurisdição para determinar este trânsito; mas parece que só o deveis fazer quando proveres aos mais, e não para prover somente a huma religioza. Dizei-me tãobem alguma couza sobre esta matéria porque não havendo outro meyo, nem esperança próxima delle, recorrerei ao Sr. Marquez, a quem não dezejo lembrar este negócio por pender da execução do dito Breve, que elle dezeja concluído por qualquer modo que seja. Pelo que vos peço muito, que attendais a isso sem demora, assim como tãobem ao negócio das Constituições, pondo de parte tudo o mais, que vai já correndo o seu caminho. Hé o que me occorre por hora dizer-vos, e tãobem que para isso seria não só conveniente, mas necessária a vossa vinda a esta corte pessoalmente pelo que pertence ao negócio das freiras. Fico com grande vontade de dar-vos gosto em tudo como quem hé vosso

Irmão o mais amante de coração
Azeredo Coutinho

Lisboa, 16 de junho de 1776

[em adenda, na margem superior da fl. 2 da carta]:

Há dias que não tenho notícia dos cónegos. Sey somente que falaraõ a Jozé Pereira de Brito¹⁷⁴ para ser seu advogado, e que este lhes não quiz aceitar procuração sem licença do Sr. Marquez, e que pedindo-lha, o dito Sr. lha concedeu.

36 - 1776, julho, 3, Lisboa

Mano muito do meu coração. Depois da carta, que recebi pelo Ventura, com notícia da hospedagem, que fizestes ao Príncipe Russiano, não tenho recebido outras notícias vossas, esperando-as, e dezejando-as; porque nem as tive pelo correyo ordinário, nem pelo extraordinário que vós annunciavas ficar a partir. Como entendo, que tendes passado, e passais com saúde, tudo o mais vou levando com resignação, e a tudo me accomodo, não faltando jamais a deprecar ao ceo a continuação de vossa saúde.

Campos de Sandelgas, em 1751 – v. *Cúria Diocesana de Coimbra (F); Câmara Eclesiástica de Coimbra (SC); Processos de profissão religiosa*, cx. 9 – (cota AUC-III-2.ºD-16-1-9).

¹⁷³ O Convento de Nossa Senhora de Campos de Sandelgas (c. Montemor-o-Velho) apenas seria extinto em 1891.

¹⁷⁴ Riscado “Snor Marquez” e substituído por este nome.

Por cá não há novidade neste ponto. Eu fico cuidando em dispor-me para o meu costumado remédio dos banhos do mar. Minha mulher começa a passar a melhor, do que tem passado até agora. Os pequenos vão-se criando. Aceitai as devidas memórias da mãe, e a elles lançai a vossa bênção.

Finalmente mandou o Sr. Marquez que se publique a Bulla do Jubileo do Anno Santo. Assim mo disse o Arcebispo de Lacedemónia,¹⁷⁵ do que cuidou já vos avizei; e depois disso assim o disse o presidente da Meza Censória;¹⁷⁶ mas não sei, se com efeito está já aqui publicado. Sempre podeis já dispor a publicação para assim que tiveres notícia della se ter aqui publicado. A questão, que havia, ainda continua, e vai tomando humas alturas, que muito me tem enfastiado. Tem-se gastado muitas conferências em se lerem os papéis feitos sobre a mesma matéria, e ainda se não concluiu a leitura delles. Como porém se tomou a resolução de separar della a publicação da Bulla do Jubileo, por isso ella se vai a publicar.

Aqui se achão algumas naos de guerra castelhanas que são parte de huma esquadra, que anda cruzando nas costas deste reino, onde tãobem cruza a do Duque de Chartres. Deste ainda não entrou naõ alguma, nem elle tem ainda aparecido a receber a hospedagem, que lhe está preparada.

Sua Magestade continua com a sua moléstia de perna; mas não padece por hora dores, que o vexem, e que impossibilitem ao divertimento do jogo, que tem no quarto da Sra. Rainha.

Acabou finalmente Fr. Dionísio de Deos¹⁷⁷ o seu segredo. Está restituído ao seu convento com todas as suas honras; e Fr. Joaquim está com projectos de que saha [sic] lente de Teologia para huma das cadeiras dessa Universidade.

Não quero repetir o que já tenho dito em outras cartas. Estimei a boa hospedagem feita ao Príncipe Russo; e por não deter mais o Ventura, concluo pedindo a Deus vos guarde como muito dezejo, e segurando-vos o muito que tãobem dezejo dar-vos gosto em tudo como

Irmão o mais amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa 3 de julho de 1776

¹⁷⁵ D. António Bonifácio Coelho, arcebispo de Lacedemónia apresentado em 13.03. 1770.

¹⁷⁶ Fr. Manuel do Cenáculo Vilas Boas (1724-1814) foi presidente da Real Mesa Censória, criada por Alvará de 05.04.1768, sucedendo a D. João Cosme de Cunha, o Cardeal de Cunha.

¹⁷⁷ Fr. Dionísio de Deus (1716-1797), do Convento dos Eremitas da Serra de Ossa, fora lente de Teologia da Universidade de Évora e veio a ser lente substituto de cadeiras de Teologia Dogmática e Teologia Litúrgica, na Universidade de Coimbra, de 1780 a 1793.

37 - 1776, julho, 6, Lisboa

Mano muito do meu coração. Quinta-feira de tarde recebi a vossa carta, que me trouxe o correyo Lopes. E como me certificou de ficares com saúde, fiquei muito contente. Deus vo-la conceda pelos annos do nosso dezejo. Por cá passamos todos agora sem novidade. A Sr. D. Maria não padece já tanto, e os meninos vão-se criando sem novidade. Por elles vos peço a vossa bênção, e pella may tenho commissão para vos agradecer, e retribuir muito as vossas memórias.

Hontem foi dia de annos do Sr. Infante D. Pedro,¹⁷⁸ e não houve beija-mão por cauza da moléstia de Sua Magestade que vai passando menos mal; toma em caza banhos da água das Alcaçarias,¹⁷⁹ e está esperando, que se lhe fechem humas feriditas, que tem na perna para os hir tomar nas mesmas Alcaçarias.

Falei com o Póvoa sobre o trãnzito da Sra. D. Antónia Roza de Sandelgas para Santa Clara, e disse-me que a reforma e reduçção dos conventos da sua ordem, estava a fazer-se, e pelo que colhi, ou por elle com aprovação do Sr. Marquez, ou pelo Sr. Marquez insinuada <a elle para elle > aprovar e publicar; e tanto hé isto assim, que até me disse, que esperasse eu por ella, porque então com menos trabalho fazia eu o que queria. Creyo que o Sr. Marquez tem disposto isso, e quando a dita reduçção e reforma estiver arrumada, vos avizará, que visto as vossas occupaçoens não vos permitirem ser executor de Breve, que tem esse objecto, hajais de vos escuzar da execuçção delle para se fazer a subdelegaçção em outrem. Pois isto mesmo hé o que elle já vos disse aqui o anno de 1774, em que aqui estivestes. À vista do que, e na certeza de não poderes vós fazer isso dessa Universidade, e do movimento, em que estão as couzas, que não permitem mayor demora neste ponto; parece-me que podeis escrever sobre esta matéria ao Sr. Marquez, para que elle não entenda que vos esqueceis. Se viesses abaixo, cá falarias sobre isso. Não vindo parece-me, que deveis escrever, e propor a vossa escuza, se for do agrado de Sua Ex.^a, para fazê-la (?) depois de aprovada.

Quanto à vossa vinda, ou para dizer melhor, a vossa rezoluçção de não vires, hé sem dúvida, que a dita rezoluçção hé muito contrária ao meu gosto. Mas a vossa saúde está primeiro que tudo. Como já o anno passado não viestes, discorria eu, que seria bom vir este anno porque quem por muito

178 Infante D. Pedro Clemente (1717-1786) irmão do rei D. José que viria a desposar sua sobrinha e depois rainha D. Maria I.

179 As águas de Alcaçarias, também designadas por Alcaçarias de Alfama (Lisboa) eram águas termais com diversos usos terapêuticos.

tempo não aparece, ou esquece, ou insensivelmente se vai pondo em termos disso, e ainda que os vossos grandes lugares não permitem que de todo esqueçais, contudo a longa auzência sempre faz alguma brecha. Tãobem poderias concluir algumas couzas pertencentes à Universidade e não continuará certo amigo a fazer os ofícios que quer. Porém não deixo de reconhecer os incómmodos que há por outra parte.

Amanhã 7 do corrente se publica aqui o Jubileo do Anno Santo. A outra questão vai correndo o seos termos.

Sobre os negócios do Bispo de Aveiro hé claro, que elle não tem direito a rendas seculares, pois são da Mitra de Coimbra e não se lhe tirarão. Hé preciso fazer requerimento ao Sr. Marquez para declarar huma couza, e outra, e não basta fazer hum papel. O que vós me mandastes, vinha excelente e hia cavar na raíz. Mas em semelhantes papéis quer o Sr. Marquez menos especulação, e factos mais palpáveis. Eu principiei a formalizá-lo em forma de requerimento. Mas parei; porque vos confeço [sic] que para tudo me falta o tempo; e não sei quando o acabarei: e creyo que será melhor vir formalizado de lá, em duas contas diferentes, huma sobre a pertença da porção pecuniária, e outra sobre as rendas da coroa. E não seria mau escreveres ao Sr. Cardial, para completar a obra que principiou; pois hé Ministro de Estado, e de caminho lhe falavas nas Constituiçoens.

Gostei muito de ver as conclusoens de Luís António Furtado. Hontem vi na Meza Censória a dissertação *de Monstris* de Vandelli¹⁸⁰.

Estimo que o vedor das águas fosse à quinta de Pereira. A água que ella dá sahe em boa parte; mas o ponto hé, que a haja com certeza. Estimarei, que os engenheiros vão lá quando houver lugar.¹⁸¹ Mas será bom, que seja quando estiveres na quinta de S. Martinho em dia que possais alargar até ali o vosso passeio. As Senhoras de Condeixa escolheraõ hir para Santa Clara e para isto inclinava mais meu sogro. Fico muito dezejozo de dar-vos gosto em tudo como

Irmão o mais amante do coração

Azeredo Coutinho

Lisboa 6 de julho de 1776

[na margem superior da 1.^a fl., em adenda]:

Eu ainda me não sangrei para me preparar para os banhos. Estou entalado, como sempre me succede com grave detrimento meu. Escrevi a Fr.

¹⁸⁰ Esta dissertação de Domingos Vandelli (1730-1816) foi publicada pela Imprensa da Universidade. v. Vandelli, Domenico – *Dominicu Vandelli... Dissertatio de Monstris*. Collimbriae: ex typographia Academico Regia, 1776.

¹⁸¹ Certamente, nova referência ao tenente-coronel Guilherme Elsdén que estava em Coimbra, trabalhando na construção dos novos edifícios pombalinos da Universidade.

Joaquim que faça remeter para a Louzaa a João Negrão Arnao¹⁸² trinta mil réis, para o que vos peço deis ordem a João Baptista.

38 - 1776, julho, 9, Lisboa

Mano muito do meu coração. Por não perder esta occazião de escrever pelo Bernardo, vou a fazê-lo sem embargo da necessidade de ser muito breve.

Domingo teve Sua Magestade hum ataque de febre, que posto não fosse grande, deu cuidado emquanto se não descobrio a origem que tinha de huma erisipella. Logo porém, que ella se reconheceu, cessou o dito cuidado, e por vir a dita erisipella com pouca força, continuou logo o mesmo Snor. a experimentar muito alívio, no que tem proseguido.

No mesmo domingo se publicou a Bulla do Jubileo do Anno Santo, de que remeto esses exemplares, que para vos enviar me deu hontem na Meza Censória o Arcebispo de Lacedemónia.

Hontem segunda-feira houve sessão plena da Meza Censória. Nella se acabou de ler a proposta ou censura do Bispo de Penhafiel ao voto de Fr. Francisco Barba, a qual acabou denunciando o dito Bispo a Meza (?) dita re[s]posta, e a pessoa do autor della. Finda porém a re[s]posta, e antes de se votar, intimei eu a Meza, que o Sr. Marquez me chamou, e me ordenou <lhe> intimasse da parte del Rey hum perpétuo silêncio na questão, que a ella havia dado cauza, e que os escritos se recolhessem pelo secreto [sic] della. Com isto se terminou falar muito a dita controvérsia que muito cuidado me deu.

Mandou o mesmo Snor. que sobre ella se observe hum profundo segredo. Debaixo da obrigação delle vos dou esta notícia.

Chegou navio do Rio, e dizem, que houve acção entre as nossas tropas, e as de Castella no Rio Grande. Mas ainda o não sei com certeza.

O portador leva em huma caixa huns pedaços de pratos, que manda Fr. João de S. Francisco para amostra. E vão acompanhados com a carta incluza.

Não há lugar para mais. Dezejo-vos a mais próspera saúde, e muitas ocazioens de vos dar gosto, como

Irmão o mais amante do coração
Azeredo Coutinho

[em adenda]:

Jozé de Lemos e Nápoles irmão mais novo de Filipe Xavier¹⁸³ está destinado para Ministro de alguma corte estrangeira e com este destino passa

¹⁸² Trata-se, provavelmente, de João Negrão Arnaut, capitão-mor da Lousã.

¹⁸³ Filipe Xavier de Nápoles Telo de Meneses.

brevemente a Inglaterra para se instruir com Luíz Pinto, e de lá seguir o destino que se lhe der. Hontém mo disse o Sr. Marquez, mas não sey se o disse a outrem, nem se está já publicado.

Lisboa 9 de julho de 1776

39 - 1776, julho, 20, Lisboa

Mano muito do meu coração. Não tive carta vossa pelo correyo prezente, mas como sey, que estais bom, socego. Eu hoje me acabei de sangrar para hir tomar os meos costumados banhos, o que farei infalivelmente até quarta-feira da semana que entra. Há dias, que passo mais incommodado da minha moléstia. Queira Deus que não tenha agora de padecer alguma tormenta semelhante à que padeци há dous annos quando cá estivestes. Minha mulher passa agora melhor, e muito se vos recomenda. Os meninos vão-se criando; e só Manoel fica alguma couza doente por lhe estarem agora a sahir alguns dentes. Para ambos vos pedem os pays a vossa benção.

A grande necessidade que eu tenho de ver as fazendas da caça de Pereira, e ainda mais as da de Condeixa, que me vai a ser entregue, para sobre o ocular conhecimento dellas poder conceber ideas certas, e seguras do que hé mais vantajozo à boa conservação, e aumento dellas, e procurar practicá-las. O gosto que tenho de aliviar a minha saudade e de vêr-vos; pois há dous annos que vos não vejo, e tãobem de conversar comvosco sobre a mesma matéria, e de explorar os vossos sentimentos a respeito della; me tem feito entrar no projecto de tomar os meos banhos até 15 de setembro e partir então daqui para Condeixa com ânimo de estar por lá todo o mez de outubro; e depois disso voltar para cá, tendo visto tudo com os próprios olhos. Ainda não pedi licença; mas estou certo que ma não hão-de negar. Esta minha hida há-de ser depois de se terem recolhido a Santa Clara as tias de minha mulher, que não quero saibam deste meu projecto. Minha mulher não quer ficar cá só. A sua hida faz-me incómodo, mas não há outro remédio. Entretanto vou cuidando em dispor a arrumação das tias.

Sua Magestade continua com dores, e vigílias; mas não há moléstia de perigo.

Aqui me veyo hoje falar hum homem, dizendo-me, que se fala em prover bibliotecário dessa Universidade, e que hé hum irmão do corregedor dessa cidade; e que quem o patrocina, hé o Dezembargador Pissarro.¹⁸⁴

¹⁸⁴ António Ribeiro dos Santos viria a ser nomeado bibliotecário da Biblioteca da Universidade por Carta Régia de D. Maria I de 09.10.1777; era irmão do dr. João Ribeiro dos Santos,

Tudo isto me foi inteiramente novo; porque em tal couza não ouvi falar ao Sr. Marquez, nem a João Chrisóstomo, que não vejo há muito tempo.

Chegou navio do Brazil que traz a notícia de termos tomado o Rio Grande, e alem disso algumas missoens, que foraõ nossas.

Está a chegar de França hum navio, em que Joaquim Ignácio mandou vir dez mil estacas de amoreiras, sinco mil para si, e outras sinco para algumas encomendas que tem, e as mais para quem as quizer comprar. Se tendes alguma idea de plantação de amoreiras para criação de bichos de seda no prazo da Ega, que dizem ser sítio próprio; não será fácil haver outra occazião de provimento de estacas, que vem muito mais cedo; pois não hirá mais navio a buscá-las; e feita a primeira plantação, por cá se hiraõ depois com mais vagar adquirindo mais plantas ou fazendo sementeira. Este género de plantação faz muita conta; mas há-de ser havendo fábrica grande.¹⁸⁵ Os Sás querem plantá-las na quinta de Várzea. Anticipo esta notícia porque assim o pede a occazião, mas somente para o cazo, em que tendes algumas ideas dessa espécie de agricultura.

O abalo das sangrias não me permite mais escrita. Fico pedindo a Deus vos dê a saúde, que vos dezejo, e a mim muitas ocazioens, de vos dar gosto, como

Irmão o mais amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa 20 de julho de 1776

[na margem inferior, em adenda]:

Se ahi estiver o P.^e Mestre Fr. Joaquim dai-lhe lembranças minhas e que as mande tãobem para Condeixa, para onde não posso escrever por estar sangrado, ainda que com bom successo.

40 - 1778, janeiro, 17, Lisboa

Mano muito do meu coração. Hoje me forão entregues duas cartas vossas, huma vinda pelo correyo, e outra pelo Dr. Jozé da Fonseca e Silva. Ambas me encheraõ de gosto pela certeza da vossa saúde. Por cá não há novidade.

formado em Leis pela Universidade de Coimbra, em 1755. É de sua autoria a "Minuta para o Regimento da Livraria da Universidade de Coimbra", localizado no cod. 4676 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Este texto foi já publicado por MOTA, 1991: 197-228.: 2.

¹⁸⁵ O Filatório de Chacim (c. Macedo de Cavaleiros) é um dos exemplos de sucesso da instalação das fábricas de seda. O séc. XVIII foi fértil na criação de unidades de produção de seda que pressupunham a plantação de amoreiras.- v. notas 113 e 114.

Pelo correyo passado deixei de escrever-vos, porque me seguraraõ, que partia o Amaral no domingo; mas fazendo a carta incluza para elle levar, a mando neste correyo, porque ainda se não sabe, quando elle há-de partir.

Tem-se tratado sobre alguns negócios da Universidade, e sey que alguns forão remetidos ao Dezembargo do Paço para consultar ouvido o Procurador da Coroa, e estes são os que respeitaõ às conezias das Sés Novas, e o Visconde¹⁸⁶ disse ao Godinho que fizesse de procurador delles. O das igrejas de Braga não está bem assombrado. O Visconde dezeja, que vença a Universidade, e o mesmo quer o Bispo de Penhafiel, que foi, e hé presente-mente Arcebispo de Tessalónica com 10 mil cruzados de renda, o Palácio de Penhafiel, e a Quinta da Mitra. Porém sem embargo disso vai o dito negócio a perder-se.

Apareceraõ final [sic] os requerimentos sobre a igreja da Cumieira, hum em nome do Arcebispo, e outro do Cardozo. Mandou-mos o Visconde hon-tem para para que eu os veja, e lhe vá segunda-feira falar sobre elles. Ainda não pude vê-los, mas parece-me, que vi, que quando o Ministério mandou sustar a renúncia, já o Papa tinha feito a graça da aceitação della, e se havia posto o *fiat* na súplica, o que basta para dar o direito, que na Bulla depois concedida à Universidade se rezalva. Isto porém ainda hé dito quaze de cor. O modo, com que se trataõ os negócios não hé bom. Mas que remédio! Todos padecem, e os primeiros, que padecem, são os mesmos Ministros de Estado. Hé necessário não tomar as couzas a peito. Tudo isso, que me dizeis, vos aflige, não deve fazer-vos impressão, e merece ser tratado com hum ar de ridículo, porque não hé injúria feita a pessoa; hé sistema do presente governo, e não há quem não passe por ahi.

Agradeço a promessa de remessa dos Mapas. Hoje escrevi pedindo a re[s]posta, que esperava sobre o prazo de António Teixeira Álv[a]res. Hé digno de não esquecer.

Farei as recomendaens para o Brazil.

Estimo se doutorasse o irmão do demonstrador.¹⁸⁷

Suas Magestades vão depois da manhã [i. e. de amanhã?] para Salvaterra. Não tenho lembrança de outra couza, que tenha de dizer-vos. Peço a Deus

¹⁸⁶ Deve tratar-se de referência a D. Tomás Xavier de Lima e Vasconcelos Brito Nogueira Teles da Silva, Visconde de Vila Nova de Cerveira (1754-1781). As alusões às conezias das Sés têm aqui lugar por a Universidade de Coimbra nomear os que ocupavam os cargos de cónegos magistraes e doutorais de diversas Sés, em todo o país.

¹⁸⁷ Era então demonstrador da cadeira de Anatomia, da Faculdade de Medicina, o brasileiro José Correia Picanço (natural do Recife), mas não foi identificado qualquer irmão que tivesse sido doutorado na Universidade.

vos conserve a vida, e saúde, e fico pronto para dar-vos o gosto em tudo, como

Vosso amantíssimo irmão e obrigado
Azeredo Coutinho

Lisboa 17 de janeiro de 1778

[em adenda, no final da carta, na margem inferior]:

Pelo que vejo, ainda Jozé Joaquim Vieira Godinho¹⁸⁸ não partirá tão depressa.

41 - 1778, agosto, 8, Lisboa

Mano muito do meu coração. Faltou-me neste correyo carta vossa, mas como soube que ficavas de saúde, isto bastou para consolar-me. Por cá tenho de participar-vos a grande novidade de me ter Sua Magestade feito a mercê de Dezembargador do Paço conservando o lugar de Procurador da Coroa. O Decreto está já lavrado, mas ainda se não publicou, nem se publicará se não talvez por toda a semana, que vem, porque o despacho hé grande, e envolve muitos despachos que querem que sahão todos juntos. Hoje se deu o mesmo despacho do Dezembargo do Paço a João de Oliveira Leite¹⁸⁹ por decreto singular em atenção a ser secretário del Rey. Está feito outro decreto em que se faz a mesma mercê a Jozé Alberto Leitão, Manuel Gomes Ferreira, Jozé de Vasconcelos e Souza, e João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. Não me canso com dizer o que sey dos outros despachos, porque hé tarde e chego da caza do Marquez, onde soube o que digo. Dou muitas graças a Deus, porque não faltarão sustos já de não entrar no despacho, e ficar Procurador da Coroa, já de ser Dezembargador do Paço, e não ficar Procurador da Coroa. Tudo porém se venceu com a ajuda de Deus.

A Sr.^a D. Maria passa sem novidade, e se vos recomenda. Os Meninos passão bem, e Manoel já está em caza da estrangeira. Pelo correyo passado não pude escrever-vos e por isso não vos disse que tinha hido ver os Senhores de Palhavã,¹⁹⁰ que me receberão com muita honra e agasalho, encarregando-me de vos mandar da parte delles muitos agradecimentos aos muitos

¹⁸⁸ José Joaquim Vieira Godinho (natural de Ouro Preto, Brasil) – v. nota 147, referido ainda em outras cartas.

¹⁸⁹ João de Oliveira Leite de Barros, desembargador do Paço, deputado da Mesa da Consciência e Ordens.

¹⁹⁰ Referência a D. António e a D. José filhos ilegítimos de D. João V que residiam em Palhavã, no palácio do Marquês do Lourical. Foram desterrados de Lisboa em 1760, para o Mosteiro do Buçaco, tendo dali regressado apenas em 1777.

obzéquios, que lhe fizestes, e dizendo mil bens de vós. Eu ainda não fui lá segunda vez; mas brevemente vou. Sey que dizem muito bem de vós.

Chegou Seabra muito magro e queimado.¹⁹¹ Porém veyo bom. Tem sido tratado de Excelência pelos Ministros de Estado. Foi logo a Queluz, onde foi bem recebido de Suas Magestades. Tem sido buscado de todos e o povo o recebeu com o mayor alvoroço possível. Não se duvida da restituição de honras, e creyo que tãobem de ordenados. Duvida-se porém do exercício do lugar. Espero por carta vossa para elle.

Basta por hoje; não se publique ainda a notícia dos despachos. Fico à vossa obediência como

Irmão muito amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa 8 de agosto de 1778

[em adenda, na margem inferior]:

Por occazião do despacho não fui ainda para as Prayas.

As manas de Marvila¹⁹² acabarão as suas prelazias: mas o Patriarca nomeou Micaela¹⁹³ vigária *in capite* para continuar, e a Helena¹⁹⁴ também Prioreza. Estas as novidades. Não há notícias do Rio.

42 - 1778, agosto, 15, Lisboa

Mano muito do meu coração. Pelo correyo passado vos noticiei do meu despacho para o Dezembargo do Paço, conservando o lugar de Procurador da Coroa. Agora acre[s]cento que os decretos baixaraõ quinta-feira última assinados por Sua Magestade, e por não se terem registado, e a sexta-feira seguinte ser feriado, ficaraõ para hir ao Dezembargo do Paço na segunda-feira próxima 17 do corrente. Porém na quinta-feira depois de acabada huma Junta, que nessa tarde houve por ocazião do Novo Código de Leys, publicou os ditos despachos o mesmo Visconde, e se fizeraõ públicos, e da Secretaria de Estado me tratão já como Dezembargador do Paço. Tomaremos posse quarta ou sexta-feira. Não sey dar as graças, que devo a Deus por este próspero passo da minha fortuna.

¹⁹¹ Referência ao regresso a Lisboa de José Seabra da Silva. Fora Secretário de Estado do Marquês de Pombal desde 1771 até 1774, ano em que foi afastado da corte, tendo sido desterrado para o Brasil e depois para África. Na origem do seu afastamento tem sido aventada a incompatibilidade e intrigas palacianas do cardeal patriarca de Lisboa, D. João Cosme de Cunha (1715-1783), Cardeal de Cunha.

¹⁹² Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Marvila (Lisboa), da Ordem de Santa Brígida, onde residiam, como religiosas, as irmãs de D. Francisco de Lemos.

¹⁹³ Micaela Joaquina Pereira de Faria e Lemos.

¹⁹⁴ Helena Josefa de Andrade Sotto Maior Coutinho.

Não tenho frequentado muito a Seabra porque as minhas occupaçoens não o permitem. Tenho-o porém buscado algumas vezes, e estado já com elle devagar. Disse-me, que tinha recebido huma carta vossa, mas não sabia por quem, e eu lhe segurei, que não fora por minha via. Não me perguntou por vós nem me falou mais a vosso respeito, e nem do meu cazamento, filhos, etc. Falla pouco, e mostra viver bastantemente possuído de melancolia, ainda que elle trabalhe por disfarçá-la querendo uzar do seu génio festivo.

Não lhe observo porém falta, nem deterioração alguma de juizo, antes sim a mesma viveza antiga; e as faltas de civilidade ou podem provir de melancolia, ou de alguma frialdade, em que tinhão posto o seu espirito para comnosco. Elle sempre me faz entrar logo, como em outro tempo. Os grandes obzéquios, que teve, o fizerão entrar com ar de Secretário de Estado, e no mesmo se tem posto a sua família. Porém como o despacho se demora; muita gente vai desconfiando, já não tem tantas vizitas, e se lhe observa bastante melancolia. Antehontem foi com toda a sua família para as Prayas, onde a Sr.^a vai tomar banhos.¹⁹⁵

Está provido o canonicato do Porto no Cacheta¹⁹⁶. Hé necessário que cuideis em informar o requerimento dos frades para aumento do ordenado das cadeiras, sobre o que direi mais devagar, e dirá tãobém João Crizóstomo, que tem recado do Visconde para vos dar.

Escrevi ao Marquez de Angeja,¹⁹⁷ ao Visconde¹⁹⁸ e ao Bispo de Penhafiel, dizendo-lhe que eu vos referi quanto lhe devo no meu despacho, e agradecendo-lhes a todos o fazerem desterrar as dificuldades, que havia contra elle, etc. Porque tudo isto agrada. Escrevi tãobem a Jozé de Vasconcelos, e não fique sem carta Luíz de Vasconcelos, ao qual podeis dizer, que pelas infinitas occupaçoens do vosso reitorado não poderes até agora satisfazer a essa diligência, e rezervastes para agora.

O Colégio de S. Paulo requer se lhe declare o modo, porque hão-de fazer os exames para os colegiais que entrarem nas becas, e anda nisso Luíz

¹⁹⁵ Novamente, são feitas referências ao regresso de José Seabra da Silva, após o seu afastamento da corte em 1774, bem como a referência aos banhos de mar, já então muito comuns, referindo-os novamente em carta de 19.08.1778.

¹⁹⁶ Francisco Pereira Cacheta, cónego magistral da Sé do Porto.

¹⁹⁷ D. Pedro José de Noronha Camões de Albuquerque Moniz e Sousa (1716-1788) foi 3º Marquês de Angeja e 4º Conde de Vila Verde. Após a queda do Marquês de Pombal, ascendeu a presidente do Real Erário, em 1777 e a chefe do governo, já no reinado de D. Maria I.

¹⁹⁸ Poderá tratar-se de referência ao Visconde de Mesquitela, D. José Francisco da Costa de Sousa e Albuquerque (1740-1802) que recebeu o título de 1º Visconde de Mesquitela, concedido pelo rei D. José, em 1754, mas também pode ser referência ao Visconde de Vila Nova de Cerveira, já mencionado em outras cartas anteriores.

António Furtado, pedindo, que interinamente se lhes deixe seguir o mesmo método antigo. Seria bom prevenir esta negociação, assentando lá nas Congregações das Faculdades¹⁹⁹ no melhor modo, e dando conta. Sobre o modo parece-me, que assim como o que quer doutorar-se, defende no respectivo tezes de todas as disciplinas do curso; o mesmo exame se deve fazer ao que se habilita para as becas, que abrem a porta para o magistério, pensando-se no modo mais próprio do dito exame.

Estimo, que haja quem tire a planta do Paúl de Fermozelhe. Hé necessário ver, se o rio fica mais alto que a vala, e neste cazo até onde se deve continuar a valla para se meter no rio mais abaixo porque sem isso não se pode enchugar [sic] o Paúl, e será bom comprar algumas terras vizinhas.

Não há mais que dizer, nem tempo para isso. Fico com grande dezejo de dar-vos gosto como vosso irmão muito amante e obrigado

Azeredo Coutinho

[em adenda]:

As manas Micaela, e Helena tornaraõ a ficar Preladas de Marvilla.

Lisboa 15 de agosto de 1778

[na margem superior da 1.^a fl., em adenda]:

Se vos resolveres a hir tomar banhos em Fermozelhe, ou sem esse fim lá estiveres alguns dias; hi-de alguma vez à Quinta de Pereira, lançaí os olhos sobre aquelle sítio, e fazei o vosso plano para a abertura das ruas, e de algumas em que se plantem árvores silvestres, e sítio para cazas.

Na abertura do poço para achar água; parece que só se deve cuidar na primavera.

43- 1778, agosto, 19, [Lisboa]

Mano muito do meu coração. Pelo correyo próximo passado vos escrevi, e ainda que o fiz com pressa, persuado-me, que não faltei com re[s]posta a todas as matérias de vossa última carta, que della necessitavaõ. Agora quarta-feira de manhã, que está a partir o Amaral, só vou a repetir-vos os meos ardentes dezejos, de que continueis a passar com saúde, e que uzeis do remédio dos banhos para com elles vos pores a salvo de todo o detrimento que ella pode ter recebido, e vir a receber do excessivo trabalho do

¹⁹⁹ Referências às reuniões dos professores de cada Faculdade designadas por congregações. Existem no Arquivo da Universidade de Coimbra as diversas séries documentais de *Livros de Atas das Congregações* de cada Faculdade, que foram publicadas em 1984, por iniciativa de Manuel Augusto Rodrigues, por ocasião do II Centenário da Reforma Pombalina, pelo menos as que dizem respeito ao período cronológico até 1820.

anno acadêmico, do qual hé sem dúvida, que convém muito respirar por algum tempo no campo, para se poderem adquirir novas forças para as fadigas do anno próximo, que tãobem não serão poucas, como entendo.

Nesta caza não há novidade em matéria de saúde. A Sr.^a D. Maria vai passando da mesma sorte, e se vos recomenda muito agradecida a vossa lembrança. Manoel está já há 17 dias em caza da estrangeira, onde vai dando provas da sua esperteza, e do seu talento.

Ante hontem segunda-feira 17 do corrente baixarão ao Dezembargo do Paço os despachos, de que vos remeti a lista pelo correyo passado, e entre elles baixou tãobem o meu para Dezembargador do Paço conservando o lugar de Procurador da Coroa. Immediatamente fiz expedir a carta que actualmente está na assinatura de Sua Magestade. Duvido, que hoje se ponha corrente para tomar posse por lhe faltarem ainda os registos da Chancelaria, e das Mercês. Pelo que me parece, que tomarei posse no sábado, por ser amanhã dia feriado, e o dia seguinte, de beija-mão pelo aniversário do nascimento do Príncipe.²⁰⁰ Não sey louvar bastantemente a Deus por me ter auxiliado neste tão substancial passo da minha vida, e da minha fortuna, e concorrido, para que nelle se salvasse tão visivelmente a minha honra, e a minha utilidade, apesar da numeroza multidão dos meos émulos, que tantos vaticínios publicavaõ em dezabono da minha reputação, e contra os meos interesses. Tem-se trocado as indiferenças em obzéquios. Deus me dê vida, e saúde para poder tirar do dito despacho os interesses e conveniências lícitas, que delle podem rezultar em benefício da nossa família, e de vossos sobrinhos. Não tem sido pouco chegar a Dezembargador do Paço com o lugar de Procurador da Coroa em menos de 9 anos de Dezembargador da Suplicação e juntamente com ministros que já erão agravantes há muito anno, quando eu fui nomeado extravagante para a mesma Caza e chegar ao referido despacho quando os inimigos formavaõ diferentes juízos, e levantavaõ horóscopos contrários.

Tomada a posse do dito lugar março logo para a Quinta das Prayas, a aproveitar o pouco tempo, que ainda me resta para o uzo dos banhos.

Remeto as Gazetas Portuguezas²⁰¹ que podem hir com regularidade o que não succedera com as de Amsterdão, porque me vem sem ella; mas se tãobem as quizeres, hirão à proporção do tempo em que eu as receber.

²⁰⁰ Alusão ao aniversário de D. José Francisco, nascido em 21 de agosto de 1761. Este primeiro filho de D. Maria I, o Príncipe da Beira, faleceu em 11 de setembro de 1788, permitindo a ascensão de seu irmão, o futuro D. João VI.

²⁰¹ A "*Gazeta de Lisboa*" que retomara a sua publicação em 4 de agosto de 1778, depois de ter sido suspensa, em junho de 1762, por decisão do Marquês de Pombal.

Há muito tempo que não falo a Martinho de Melo.²⁰² Mas hontem lhe falei, e vos manda recados. Hé muito vosso apaixonado, e tãobem me faz muito favor.

O Cardeal de Cunha²⁰³ fica sangrado por huma efervecência [sic] de sangue, mas não há couza de cuidado.

Dos despachos que leva o Amaral não tenho notícia certa.

Vai essa petição de António de Abreu, que hé afilhado do P.^e Fr. Bernardo companheiro do Bispo de Penhafiel, e muito empenhado pela feliz concluzão desse negócio, o qual parece estar em termos de se poder fazer. Mandai logo examinar esse negócio, e tomar as informações necessárias para elle, e avizai com alguma re[s]posta para eu dar ao dito P.^e. Hé certo, que a Universidade não convém conservar quintas de renda, e hé melhor aforá-las, e segurar o foro <e laudémios>, e dizem, que essa se tem já deteriorado muito e vai arruinar-se. Eu tenho sido obrigado ao Bispo de Penhafiel, e Fr. Bernardo tãobem me faz seos agazalhos e se mostra vosso apaixonado, e amigo.

Não me lembra outra couza por hora, havendo muitas, e do meu interesse. Fico com grande dezejo de dar-vos gosto em tudo como

Mano muito amante e obrigado

Azeredo Coutinho

19 de agosto de 1778

[na margem superior da 1.^a fl., em adenda]:

Jozé Pimentel Nogueira de Fermozelhe hé quem sabe as terras, que tem a caza em Fermozelhe, e no Paúl do dito lugar.

Nada que acre[s]centar sobre Jozé de Seabra, o qual está nas Prayas para acompanhar a mulher, que toma banhos. Dizem, que está melancólico e assim me parece, posto que elle faz, quanto pode para disfarçar a melancolia.

44 - 1778, agosto, 22, Lisboa

Mano muito do meu coração. Esperava pelo presente correyo r[es]posta vossa à primeira carta, em que vos participei a gostosa notícia do meu despacho para o Dezembargo do Paço conservando o lugar de Procurador da Coroa. Porém chegou o dito correyo, e nelle não recebi carta nem notícia

²⁰² Martinho de Melo e Castro, Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros.

²⁰³ D. João Cosme da Cunha (1715-1783), Arcebispo de Évora, Inquisidor geral, elevado ao cardinalato em 1770.

alguma vossa. Isto me fez desconfiar da entrega de minha carta, por entrar na desconfiança, de que se perdesse, ou demorasse no correio por ter sido mandada por elle já tarde. Agora porém me certifiquei do contrário por huma carta, que ao fazer desta recebo de meu sogro, na qual me certifica ter recebido a carta, que fazia objecto de minha desconfiança, acrescentando, que estivera comvosco em Coimbra, e que reciprocamente se havia communicado entre ambos o segredo, que a ambos participara. Por aqui vim a conhecer, que tãobem a vossa carta não teve descaminho, e que meu sogro sempre soube mais por ella, do que eu lhe revelara; pois não lhe tocava na matéria de dificuldade de conservação do lugar de Procurador da Coroa, a qual somente havia julgado conveniente declarar-vo-la; e mais ninguém.

Pelo correio passado vos avizei que o despacho baixaria ao Desembargo do Paço na segunda-feira 17 do corrente, o que assim succedeu, e deste posterior successo já verificado levou o Amaral a notícia. Hoje sábado 22 do corrente tomei posse do lugar de Desembargador do Paço e já não morrerei sem este sacramento. Fica-se passando a carta do Conselho, e amanhã vem aqui o Holbeche²⁰⁴ para se tratar do filhamento.

Meu sogro me diz, que até o dia de hontem sexta-feira passavas a descansar [sic] dos trabalhos do anno académico nas cazas de Condeixa. Estimarei, que a liberdade do campo, e a respiração de hum ar mais puro, vos communique novos alentos para as fadigas do anno próximo futuro. Pelo que infiro, não vos rezolvestes a uzar do remédio dos banhos. Queira Deus que vos não fação falta. Eu fiquei aqui parado primeiramente pela necessidade de promover o meu despacho e depois pela necessidade de satisfazer aos cumprimentos, que elle faz necessários. Amanhã hei-de hir aos Snores. de Palhavã,²⁰⁵ e até terça-feira seguinte vou infalivelmente para as Prayas, onde está Jozé de Seabra, em cujos despachos se não fala por hora.

Hontem entraraõ as naos de guerra, que estavaõ no Rio de Janeiro, e sahiraõ com outros navios, que se separaraõ depois e ainda não chegaraõ. Trazem a notícia de estarmos de posse da Ilha de Santa Catarina.²⁰⁶ Entendo, que em algum dos referidos navios virá Vasco, e os filhos do irmão de João Manoel. Porém nada sei ainda. Só sim recebi huma carta de 8 de março, que me certifica viverem os nossos.

²⁰⁴ Duarte Alexandre Holbeche (ca. 1730-1787), filho de José Vitorino Holbeche, natural de Lisboa, foi professor substituto da Faculdade de Leis, entre 1772 e 1778. Foi Desembargador da Relação do Porto e também da Casa da Suplicação.

²⁰⁵ V. nota 190.

²⁰⁶ Depois de ter estado ocupada pelos espanhóis, entre 1763 e 1777, a Ilha de Santa Catarina, no Estado de Santa Catarina (Brasil) foi reconquistada pelos portugueses, em 1778.

Vão as Gazetas²⁰⁷ últimas, portuguezas, e se quizeres as de Amsterdão²⁰⁸, hiraõ com a mesma irregularidade, com que me vem. Vai a petição do afilhado do P.^e Fr. Bernardo, companheiro do Bispo de Penhafiel, que esqueceu na carta que levou o Amaral.

Por hora não sei mais novidade. Fico com a mayor vontade de dar-vos gosto em tudo como

Irmão muito amante do coração
Azeredo Coutinho

Lisboa 22 de agosto de 1778

[na margem superior, em adenda]:

São cá muito necessários aquelles papéis todos, que Tomaz de Freitas entregou ao mano pertencentes a aquella [sic] matéria, que sabe. Lá escrevo hoje ao Colégio de S. Paulo dando-lhe parte de meu despacho. Dezejo saber se faz alguma demonstração, como a colegial.²⁰⁹

45 - 1778, agosto, 29, Quinta das Prayas

Mano do meu coração. Há dous correys que vos tenho participado a notícia do meu despacho, quando ainda parava na Secretaria, alem de terceira carta, em que vos avizei de ter já baixado ao Dezembargo do Paço; e nada tem sido bastante para me fazer conseguir huma re[s]posta às ditas três cartas. Como porém estou certo, que isso não pode proceder de olhares com indiferença para o dito despacho, que estou bem certo haveis de ter estimado, cá vou tragando o dissabor da falta de letras vossas, com toda a rezignação possível; pois assim como nas occasioens de desgostos serve de consolação haver quem ajude a sentir, e tome parte nos pezares, tãobem nas de gosto se estima, e crece o preço dellas, vendo-se difundir o mesmo gosto a mayor número de pessoas, e principalmente quando essas são as que mais se estimaõ.

Neste correyo me diz meo sogro, que fostes na sexta-feira a Condeixa, e que no sábadò vos retirastes a Coimbra. E Gaspar Honorato²¹⁰ me comu-

207 Referência à *Gazeta de Lisboa* cuja publicação fora retomada em agosto de 1778.

208 A *Gazeta de Amsterdam* foi fundada em 1675 por judeus de origem ibérica e publicou-se até 1699, em espanhol, de acordo com BARATA, 1975: 287-288, pelo que não é a publicação que aqui está em causa. Deve tratar-se da *Gazette d'Amsterdam*, de título semelhante, publicada em francês na data em questão.

209 Era habitual o Reitor e colegas do Real Colégio de São Paulo, de Coimbra, enviarem as saudações pela tomada de posse, em cargos públicos, dos seus antigos colegas. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho fora colegial deste Colégio enquanto residiu na Universidade de Coimbra, como professor.

210 Referência, certamente, a Gaspar Honorato da Mota e Silva, secretário da Universidade.

nicou, que seu irmão lhe avizou, que ficaras com um defluxo, que vos tinha cauzado dores em todo o corpo. Queira Deus que não tenha sido alguma espécie de reumatismo, porque costumaõ ser impertinentes. Para me livrar do cuidado, que isto me cauza, dezejo com impaciência a vinda do Amaral.

Por cá não há novidade em saúde. Terça-feira vim dormir a esta quinta das Prayas, quando já o tempo não corre próprio para banhos, porque já tem chovido, ainda que pouco, e tem havido trovoadas, sendo fortíssima huma, que houve na quarta-feira em cuja manhaã houve tãobem um terremoto pelas duas da madrugada, que poz em agitação muita gente em Lisboa. Hontem, e hoje porem tenho tomado já dous banhos.

Quinta-feira entrou hum navio do Rio, no qual veyo o nosso Vasco filho do mano Clemente,²¹¹ acompanhado de hum preto chamado Calisto, e de hum mulatinho pequeno forro, que vem a título de seu criado, e hé afilhado das manas do Desterro,²¹² que se empenhaõ comnosco, para que no serviço de Vasco estude, e se forme em Medicina. Vieraõ tãobem dous sobrinhos de João Manuel e hum meyo irmão delles por parte de may. O Vasco <está em 11 annos>, hé claro, e loiro, e não hé torpe. Sabe já construir, e tem capacidade. Os outros dous vão em 13 e 14 anos, são já homens, e tem fortes pernonas [sic], e estão muito atrazados. O pay os manda para o Collégio dos Nobres. Eu tenho vontade de que vão para lá, mas a figura delles me faz receyar, que sejam lá muito metidos à bulha pelos outros. Não sey o que será melhor fazer. O irmão delles há-de hir para Coimbra, e para separá-lo dos outros convirá, que estes fiquem no Collégio.

Remeto as cartas, que trouxe Vasco, o qual pelo correyo seguinte vos renderá a sua obediência. Ignácio não tem adiantado cousa alguma no seu grande négócio. Diz-me, que Gregório tem ajustado a filha com o João Correa militar, que lá foi servir no regimento do Porto, e que isso ficava para se declarar. Cuido, que este militar hé filho de Sebastião Correa de Sá, e que tomou o Dom do avô materno; mas não tenho notícia alguma certa. Diz-me que está disposto a cuidar nas novas plantaçoens. No mais não me diz couza notável.

De mim não posso dizer mais; porque me tomaraõ a tarde. Seabra não tem feito couza alguma, nem tem esperanças. Tenho por certo, que se quizer hir por Ministro para alguma corte, poderá ser atendido. Elle esteve aqui hontem comigo toda a tarde, e grande parte de noute.

²¹¹ Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Melo, governador do Maranhão.

²¹² As irmãs de D. Francisco de Lemos e de João Pereira Ramos, religiosas no Convento de Nossa Senhora do Desterro (Rio de Janeiro) depois designado Convento de Santa Teresa e antes apenas Recolhimento do Desterro, fundado na Chácara da Bica, adquirida por seu pai o capitão-mor Manuel Pereira Ramos de Lemos e Faria.

El Rey teve terça-feira e quinta duas cezoens, pelo que se espera, que se recolherá com brevidade ao seu Palácio da Ajuda.

Fico com a mayor vontade de dar-vos gosto, que hé possível, dezejando sempre mostrar-vos o muito que sou

Vosso irmão muito amante e obrigado

João Pereira Ramos²¹³

Quinta das Prayas, 29 de agosto de 1778

[na margem superior, em adenda]:

Lembro o negócio da petição de António de Abreu afilhado de Fr. Bernardo companheiro do Bispo de Penhafiel.

O Cardeal Reg. (?) teve hum pequeno ataque, que lhe entortou hum olho, mas foi pouco forte. Uza dos banhos das Alcaçarias.

Estive terça-feira com os Senhores de Palhavã, que me tornaraõ a repetir o muito que vos saõ obrigados.

46 - 1778, setembro, 5, Quinta das Prayas

Mano muito do meu coração. Graças a Deus, que já tive o gosto de ver letras vossas; e bastando a simples vista dellas para me cauzar alvoroço, principalmente depois de tão repetidas faltas, ainda mais me satisfizeraõ, pela certeza, que me trouxeraõ de haver-se minorado o vosso defluxo, e de terem deixado de afligir-vos os flatos que vos haviaõ cauzado dores em todo o corpo. Estimo, que tomasses a rezolução de sahir de Coimbra, o que há mais tempo deveras ter feito, por ser o presente mez de setembro; que só resta já das férias, hum mez, que costuma em muitos anos ser invernozo. Já agora muito poucos banhos tomareis, mas sempre vos há-de servir de muito hir respirar novos ares em Fermozele.²¹⁴

Eu aqui continuo a estar no Sítio das Prayas, onde tenho tomado sete banhos; hontem porém, e hoje interrompeu-me o uzo delles o dezabrimento do tempo ventozo, e chuvozo. Cedo começou o inverno, mas espero, que não durará muito a internada, e que ainda poderei continuar com os banhos, que tenho principiado. Toda a família passa bem; e a Snr.^a D. Maria se recomenda na vossa lembrança agradecida às vossas atençoens. Já vos avizei que tinha chegado Vasco, e os sobrinhos de João Manoel Pinto Coelho, e

²¹³ Utiliza, pela primeira vez, forma diferente da habitual de subscrição: Azeredo Coutinho.

²¹⁴ Antiga designação de Formoselha, lugar da freg. de Santo Varão, c. Montemor-o-Velho. Pertenceu aos bens da Mitra Episcopal de Coimbra, tendo estado integrado no Couto de Santo Varão. Foi igualmente couto, antes de ser anexado a Santo Varão.

que todos aqui estão nesta quinta, onde também se acha Jozé Joaquim da Cunha,²¹⁵ que diz parte para essa Universidade até 20 do corrente; e Francisco de Macedo, que afirma estar para embarcar para o Rio de Janeiro.

El Rey tem estado com cezoens, pelas quaes se vio precizado a uzar do remédio de sangria; mas já fica bom. O sítio de Queluz não tem provado de sadio no mez de agosto. Porém ainda se não sabe, quando se recolhe a corte para o de Nossa Senhora da Ajuda. Recebi o papel, que me mandastes. Quanto ao descobrimento do Tomaz eu me persuado, que não hé conforme a verdade. Porém sendo ajudado, poderia servir. Hé porem dificultozo o adjutório de que necessita. Elle representa a couza como certa, eu nem provável a acho. A razão por que não vos respondi logo a esta matéria, hé porque semelhantes re[s]postas não são para cartas, e melhor se reservaõ para a vista. Devo porém dizer-vos, que o papelinho, que veyo dado por elle agora, não hé só o que eu pedia. Peço também o instrumento, que elle vos entregou há hum anno, ou dous, o qual está em vosso poder, e posto nelle só pode prejudicar. Pelo qual peço, que o procureis, e que mo remetais na primeira ocaziãõ.

João Crizóstomo está agoniado com a grande demora do Amaral, e entendo, que dezeja muito cá a informação, que se vos mandou pedir sobre o requerimento do aumento de ordenados das cadeiras dos teólogos. Quinta-feira estive em Queluz com o Visconde, o qual me disse que tinha muito papel da Universidade, que propôs, mas que hia devagar, receyando algum desmancho.

Seabra partio deste sítio para o de S. Sebastião quaze de repente por se ter contispado nelle duas vezes; e porque a mulher depois do 11.º banho teve o ataque de hum defluxo, que a obrigou a suspendê-los. Tenho notícia de que continua a passar com alguma moléstia em S. Sebastião. Elle anda muito melancólico. Assenta-se geralmente que não entra no emprego, que largou. Entende-se, que o único meyo de remir-se hera o de alguma missão para as cortes estrangeiras. Mas para isto mesmo hé necessário que elle peça ao Marquez de Angeja, que o ajude, falando em geral, e esperando que elle lho proponha, petição que elle ainda não fez. Elle esteve aqui comigo huma tarde, e parte da noute e não mostra estar mal comnosco nem terá razão para isso.

Será boa ocaziãõ de tomares conhecimento das terras que há no Paúl de Fermozele.

²¹⁵ José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (1742-1821) era primo de D. Francisco de Lemos. Estudou na Faculdade de Cânones, desde 1775, mas só conclui a licenciatura em 1785. Viria a ser Bispo de Pernambuco (1795) e depois nomeado Bispo de Bragança-Miranda em (1802), cargo que não chegou a ocupar, tendo sido posteriormente Bispo de Elvas (1806).

Lembro o negócio de António de Abreu afilhado de Fr. Bernardo, o qual quinta muito me perguntou por elle, e me encarregou de dar-vos recomendações suas. Não há tempo para mais. Fico à vossa disposição como

Irmão muito amante do coração

João Pereira Ramos

Quinta das Prayas, em 5 de setembro de 1778

[Na margem superior, em adenda]:

No correyo passado recebi por Fr. Damião huma carta de Jozé Innocêncio, na qual me diz, que elle condescendera com a nossa vontade nas cartas de 6, e de 7 de julho do anno passado, que as nossas occupaçoens erão tão notórias, que nos não dava lugar a que nos lembrássemos do que disséramos nas ditas cartas, e que por isso elle lembrava o seu negócio.

[Na margem superior da 1.^a fl., em adenda]:

O Colégio de S. Paulo respondeu-me com huma carta muito atenta; mas não fala em que fizerã as demonstraçoens, o que pode ser mayor atenção porque hé fazer sem dizer. Eu sempre devia dar parte.

47- 1778, setembro, 12, Quinta das Prayas (1.^a carta)

Mano muito do meu coração. Recebo pelo Ilheo huma carta vossa com outra que della hé suplemento; e antes della só tinha recebido outra pelo correyo passado. Estimo, que tomasses a resolução de hir para Fermozele, porque o sítio não hé mao para os passeyos do campo, de que tanto necessitais. Sinto porem que a chuva viesse fazer suspender, ou dar fim aos banhos que apenas principiastes a tomar. Ainda que se hei-de dizer a verdade, sabe Deus o que hé melhor; porque se haviaõ de vir atacar-vos algumas cezoens, melhor terá sido preveni-las não os tomando. Ellas têm sido neste anno muito geraes até por cá, e as atribuem aqui à excessiva abundância de melancias e meloens no meyo de huma grande falta das outras espécies de frutas.

Eu suspendi os banhos depois do sétimo, porem passados os três dias do tempo invernozo, continuei o uzo delles, e conto já doze, uzando de repetidas immersoens da cabeça, e todo o corpo, as quaes não prejudica o modo de hir para o mar na cadeira, de que uzo. A minha família passa bem e sem novidade.

Para a Universidade vai hum rapaz meyo irmão dos sobrinhos de João Manoel para cursar a Universidade. Este creyo, que ficara companheiro de outro novato do Pitanguí²¹⁶ filho de hum paulista homem de bem, e este

²¹⁶ Trata-se, certamente, de José Joaquim Carneiro de Miranda, que faria a sua matrícula no

hé por hora o meu parecer. Os sobrinhos de João Manoel vêm crecidotes sem embargo de só terem 13 e 14 anos. Estou na resolução de que vão para o Colégio dos Nobres, e quando lá não aproveitem, podem de lá sahir passado hum anno. Eles vêm miseráveis em matéria de estudos, porque nada sabem. Vasco há-de uzar dos apelidos de Fernandes Coutinho.²¹⁷ Sabe construir, e nada mais; não hé despiciendo de figura, porque ainda que não hé bonito, tãobem não hé hediondo, e hé claro, o que nelle hé mais estimável por excluir toda a prezunção que daria lugar a cor trigueira, suposto ser illegítimo. Ele não pode aprender nada aqui. Para estudar Filozofia, Retórica e Línguas, pode hir, ou para Mafra, ou para essa Universidade se vós o quereis lá, hirá, como e quando mandares. Se porém não gostais que vá já para lá, isso mesmo se fará, como determinares. Elle tem viveza, e talento. A fala ainda está com vícios do paiz; mas como só tem 11 anos com viveza, há-de perder logo os vícios. Com elle veyo hum mulatinho mais novo, que elle bem figuradito agregado a elle a título de criado, mas com o fim de estudar. Hé afilhado das manas do Desterro. Veyo tãobem o preto Calisto, mas este quer voltar com alliberdade, que tem merecido. Agora direis vós sobre a arrumação de todos os referidos o que vos parece.

Estimo, que para se cultivarem as terras do Paúl de Fermozelhe baste a abertura das vallas. A valla real estando aberta em cima acha-se com a água estagnada junto à ponte da Granja do Ulmeiro; se esta estagnação nace de estar entupida, e por abrir dahi para baixo, ou de outra cauza, e se se não cuida em abri-la dahi para baixo para se evitar que por ella mais aberta se não introduza no Paúl mayor abundância de água do rio, como lá dizem, eu o não posso decidir, porque nem passei da dita ponte para baixo. Será muito melhor, que baste a abertura das vallas. As terras, que a caza tem no Paúl são 25 ou 26 geiras, mas não todas juntas, porque entre humas e outras se metem outras alheyas. A inundaçào em que estava o Paúl quando lá estive não me permitio, senão, chegar à borda dellas. Para se conhecer a verdadeira pozição dellas, e das intermédias alheyas será necessário hum mapa topográfico do dito Paúl, e por meyo delle se poderiaõ ver as que se deverão comprar, e as que se podem trocar com as ditas intermédias. A matéria hé atendível, e tanto mais quanto mais fácil for a reduççào dellas a cultura; porque antes della se poderão ajustar com mais conta, e depois o

1.º ano Jurídico em 18.12.1778.

²¹⁷ Vasco Fernandes Coutinho, filho de Clemente Pereira de Azeredo Coutinho, só ingressaria na Universidade de Coimbra em 02.10.1782, ao fazer a sua matrícula no 1.º ano Jurídico. Atente-se na referência à cor da pele "*hé claro*" e a ser filho ilegítimo de seu irmão.

benefício que se fizer para humas aproveitará para todas. Este negócio hé de grande utilidade, e fará avultar muito a caza de Fermozelhe.

Quanto à quinta de Pereira parece-me muito bem tudo o que dizeis não só pelo que toca ao muito que avultará com a fazenda de João Pedro Pimentel desse lugar de Fermozelhe, mas tãobem a que necessita de hum feitor separado do de Condeixa por cuja conta corra tãobem a administração das fazendas de Fermozelhe. Tãobem me parece bem a mudança de caza se para por meyo della se gozar da vista do campo, basta edificá-las no sítio do pinhal, ou ao pé delle; porque essa vista hé muito digna de procurar-se; mas se hé necessário sahir para o sítio da Capela de Santiago, aonde hé que se descobre todo o campo de Mondego, e do Paúl de Tigueiro (?), e Fermozelhe, e onde está tãobem hum pinhal da caza, então não me parece tãobem. O pinhal sempre faz vontade de se conservar pelo tamanho dos pinheiros, que se não crião assim em muitos anos; e porque hé o que defende o pomar, posto que isto seria remediável de outro modo. O alto do sítio, em que está o dito pinhal, dava bom assento para as cazas, e podendo-se lá levar a água, e achar toda a necessária viria a ser grandíssima propriedade; e poderia criar-se nella muito gado. Porém, a base de tudo hé a compra da fazenda do Coelhal. O ponto estaria em ajustá-la; porque como a quantia não pode ser muito avultada, ainda se poderá avançar a ella se se podesse ajustar. Eu toco nisso a meu sogro neste correyo. Queira Deus que não succeda o que aconteceu com a fazenda das Mendes no sítio do Paúl de Anobra, que quando menos se esperava se achou vendido ao escrivão António Ignácio. Se as cazas de novo feitas no alto do pinhal grande não alcançarem a vista do campo, sendo térreas, talvez o alcancem sendo de sobrado. No caminho de Pereira para S. Verão no sítio mais aprazível pela vista está a quintinha, ou fazenda do Matoutinho sobre a qual há as dúvidas com os herdeiros do capitão António Pinheiro que querem valesse mais do que o preço porque se adjudicou para pagamento da dívida que se devia à caza de Pereira. Eu quero pôr fim a isso, consentindo que se ponha em lanços para se rematar a quem mais der, e quando não haja lançador, para ficar com ella pela dívida. Se aparecer lançador, com o preço della se compra o Coelhal, se não houver quem lance, fica a dita fazenda à caza de Pereira. Mas eu quizera antes ficar com a dita fazenda porque gosto do sítio, e na quintinha do dito Matoutinho há humas poucas de árvores de espinho, e tem água. Será bom cuidar do descobrimento de hum bom feitor para a Quinta de Pereira, e caza de Fermozelhe.

Estimo que me dizeis, vos escreveu Ignácio; e que os campos do Paúl já se não inundam. O preto Calisto me diz, que no último anno houve mil

bezerros de parição. Se assim hé, verifica-se hir o gado em aumento e crescerá ainda mais daqui em diante, visto que se não inundão os pastos, e que consequentemente não perecerá o gado com as enchentes, como em outro tempo succedia. A notícia de se terem feito 64 pipas de aguardente me hé agradável. Isso só basta para encher as fazendas de escravos, se se for repetindo o cuidado de se fazer nos annos seguintes toda a que for possível. Eu me temperarei com elle na primeira ocazião; porque já no anno pretérito vi algum fruto das minhas pregaçoens.

O dito mano²¹⁸ comprou mais hum engenho, que hé o chamado de Santo António. Quanto ao cazamento, nada tenho a acrescentar ao já dito. Pelo que toca ao foro, parece-me que se poderá armar (?) com os serviços de mestre de campo e as occupaçoens, e diligências extraordinárias de que o encarregou o Marquez de Lavradio, e a oferta que elle fez de servir com 50 homens à sua custa. Isto auxiliado com os serviços dos avós (?) para atenção, e alguma comtemplação vossa, e tambem minha poderá talvez bastar. Os bispos despachão-se com o foro para seos sobrinhos, mas não são todos os bispos. Hé necessário escrever-lhe, que peça ao Marquez de Lavradio certidoens de tudo o [sic] em que servio, e que com ellas se trabalhará o negócio; no qual e em todos os mais eu não tenho dúvida, nem farei reparo, em que façais com que se diminuão os despachos dos vossos serviços. Se o noivo da filha do Gregório vier para cá, haverá mais essa aliança próxima, que não será má.

A respeito de Seabra não tenho que acrescentar ao já participado. Eu o não vejo há tempos. Sey, que tem estado doente em S. Sebastião, e que há poucos dias sahe de caza. Creyo, que não tem adiantado os seos interesses. Elle vos respondeu já, e encarregou da entrega da carta a Tomaz de Freitas, que hoje partio de Lisboa.

Fr. Bernardo ficou muito obrigado com a promessa de aforamento da quintinha, que pretende o seu afilhado António de Abreu, e me disse vos participasse, que o rendeiro da dita quintinha a tem tratado muito mal, e até cortado árvores; que por isso está nos termos de se lhe não continuar novo arrendamento; e até de se despedir antes de findo o tempo d'elle; e que então dezeja elle, que o seu afilhado entre logo na dita quintinha, como

²¹⁸ Inácio de Andrade Souto Maior cujo filho, Manuel Inácio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho, seria o 1.º Marquês de Itanhaém. Também usou o nome de Inácio de Andrade Souto Maior Rondon, 1.º senhor da Casa de Mato Grosso, Senhor de Engenho, Mestre de Campo. Este Engenho de Santo António, em Jacutinga, agora citado, e adquirido em 1778, é referido, entre outros bens patrimoniais desta família, em RODRIGUES, 2013: 89, 114; acessível em <http://cursos.ufrj.br/posgraduacao/pphr/files/2015/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Ana-Paula-Souza-Rodrigues.compressed.pdf>

rendeiro; em quanto se não conclue o aforamento, que há-de levar tempo pela dependência que tem de prévias diligências, e exames.

Estimo, que escrevesses a estes senhores, que remetesses a vossa informação sobre os ordenados das cadeiras de Teologia, e que desses conta de ter acabado o vosso terceiro triénio. Luíz Manoel está há tempos no Estoril com a Marquessa de Angeja. Para lá lhe remeto a vossa carta, e quando elle se recolher, que não será daqui a muitos dias falarei no tom da vossa carta. Tãobem cuidarei em falar a João Chrizóstomo para saber do que há.

O Bispo de Faro, que há tempos está doente em Sacavém, escreveu huma carta a D. Diogo, na qual lhe dizia, que por ter notícia do Decreto, que vos foi para dar a razão, porque se não tinha executado o que se mandava no outro respectivo ao pagamento das proprinas dos canonicatos ao Secretário da Universidade, queria prevenir a Sua Ex.^a contra tudo o que vós dissesse contra elle; porquanto Sua Ex.^a bem sabia as razoes que havia para vós lhe seres seu pposto, e enemigo, e que pedia não se vos desse crédito em couza alguma, que dissesse contra elle. D. Diogo mostrou esta carta a Luíz Manoel fazendo della o cazo, que merece.

Amanhã se sagrão no Convento dos Remédios, o Bispo de Cochim²¹⁹, o de Portalegre²²⁰, e mais outro. Faleceu o célebre Pedro Teixeira criado e valido del Rey D. Jozé. Vai a gazeta última. Fr. Joaquim passa melhor. Luíz António escudeiro da Sr.^a D. Maria está atacado de hum estupor, que lhe poz leza toda a parte esquerda. O ataque foi domingo, e até agora apenas começa ter algum alívio, mas pouco.

Não me occorre outra couza. Fico com grande desejo de dar-vos gosto em tudo, como

Irmão muito amante do coração e obrigado
Azeredo Coutinho

Quinta das Prayas 12 de setembro de 1778

48 - 1778, setembro, 12, Quinta das Prayas (2.^a carta)

Mano muito do meu coração. Hoje partio daqui o nosso bom e verdadeiro amigo Tomaz de Freitas, com o qual conversei largamente sobre o novo descobrimento, que elle fez, e sobre tudo o mais, que convém fazer ao dito

²¹⁹ D. Frei Manuel de Santa Catarina Soares, OCD, Bispo de Cochim (1778-1785) e depois Arcebispo de Goa, (1784-1812).

²²⁰ D. Manuel Tavares Coutinho e Silva, Bispo de Portalegre de 1778 a 1798.

respeito, o que elle pessoalmente vos referirá. Hé muito necessário que vós procureis o instrumento, em que já vos toquei nas minhas cartas passadas. Porque nenhuma conta faz que elle se conserve entre os vossos papéis, e se veja. E sobre este ponto não tenho mais, que dizer-vos. A gravidade da matéria basta para a fazer bem recomendada.

O P.^e Fr. Damião confessor da Sra. D. Mariana de Sá me remeteo essa carta de Jozé Innocencio, que repete o seu negócio, por ver o pouco fruto da sua condescendência praticada há mais de hum anno. Eu dezejo vivissimamente acodir a isso; porque até hé vergonha saber-se disso em caza de Ayres de Sá, e por toda a sua família.

Peço-vos que olheis para isso, e que penseis no modo de se poderem haver de empréstimo quatro ou sinco mil cruzados para pagar a esse homem; e que entretanto lhe respondeis, ou faleis sobre essa matéria ao menos para o aquietar por alguns mezes. Os juros vencidos são avultados, porque só paguei os primeiros dous, ou três annos. Eu se tivera meyos por cá, bem podeis estar certo, que vos não falaria e que só o faço porque todos os que posso ter me são necessários para o meu sustento, e trato. Porém estou para fazer, quanto apontares, e poderes aconselhar-me. Lembra-me porem huma couza, e hé: que o amigo Thomaz de Freitas acaba de recolher huma pingue herança e que auxiliado della, e do seu crédito pode procurar esse dinheiro com o segredo e cautela possível, ou tomando-o sobre si e obrigando-nos nós a elle com hipoteca de fazendas para elle ficar seguro, e que deste modo pode-se tapar essa brecha, mudando a dívida de hum para o outro, e ficando agora com hipotecas, que até agora não tinha. O dito amigo há-de estar agora comvosco alguns dias. Se vos parecer, falai-lhe nisto, pois pode ser, que seja providência estar elle ahi nesta ocazião para vos livrares de procurar esse dinheiro em vosso nome.

O mesmo amigo me inculcou huma boa parelha de machos, de que eu muito necessitava, e com o seu costumado primor a mandou logo pagar sem eu lhe dar dinheiro para isso, e continuando com o dito seu excessivo primor até recuzava receber o pagamento de 300\$000, que custaraõ, mas cedeu às minhas instâncias, e recebeu-os.

Não tenho mais que dizer nesta, se não, que sou, como sempre

Vosso irmão muito amante do coração e obrigado

Azeredo Coutinho

Quinta das Prayas 12 de setembro de 1778

[em adenda]:

Não vai a carta de Jozé Innocência porque não a acho nesta occazião de fechar a presente; e não há tempo para procurá-la.

49 - 1779, janeiro, 9, Lisboa

Mano muito do meu coração. A certeza da vossa saúde, que acabo de receber na vossa carta do presente correyo, me fez conceber o costumado gosto, que com ella sempre recebo, e só me deixa para dezejar nesse género a continuação dessa estimável felicidade. Por benefício de Deus todos passamos nesta caza sem novidade em matéria de saúde. A Sr.^a D.^a Maria estima infinitamente, que passeis bem, e se recommenda a vossa memória.

Pelo correyo Bernardo não vos pude escrever; porque quando me avizou, foi na última hora, tempo em que eu estava impossibilitado para escrever. Pela carta de João Crizóstomo tereis sido informado do mais substancial acerca das couzas da Universidade. Luíz Manoel me disse tãobem, que vos escreveu por hum próprio, que de cá se mandou a Manoel Joaquim por occazião dos embaraços, que lá se pozeraõ a graduar-se o irmão; avizando-vos do ânimo, em que está o Ministério actual a respeito desse negócio. Na minha presença se assentou, que a ley, que abolio o judaísmo, está em toda a sua força, e vigor, e que por isso se deve cumprir e observar como nella se contém.²²¹ Nessa matéria não há mais novidade do que huma consulta feita, <sobre hum requerimento>, pelo D. Prior de Thomar pelo que pertence às inquiriçoens dos seos frades fundado em não ter havido Bulla contrária à que elles têm para se não poderem habilitar os judeos. A qual consulta não pode servir de obstáculo à execução, e observância da dita ley. O Visconde diz, que vos escreva, que procedais afoito nessa matéria, e na execução das leys, obrando o que entenderes, e fazendo-as observar, e que não tenhais medo. Sem embargo disso porem sempre vos aconselho a moderação, e circunspecção em tudo o que obrares.

A papelada respectiva ao negócio da igreja de Papízios²²² já cá chegou, e por via particular. Ouço, que vos há-de ser remetida para informares sobre ella. O cazo dos embargos à colação do apresentado na dita igreja hé novo. Aqui houve tãobem quem ultimamente embargou huma carta de hum lugar de letras dado a hum bacharel depois de assinada pela Rainha, não se tendo ainda visto outro semelhante dezaforo. Como nenhum delles se cohibe, hão-de hir crescendo, e subindo cada vez mais de ponto. O Visconde me

²²¹ Lei de 25 de maio de 1773, de abolição da distinção entre cristãos novos e cristãos velhos.

²²² A igreja de São Miguel de Papízios (c. Carregal do Sal) do bispado de Viseu fez parte do padroado da Universidade.

disse, que tem cá muitos papéis da Universidade, e que tem já pedido muitas vezes audiência para os propor sem a ter podido obter. Não me falou por hora na vossa vinda. Disse-lhe que a Universidade necessitava muito de que Sua Ex.^a lhe ponha os olhos, e que concorra pelo provimento dos lentes, ao que me respondeu, que ainda não tem vindo as informações dos concursos. Também me falou em hum requerimento, que fazem os Teólogos, para que se peça de Roma huma nova Bulla a respeito das rezidências dos que têm canonicatos; sobre o qual me disse se lhes ordenava, que se explicassem declarando a razão, com que se fundavaõ para o pedir. Também me disse, que tinha vindo informado o requerimento do Bispo de Elvas, e outros mais sobre conezias.

O Godinho ainda se não despedio de mim; elle veyo emtabular o requerimento do seu officio; e me disse, que assim que o puzesse em via, partia. Com elle há-de hir o vosso Vasco, que por falta de boa companhia não tem já partido.

Jozé de Seabra tomou parede²²³ no dia do beija-mão por ser essa huma das honras de que gozaõ os Ministros e Secretários do Estado, de que elle devia participar, visto estar já restituído a todas as de que elles gozaõ. Está bem aceito [sic] do Marquez de Angeja e também do Visconde, mas não sei, se tornará a ser Ajudante. El Rey não hé desse voto. Mas tudo vence o tempo, e conseguem as muitas instâncias. O Duque de Lafoens chegou, foi ao Paço, e adoeceu logo, dizem que de cezoens. Fala-se muito em Presidentes de Tribunaes, o Penalva para o Paço, Villaverde para o Senado, Valadares para a Consciência. Mas eu só o ouço ao povo. O negócio das igrejas de Braga não vai bem. Favorecerei aos Terceiros para a igreja que querem, e expedirei os cónegos. A Deus

Azeredo Coutinho

[na margem superior da 1.^a fl., em adenda]:

Lisboa 9 de janeiro de 1779

A Marqueza de Angeja vai melhor. Morreu um hirmão de Jozé Frederico Ludovici²²⁴ Secretário das Justiças do Dezembargo do Paço, que actualmente cursava essa Universidade.

223 “Tomar parede” era expressão usada na corte, no momento do beija-mão real, significando a presença em lugar de destaque, para determinadas individualidades, durante essa cerimónia protocolar.

224 João Pedro Ludovice, natural de Lisboa, frequentava então o 4.º ano da Faculdade de Leis. O *Livro de Matrículas*, vol. 7 (1778-1779), fl. 27v, apresenta a informação lançada à margem “Falescido” – (cota AUC – IV-1.ºD-2-3-74). Era neto do arquiteto João Frederico Ludovici e seu pai, João Pedro Ludovice, foi igualmente architecto.

Índice cronológico das cartas

- 1 – 1775, agosto, 21, Quinta das Praias
- 2 – 1775, setembro, 23, Lisboa
- 3 – 1775, setembro, 24, Lisboa
- 4 – 1775, setembro, 26, Lisboa
- 5 – 1775, setembro, 29, Lisboa
- 6 – 1775, outubro, 14, Lisboa
- 7 – 1775, outubro, 17, Lisboa
- 8 – 1775, outubro, 28, Lisboa
- 9 – 1775, novembro, 2, Lisboa
- 10 – 1775, novembro, 5, Lisboa
- 11 – 1775, novembro, 7, Lisboa
- 12 - 1775, novembro, 27, Lisboa
- 13 - 1775, dezembro, 2, Lisboa²²⁵
- 14 - 1775, dezembro, 9, Lisboa
- 15 - 1775, dezembro, 16, [Lisboa]
- 16 - 1775, dezembro, 19, Lisboa
- 17 - 1776, janeiro, 13, Lisboa
- 18 - 1776, janeiro, 19, Lisboa
- 19 - 1776, fevereiro, 10, Lisboa
- 20 - 1776, fevereiro, 17, Lisboa
- 21 - 1776, fevereiro, 24, Lisboa
- 22 - 1776, março, 2, Lisboa
- 23 - 1776, março, 13, Lisboa
- 24 - 1776, março, 16, Lisboa
- 25 - 1776, março, 21, Lisboa
- 26 - 1776, março, 23, Lisboa
- 27 - 1776, março, 27 (?), Lisboa
- 28 - 1776, abril, 1, Lisboa
- 29 - 1776, abril, 18, Lisboa
- 30 - 1776, abril, 23, Lisboa
- 31 - 1776, abril, 30, Lisboa
- 32 - 1776, maio, 9, Lisboa
- 33 - 1776, maio, 11, Lisboa
- 34 - 1776, maio, 18, Lisboa
- 35 - 1776, junho, 16, Lisboa

²²⁵ Existe outra carta com a mesma data que não foi transcrita, pelas razões já invocadas.

- 36 - 1776, julho, 3, Lisboa
- 37 - 1776, julho, 6, Lisboa
- 38 - 1776, julho, 9, Lisboa
- 39 - 1776, julho, 20, Lisboa
- 40 - 1778, janeiro, 17, Lisboa
- 41 - 1778, agosto, 8, Lisboa
- 42 - 1778, agosto, 15, Lisboa
- 43 - 1778, agosto, 19, Lisboa
- 44 - 1778, agosto, 22, Lisboa
- 45 - 1778, agosto, 29, Quinta das Praias
- 46 - 1778, setembro, 5, Quinta das Praias
- 47 - 1778, setembro, 12 (1ª carta), Quinta das Praias
- 48 - 1778, setembro, 12 (2ª carta), Quinta das Praias
- 49 - 1779, janeiro, 9, Lisboa

Bibliografia

- ALMEIDA, Manuel Lopes de (1937) – *Documentos da Reforma Pombalina (1771-1782)*. Vol. 1. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- ALMEIDA, Manuel Lopes de (1972) – *Artes e ofícios em documentos da Universidade, vol. 3 (1630-1650)*. Coimbra.
- BARATA, Maria do Rosário Themudo (1975) – «A Gazeta de Amsterdam de 1675 e as suas notícias de Portugal». *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. 9: 287-317.
- BENTO, Anabela (1993) – A construção do edifício pombalino do Museu da História Natural da Universidade de Coimbra. *Actas do Colóquio a Universidade e a Arte*. Coimbra, p. 177-219.
- BRAGA, Teófilo (1894) – *Dom Francisco de Lemos e a Reforma da Universidade de Coimbra*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- BRAZ, Fabiana Schondorfer; CONTI, Paulo Fillipy de Souza (2013) – «D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho». *Revista Tempo Histórico*, vol. 5, p. 1-18,
- CANTARINO, Nelson Mendes (2012) – *A razão e a ordem: o bispo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho e a defesa ilustrada do antigo regime português (1742-1821)*. São Paulo.
- CAPELO, Ludovina Cartaxo (2010) – *O fundo documental da Universidade de Évora no Arquivo da Universidade de Coimbra*. Évora: Universidade de Évora.
- CARDOSO, Lino de Almeida (2011) – *O som social: música, poder e sociedade no Brasil (Rio de Janeiro séculos XVIII e XIX)*. São Paulo.
- CASTRO, Maria João; CAPELO, Ludovina (1995) – Catálogo da Coleção Salema Garção. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra* 13-14 (1993-1994), p. 161-185.

- CORREIA, Joaquim Manuel; GUEDES, Natália Correia (1989) – *O Paço Real de Salvaterra de Magos – a Corte, a Ópera, a Falcoaria*. Lisboa: Livros Horizonte.
- COSTA, Américo (1929-1949) – *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular*. Porto: Livraria Civilização. 12 vol.
- COSTA, Mário Alberto Nunes – *Documentos para a história da Universidade de Coimbra (1750-1772)*. Coimbra.
- CRAVEIRO, Lurdes (1990) – *Manuel Alves Macombos, Arquitecto da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Instituto de História de Arte.
- FRANCO, Matilde Pessoa Sousa (1983) – *Riscos das Obras da Universidade*. Coimbra, MNMC.
- GODINHO, Carlos Alberto da Graça (2009) – *A Sé de Coimbra em conflito (1758-1780). Meios Cónegos e Terceiros em oposição aos Capitulares*. Coimbra: FLUC.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1935 - 1960) – Liboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédica, Limitada, 40 vol.
- HOBBS, Catherine (2001) – The character of Personal Archives: Reflections on the value of Records of Individuals. *Archivaria, The Journal of the Association of Canadian Archivists*, 52, p. 127-128.
- MIRABEAU, Bernardo António Serra de (1889) – D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. Esboço histórico-biográfico. *O Instituto*, 36. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 597-609, 669-678, 737-741.
- MORA, Mariana (1993) – Os projectos de remodelação do Paço das Escolas ao tempo da Reforma Pombalina. *Actas do Colóquio A Universidade e a Arte, 1290-1990*. Coimbra: Instituto de História de Arte, p. 129-167
- MOREIRA, Alzira Teixeira Leite (1977) – *Inventário do fundo geral do Erário Régio: Arquivo do Tribunal de Contas*. Lisboa.
- MOTA, Luís Carlos Martins de Almeida (1991) – “A Minuta para o Regimento da Livraria da Universidade de Coimbra” de António Ribeiro dos Santos. Algumas notas para o seu enquadramento sócio-cultural. *Universidade(s) História Memória Perspectivas. Actas 2. Congresso História da Universidade. 7º Centenário*. Coimbra.
- Ode á morte do ilustrissimo e eiscellentissimo [sic] senhor D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho: bispo de Coimbra, conde d’Arganil, reformador reitor da universidade* (1822). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Oração funebre que nas exequias do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra, conde de Arganil, reformador Reitor da Universidade, celebradas pela Mocidade Academica, recitada pelo Dr. Fr. António José da Rocha* (1822). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- PAIVA, José Pedro (2000) – Constituições Diocesanas. *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Dir. Carlos Moreira Azevedo. C-I. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 9-15.
- PAIVA, José Pedro, coord. (2015) – *Guia de Fundos do Arquivo da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- PIMENTEL, António Filipe (2000) – Cidade do Saber/Cidade do Poder: a Arquitectura da Reforma. *O Marquês de Pombal e a Universidade*. Coord. Ana Cristina Araújo. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- RATTON, Jacome (1813) – *Recordações de Jacome Ratton sobre occurrencias do seu tempo em Portugal...* Londres: Impresso por H. Bryer.

- Revista trimestral de historia e geografia ou Jornal do Instituto Historico Geographico Brasileiro* (1840), t. 2 (abril, n.º 5) Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, p. 118-125.
- RIBEIRO, Fernanda (2003) – *O acesso à informação nos arquivos*. Vol. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RODRIGUES, Ana Paula (2013) – *Famílias, casas e engenhos: a preservação do patrimônio no Rio de Janeiro - (Piedade do Iguaçú e Jacutinga, século XVII-XVIII)*. Nova Iguaçu (RJ), UFRRJ,
- RODRIGUES, Manuel Augusto (1984) – *Biblioteca e Bens de D. Francisco de Lemos e da Mitra de Coimbra*. Coimbra: A.U.C.
- RODRIGUES, Manuel Augusto (1986) – *D. Miguel da Anunciação e o Cabido da Sé de Coimbra*. Coimbra: AUC.
- RODRIGUES, Manuel Augusto (1992) – *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigenis, 1772-1937*. Vol. 2. Coimbra: AUC.
- ROSA, Maria de Lurdes (2009) – Problemáticas históricas e arquivísticas actuais para o estudo dos arquivos de família portugueses (Épocas Medieval e Moderna). *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 9, Coimbra, p. 9-42.
- SILVA, Armando B. Malheiro da (2004) – Arquivos familiares e pessoais. Bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interactivo. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto, p. 55-84
- SILVA, Hélia Cristina Tirano Tomás; LOURENÇO, Tiago Borges (2016) – Palácio do Machadinho – As múltiplas vidas de uma casa. *Cadernos do Arquivo Municipal*, 2. ºs., 5. Lisboa, p. 129-171.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da (2005) – *Ser nobre na colônia*. São Paulo: Editora UNESP.
- TEIXEIRA, António José (1890) – Apontamentos para a biographia de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. *O Instituto*, 37. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 1-16.
- VASCONCELOS, António de (1911) – Nota Chronologico-Bibliográfica das Constituições Diocesanas Portugesas, até hoje impressas. *O Instituto*, 58. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 491-505.
- VASCONCELOS, António de (1983) – *Escritos Vários*. Vol. 1. Coimbra: AUC. (reed. coord. Manuel Augusto Rodrigues).